



"HAROLD ROBBINS É UM MESTRE" * PLAYBOY

PIRANHAS

AUTOR BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

HAROLD
ROBBINS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

PIRANHAS OS ESTUPRADORES (PtBr)

HAROLD ROBBINS

Título original: The Piranhas

Tradução Ana Sampaio e Mário Matos

PUBLICAÇÕES EUROPA—AMÉRICA

Digitalização e Arranjo: Agostinho Costa

As piranhas não são só os perigosos peixes que vivem no rio Amazonas. São também homens e mulheres que se alimentam da sua própria ganância, imoralidade e completa falta de escrúpulos. Não são só os que dirigem negócios mafiosos e controlam as redes de narcotráfico. São também aqueles que vivem no mundo mais respeitável da alta finança.

Jed Stevens é o sobrinho meio judeu, meio siciliano do Padrinho da Mafia. Atraente, perspicaz, perseguido por inúmeras mulheres, Jed é apanhado numa teia em que se vê forçado a escolher entre o mundo que conquistou e aqueles a quem deve lealdade...

O Funeral

Chovia a cântaros às onze da manhã em frente à catedral de St. Patrick. A Polícia bloqueara o trânsito ao fundo da Quinta Avenida, desde a Rua Quarenta e Quatro até à Rua Quarenta e Nove, excepto para os autocarros que circulavam numa única faixa junto ao passeio, perto do Centro Rockefeller, do outro lado da catedral. A rua estava pejada de limusinas com vidros fumados. O passeio e a escadaria da catedral estavam apinhados de câmaras de televisão, repórteres e da multidão que costuma aparecer sempre que se trata de morte e destruição.

No interior da catedral os lugares estavam ocupados por pessoas enlutadas, algumas muito bem vestidas, outras de negro coçado, todas elas fixando o caixão cheio de dourados coberto por uma única coroa de flores. Havia no ar um ambiente expectante, enquanto aguardavam a missa que iria ser rezada pelo cardeal Fitzsimmons. Queriam ouvir o que ele ia dizer, pois sempre odiara o falecido. Eu estava sentado na fila reservada aos familiares do morto. Olhei para o caixão aberto. O meu tio parecia em forma e acordado. Melhor até do que em vida. Mesmo em criança já o achara solene e pensativo. Mas, acima de tudo, via—o sempre espreitando sobre o ombro esquerdo, o Anjo da Morte que desaparecia assim que me dirigia a palavra. Comigo na primeira fila estavam outros cinco membros da família. Entre eles, a minha tia Rosa, irmã do meu tio e do meu pai. Depois, havia as filhas casadas de Rosa e os seus respectivos maridos. Não conseguia lembrar—me dos nomes porque ao longo dos anos raramente nos tínhamos encontrado. Acho que se chamavam Cristina e Pietro, Luciana e Thomas, este último casal já com dois filhos. Do outro lado, ainda na primeira fila, encontravam—se as pessoas importantes e os amigos chegados do meu tio. O meu tio tinha muitos amigos.

Tinha de ter muitos amigos pois morrera na cama, de ataque cardíaco, e não atravessado por uma bala, que era a forma habitual de morte dos seus compatriotas. Olhei à minha volta na igreja. Reconheci alguns dos homens, sombrios nos seus fatos escuros,

camisas brancas e gravatas pretas. Danny e Samuel estavam sentados. Eram novos, talvez da minha idade, na casa dos 40. Eram os guarda—costas do meu tio. Ao homem que se sentava junto deles reconheci—o pelas fotografias em revistas e jornais. Era muito atraente, de cabelo prateado, e vestia um fato de bom corte, com um lenço preto no bolso do peito a condizer com a gravata que caía impecavelmente sobre a camisa de seda branca. O PA. Presidente da Administração. Há quinze, vinte anos, ter—lhe—iam chamado o Padrinho. O Capo di Tutti Capi. Era o que costumavam chamar ao meu tio. Mas isso era há quarenta anos. Costumavam beijar—lhe a mão. Mas hoje não. O PA era americano de quarta geração. E não era a Mafia. A Mafia talvez ainda existisse, mas na Sicília. Aqui, na América, era um conjunto de sicilianos, negros, latino—americanos, sul—africanos e asiáticos. Mas o PA segurava bem as rédeas da administração constituída pelas cinco famílias originais. O chefe de cada família sentava—se num lugar ao mesmo nível do PA. Nos lugares atrás havia outros. Os latinos, os negros, os asiáticos. A ordem nunca se alterava. Pelo menos havia muitos anos que não.

O cardeal apressou a missa. A coisa acabou em menos de dez minutos. Fez o sinal da cruz sobre o caixão, depois voltou as costas e começou a afastar—se do altar. Ao mesmo tempo, um homem magro e pequeno, que estava sentado numa fila ao centro da igreja, desatou a correr em direcção ao caixão, empunhando uma arma.

Ouvi a minha tia Rosa gritar e vi o cardeal mergulhar rapidamente atrás do altar, com a sotaina a esvoaçar. Corri atrás do homem e vi que outros também me seguiam. Mas nenhum de nós o conseguiu apanhar antes de ele esvaziar a arma no caixão; depois, endireitou—se e começou a gritar: — Uma só morte não chega para os traidores!

Os guarda—costas do meu tio derrubaram o homem. Cheguei mesmo a tempo de os ver começarem a torcer—lhe o pescoço, mas o PA já lá se encontrava. Fez um gesto com a mão e abanou a cabeça.

— Não — disse.

Os guarda—costas levantaram—se e nessa altura já o caixão estava rodeado de polícias. Dois detectives à paisana comandavam a operação. Um deles apontou para o homenzinho estendido no chão.

— Tirem—no daqui.

O outro detective apanhou a arma do chão e enfiou— a no bolso.

— Quem é que manda aqui?

Olhei à volta. O PA e os guarda—costas do meu tio já tinham regressado à primeira fila da igreja. A minha tia chorava alto. Afastou os dois genros, correu para o caixão e voltou a gritar quando viu o espectáculo. A cabeça do meu tio estava praticamente desfeita; o que restava era mais uma máscara do que um rosto humano. O lençol de seda do caixão estava manchado de miolos: pedaços de pele e de um fluido rosado que o embalsamador utilizara para substituir o sangue no corpo do meu tio.

Puxei— a para trás e empurrei— a para os braços dos genros.

— Tirem—na daqui — disse.

A tia Rosa fez o que devia fazer. Desmaiou, e dois homens arrastaram—na até ao lugar onde as filhas se apressaram a socorrê—la. Pelo menos assim estava calma. Voltei—me para um dos cangalheiros.

— Fechem o caixão.

— Não quer que o levemos para o limpar? — perguntou um deles.

— Não — respondi. — Vamos direitos ao cemitério.

— Mas ele está com um aspecto horrível — protestou o homem.

— Isso agora já não interessa — respondi. — Tenho a certeza de que Deus o vai reconhecer.

O detective olhou para mim.

— Quem é você? — perguntou.

— Não o conheço — disse o detective, com ar curioso. — Pensei que conhecia toda a família.

— Vivo na Califórnia e só vim para o funeral — respondi, retirando um cartão e entregando—lho. — Agora deixe—me pôr o funeral a andar. Estarei nas Torres Waldorf, se quiser contactar comigo esta noite.

— Só uma pergunta. Sabe alguma coisa do maluco que deu ao gatilho?

— Nada — respondi.

O cardeal dirigiu—se a nós. Tinha o rosto pálido e contraído.

— Sacrilégio — disse em voz trémula.

— Sim, Eminência — concordei eu.

— Estou muito perturbado — disse o cardeal. — Nunca aconteceu nada disto aqui.

— Lamento muito, Eminência — disse eu. — Mas, se houver danos, queira mandar—me a conta, que eu responsabilizo—me pelo pagamento.

— Obrigado, meu filho — respondeu o cardeal, olhando para mim. — Não o conheço, pois não?

— Não, Eminência — respondi. — Sou o pródigo. Sou da Califórnia.

— Mas é sobrinho dele, pelo que sei.

— É verdade — respondi. — Mas nunca fui baptizado. A minha mãe era judia.

— Mas o seu pai era católico — disse o cardeal. — Não é tarde de mais para regressar à fé.

— Obrigado, Eminência — disse eu. — Mas não há regresso nenhum porque nunca fui católico.

O cardeal olhou—me com curiosidade.

— Professas a fé hebraica?

— Não, senhor — respondi.

— Então que fé professas? — perguntou

— Sou ateu — respondi, sorrindo. Ele abanou a cabeça, tristemente.

— Lamento... por si.

Fez uma pausa, depois fez sinal a um jovem pároco para que se lhes juntasse.

— Este é o padre Brannigan, que vos vai acompanhar ao cemitério.

Havia dois carros com flores e cinco limusinas atrás da carrinha funerária, descendo a Segunda Avenida, sob o Midtown Tunnel até Long Island, entrando depois pelos portões do First Calvary. O mausoléu da família brilhava à luz do entardecer, com as suas colunas de mármore branco em frente às barras de ferro forjado da porta.

Sobre esta estava gravado o nome da Família Di Stefano, em mármore branco italiano. As portas estavam abertas quando o cortejo se deteve no caminho estreito.

Sáímos dos carros e esperámos que os homens retirassem o caixão e o colocassem numa carreta, empurrando— a em direcção ao mausoléu. As flores foram imediatamente descarregadas e levadas atrás do caixão. A tia Rosa e a sua família, que tinham seguido no primeiro carro do cortejo, seguiam ao lado do padre Brannigan. Eu fora no segundo carro com os guarda— costas do meu tio e seguimos a tia Rosa e a família.

Três carros atrás saiu o presidente, os guarda— costas, os advogados e contabilistas do meu tio. A seguir vinham seis homens de idade, todos italianos, provavelmente amigos do meu tio. As flores foram colocadas à entrada, junto às portas do mausoléu. O caixão ainda estava sobre a carreta, a meio do compartimento. Num dos cantos ficava um altar sobre o qual um Cristo tristonho olhava para o caixão colocado aos pés da cruz onde Ele agonizava.

Rapidamente, o padre, com a voz a ecoar pelo compartimento, ministrou os Santos Sacramentos e os últimos ritos, depois fez o sinal da Cruz e recuou. Um dos cangalheiros deu uma rosa a cada um dos presentes e depois a tia Rosa colocou a sua sobre o caixão. Seguimos —lhe o exemplo. Calmamente, quatro homens ergueram o caixão e fizeram—no deslizar para o seu lugar na parede. A seguir, dois homens fixaram uma placa de bronze. À luz coada pelos vidros da janela consegui ler Rocco di Stefano. Nasceu em 1908. Morreu em... D. E. P.(1) A tia Rosa recomeçou a chorar e os genros acompanharam —na cá fora. Passei os olhos pelas paredes. Vi nomes de familiares que nunca conhecera. Mas o meu pai e a minha mãe não estavam lá. Estavam enterrados num cemitério na zona norte de Nova Iorque, nas margens do rio Hudson.

Fui a última pessoa a sair do mausoléu. Fiquei a observar um dos empregados do cemitério a fechar a porta à chave. Olhou para mim. Percebi a mensagem. Tirei do bolso uma nota de cem dólares e enfiei-lha na mão. Ele levou os dedos ao boné em sinal de agradecimento.

*1. Descansa em Paz. (N. da T.)

Depois, comecei a descer o caminho. A carrinha funerária e os carros das flores já lá não estavam. Cheguei ao pé da tia Rosa e beijei — a.

— Telefone — lhe amanhã.

Ela assentiu, com os olhos cheios de lágrimas. Apertei a mão aos genros, beijei os meus primos nas faces e fiquei à espera de que a limusina arrancasse. Dirigi — me ao meu carro, onde os dois guarda — costas ainda estavam à espera. Um deles abriu — me a porta, deferentemente. A voz do PA soou calmamente atrás de mim.

— Levo — te até à cidade. Olhei para ele.

— Temos muitas coisas a discutir — disse ele.

Abanei a cabeça e fiz sinal aos guarda — costas para que continuassem. Segui o PA até à sua limusina. Aquele era o seu próprio carro, todo negro, com vidros fumados. Entrei no carro atrás dele. Um homem de fato escuro fechou — me a porta e sentou — se ao lado do motorista. O automóvel arrancou lentamente.

O PA carregou num botão e o vidro fumado entre o compartimento dos passageiros e o motorista fechou — se.

— Agora podemos falar à vontade — disse ele. — Os vidros são à prova de som. Não conseguem ouvir nada do que a gente disser.

Olhei — o em silêncio.

Ele sorriu e os seus olhos azuis brilharam.

— Se te puder chamar Jed, podes chamar — me John. Estendeu — me a mão. Agarrei — lha. Era firme e forte.

— Ótimo, John. Agora, de que vamos falar?

— Em primeiro lugar, quero dizer — te que tinha o maior respeito pelo teu tio. Era um homem honrado e nunca faltou à sua palavra.

— Obrigado — respondi.

— Lamento aquele estúpido incidente lá na igreja. O Salvatore Anselmo é um velho que não tem os parafusos todos. Há trinta anos que andava a dizer que matava o teu tio, mas nunca teve tomates

para o fazer. Agora, foi tarde de mais. Não se pode matar um homem que já morreu.

— A vingança era porquê? — perguntei.

— Aconteceu há tanto tempo que acho que já ninguém se lembra. O mais certo é porem—no na ala dos malucos de Bel—levue. Por fazer desacatos, ou coisa parecida. Mas ninguém se atreverá a apresentar queixa. Vão acabar por o mandar para junto da família.

— Pobre diabo — disse eu. John curvou—se e abriu o bar.

— Tenho um bom uísque. Acompanhas—me numa bebida? Acenei com a cabeça.

— Com gelo e água.

Agarrou numa garrafa de Glenlivet e serviu duas doses. Juntou cubos de gelo e água Evian que retirou de uma garrafa. Erguemos os copos.

— À nossa.

Provei a bebida. Era boa. Estava mesmo a precisar dela.

— Obrigado — disse. Ele sorriu.

— Agora, passemos aos negócios. Amanhã os advogados informar—te—ão de que és o executor testamentário do teu tio. Os bens, com a excepção de alguns legados pessoais à tua tia e à família, serão colocados numa fundação que os distribuirá por diversas instituições de caridade. Uma responsabilidade enorme. De cerca de duzentos milhões de dólares.

Fiquei calado. Sabia que o tio Rocco tinha muito dinheiro, mas não imaginara que fosse tanto.

— O teu tio não pensou que fosse necessário deixar—te dinheiro, uma vez que já és rico, e depois, como executor testamentário, vais ganhar entre cinco a dez por cento da distribuição dos fundos pela fundação.

— Não quero dinheiro nenhum — retorqui.

— O teu tio disse que irias ter essa reacção, mas agora é uma questão de cumprir a lei — disse John.

Reflecti durante um bocado.

— Okay — disse. — E onde é que você entra?

— No que diz respeito aos bens, não entro em nada — respondeu. — Mas há outras coisas. Há quinze anos, quando o teu

tio se retirou para Atlantic City, fez um acordo com a família De Longo e a família Anastasia, e eles deram—lhe Atlantic City. Isso foi antes de se pensar que aquilo se ia tornar um local de jogo. Desde aí todos os sindicatos e outras instituições ficaram sob o controlo do teu tio.

Agora, gostaríamos de tomar conta do negócio. Olhei para ele.

— É muito dinheiro? Ele assentiu.

— Quanto? — perguntei.

— Quinze, vinte milhões por ano — respondeu. Fiquei calado.

— Não estás interessado em ficar com isso?

— Não — respondi. — Não é a minha especialidade. Mas acho que devo contribuir para a fundação do tio Rocco, quanto mais não sej a por respeito à sua memória. Afinal, segundo percebi, o tio Rocco tomou conta do negócio quando Atlantic City era uma cidade vulgar, e ajudou— a a conquistar o lugar que hoje ocupa.

John sorriu.

— De estúpido não tens nada. Se quisesses continuar com a organização, estarias morto dentro de um ano.

— Provavelmente — respondi. — Mas tenho os meus próprios negócios e não estou interessado nos do tio Rocco. Mas acho que deviam fazer uma doação à fundação.

— Quanto? — perguntou John.

— Vinte milhões de dólares estaria bem.

— Dez milhões — regateou John.

— Quinze, e temos acordo — disse eu.

— Combinado. Estendeu—me a mão. Apertei—lha.

— O dinheiro tem de ser colocado na fundação antes das partilhas — disse eu.

— Percebo. Será depositado amanhã. Voltou a encher os copos.

— És muito parecido com o teu tio — disse. — Como é que nunca entraste nos negócios da família?

— O meu pai não gostava—respondi. — E quando era novo tive oportunidade de perceber que este não era o meu estilo.

— Podias estar no meu lugar — disse ele. Abanei a cabeça.

— Nesse caso, um de nós estaria morto.

Fiquei calado durante um bocado e depois abanei a cabeça.

— Nessa altura era muito novo — disse eu, recordando a subida do Amazonas com o meu primo Angelo, há muitos anos.

LIVRO I

ANGELO E EU

1.

Eu suava por todos os lados, embora devesse estar mais fresco à tarde. Limpei —me com a toalha encharcada na água cálida do rio Amazonas. Não ajudou. Não havia nada que ajudasse. Não era o calor, era a humidade. Mas aquilo não era humidade, era água. E quente. Estendi—me num dos cantos da popa.

Estava lixado. Nunca devia ter dado ouvidos ao meu primo Angelo. Fora há dois meses, em Junho para ser exacto. Sentá—mo—nos na Pool Room no Four Seasons de Nova Iorque, numa mesa junto à piscina. Só Angelo e eu. Tinha acabado o curso da Wharton School.

— Não tens de começar já a trabalhar—disse—me Angelo. — Precisas é de umas férias, de aventura.

— Isso é conversa de merda — respondi. — Tenho propostas de dois dos melhores correctores de Wall Street. Querem—me já.

— Quanto te pagam? — perguntou ele, acabando o seu vodca e mandando vir logo outro.

— Quarenta mil por ano, para começar.

— Isso é uma merda — disse Angelo. — Podes arranjar uma coisa dessas em qualquer altura.

Olhou para mim.

— Estás à rasca de dinheiro?

— Não — respondi. Ele sabia tão bem como eu que o meu pai me deixara mais de um milhão de dólares.

— Então, qual é a pressa? — Angelo olhou para uma rapariga que estava do outro lado da piscina. — Aquilo é que é classe — disse, com ar apreciativo.

Olhei para ela. Não percebi de que é que ele estava a falar. Ela era vulgar. Cabelo castanho comprido, óculos com lentes largas que faziam os olhos parecer enormes, nada de soutien, mamas pequenas. Fiquei calado.

Ele voltou—se para mim.

— Vou para a América do Sul no mês que vem — disse. — Gostava que viesses comigo.

— Para quê? — perguntei.

— Esmeraldas — respondeu ele. — Hoje valem mais do que diamantes, e eu tenho uma mala cheia delas para trazer.

— Ilegalmente? — perguntei.

— Claro — disse ele. — Mas já tratei de tudo. Transporte. Alfândega. Não vai haver problemas.

— Isso não é a minha especialidade — disse eu.

— Podíamos dividir dois milhões — continuou ele. — Sem problemas. A família dá—me cobertura.

— O meu pai retirou—se disso há muitos anos. Acho que não me devo meter.

— Não te vais meter em nada — disse ele. — Só vais fazer—me companhia. És da família. Se levasse outra pessoa podia logo começar com ideias.

Olhou novamente para a rapariga.

— Achas que lhe posso mandar uma garrafa de Dom Perignon?

— Esquece — disse eu. — Conheço o género. Tipo sabida.

— É dessas que eu gosto. Aquecê—las e pô—las malucas. Riu—se. Voltou—se para mim. Sério.

— Então, vens comigo? Hesitei.

— Deixa—me pensar.

Mas já sabia que iria com ele. Enfiar o nariz em livros não era muito o meu género. Era muito chato. Em Wharton não havia aventura nem acção. Não era como no Vietname.

O meu pai ficou lixado quando me alistei. Tinha 19 anos e acabara o curso do liceu. Disse—lhe que acabaria por ser incorporado mesmo que não me alistasse. Assim, pelo menos tinha liberdade de escolha. Isso foi o que eu pensei, mas o exército não foi da mesma opinião. Não precisavam de um relações públicas. Já havia gente suficiente a passar patranhas para os órgãos de comunicação. O que eles queriam era soldados de infantaria, e lá estava eu. Soldado Número Um. Imbecil. Tive quatro meses de recruta. Saltei de aviões e helicópteros, escavei buracos. Depois, para Saigão. Três putas e cinco milhões de unidades de penicilina. Trinta e tal quilos de armamento.

Uma espingarda automática, um revólver, uma pistola de calibre 45, uma bazuca e seis granadas de mão. Saltei para o meio da noite, a

quatro horas de Saigão. A noite estava calma. Silenciosa. Nem um som, excepto nós, os imbecis, a gemer quando caímos no chão. Levantei-me e procurei o tenente. Nem sinais dele. O soldado à minha frente voltou-se.

— Isto é uma armadilha — disse. — Não há ninguém aqui. Depois pisou uma mina e pedaços do corpo dele espalharam-se por cima de mim.

Foi o fim da minha carreira no exército. Quatro meses mais tarde, depois de ter saído do hospital onde me tinham tratado da cara, deixando-me duas pequenas cicatrizes junto ao queixo, entrei pelo escritório do meu pai.

Ele estava sentado atrás de uma grande secretária. Era um homem pequeno e adorava aquela secretária. Olhou-me.

— És um herói — disse, sem qualquer expressão.

— Não fui um herói — respondi. — Fui um imbecil.

— Pelo menos, reconheces. Isso já é um passo no bom caminho.

Levantou-se.

— Agora que vais fazer?

— Ainda não pensei — respondi.

— Já tiveste a tua vez quando decidiste ir para a tropa — disse ele, olhando para mim. — Agora é a minha vez.

Não respondi.

— Quando eu morrer ficas rico — disse ele. — Talvez com um milhão, ou mais. Quero que vás para a Wharton School.

— Não tenho hipóteses de lá entrar — disse eu.

— Já te meti lá — continuou ele. — Começas em Setembro. Acho que é o sítio certo para aprender a lidar com dinheiro.

— Não há pressa, pai — disse eu. — Tu vais viver durante muito tempo.

— Isso ninguém sabe — disse ele. — Também pensei que a tua mãe ia viver para sempre.

A minha mãe morrera há seis anos, mas o meu pai ainda sentia a falta dela.

— O cancro da mãe não foi culpa tua — disse eu. — Não sejas tão italiano.

— Não sou italiano, sou siciliano — disse ele.

— Para mim é o mesmo.

— Não digas isso ao meu irmão — comentou ele. Olhei—o.

— Que é feito do padrinho?

— Está bem—respondeu o meu pai.—Os federais não conseguiram deitar—lhe a mão.

— Ele é levado da breca — disse eu.

— Pois é — disse o meu pai, em tom de desaprovação. Quando era novo, o meu pai rompera com a família. Não era o seu tipo de vida. Meteu—se no negócio de aluguer de automóveis e passado pouco tempo já tinha agências nos aeroportos de todo o país. Não era a Avis ou a Hertz, mas o negócio não corria nada mal. Vinte milhões brutos por ano. Não soubera nada do irmão durante anos, e só soube alguma coisa quando a minha mãe morreu. Aí o meu tio mandou muitas flores. O meu pai deitou—as todas fora. A minha mãe era judia e os judeus não têm flores no funeral.

— Sabes o que Angelo faz? — perguntei. Angelo era meu primo direito, alguns anos mais velho do que eu.

— Ouvi dizer que trabalhava para o pai.

— Pois claro — disse eu. — Os bons rapazes italianos metem—se no negócio da família.

Olhei para ele.

— Estás à espera de que eu me meta nos teus negócios? O meu pai abanou a cabeça.

— Não, vou vender.

— Porquê? — perguntei, surpreendido.

— Já são muitos anos — disse ele. — Pensei que era altura de viajar. Nunca vi nada do mundo e tenciono começar pelo sítio onde nasci. A Sicília.

— Tens uma pequena para levar contigo? — perguntei. O meu pai corou.

— Não preciso de ir com ninguém.

— Fazia—te companhia — disse eu.

— Já sou velho de mais — disse ele. — Não saberia o que fazer com uma pequena.

— Encontra a rapariga certa, que ela ensina—te — disse eu.

— Isso são modos de falar com o teu pai? — perguntou ele, indignado.

Aconteceu. Fui para Wharton e o meu pai vendeu o negócio e partiu para a Sicília. Mas algo correu mal. O carro despistou—se numa estrada sinuosa que descia do monte Trapani para Marsala.

O meu tio telefonou—me antes de eu partir para a Sicília, para me dizer que fosse buscar o corpo do meu pai.

— Vou mandar dois guarda—costas contigo.

— Para quê? — perguntei. — Ninguém se vai meter comigo.

—Não sabes—disse ele. — Eu amava o teu pai. Talvez não estivéssemos de acordo em algumas coisas, mas isso não tem importância. Sangue é sangue. Além disso, ouvi dizer que alguém sabotou os travões do carro do teu pai.

Fiquei calado durante um bocado.

— Porquê? Toda a gente sabe que ele estava limpo.

— Isso na Sicília não significa nada. Lá não sabem nada disso. O que sabem é que ele era da minha família. Não quero que te apanhem. Vais levar dois guarda—costas.

—Nem pensar nisso—disse eu.—Sei cuidar de mim. Pelo menos, aprendi isso na tropa.

— Aprendeste foi a ir pelos ares — disse ele.

— Isso foi outra história — disse eu.

— Okay — continuou ele. — Pelo menos deixas Angelo ir contigo?

— Se eu sou quente, então ele é muito mais. É seu filho.

— Mas conhece as regras do jogo e, além disso, fala siciliano. De qualquer forma, ele quer ir contigo. Também gostava muito do teu pai.

— Okay — disse eu. Depois, pus uma questão. — Angelo não tem nenhum negócio por lá?

O meu tio estava a mentir quando respondeu. Pensei durante um momento. Na verdade, não fazia qualquer diferença.

— Okay — disse. — Então, vamos juntos.

O meu tio foi mais esperto que eu. Eu não precisava de guarda—costas. Mas Angelo andava sempre com quatro homens armados e, uma vez que estava comigo, acabámos por ter guarda—costas.

Não houve problemas na Sicília. A pequena cerimónia fúnebre que teve lugar na igreja de Marsala foi calma, com poucas pessoas a assistir, nenhuma das quais eu conhecia, embora fôssemos todos parentes. Recebi as condolências e abraços, enquanto a carrinha levava o caixão para Palermo, de onde seria transportado de avião para Nova Iorque. O desejo do meu pai era ser enterrado ao lado da minha mãe. Foi cumprido.

Uma semana mais tarde eu estava no cemitério quando o caixão foi colocado debaixo da terra. Em silêncio, atirei um punhado de terra e afastei-me.

— O teu pai era um bom homem — disse o meu tio, pesadamente.

— Pois era — respondi.

— Que vais fazer agora? — perguntou ele.

— Acabar a escola. Termino o curso de Administração em Junho.

— E depois que vais fazer? — perguntou o meu tio.

— Arranjar um emprego — respondi.

O meu tio ficou calado. Angelo olhou para mim. — És um parvo — disse ele. — Temos muitos negócios onde podias entrar.

— Negócios legais — acrescentou o meu tio.

— O meu pai queria que eu seguisse o meu próprio caminho — disse eu. — Mas, de qualquer modo, obrigado pela oferta.

— És igualzinho ao teu pai — resmungou o meu tio. Ri-me.

— Exactamente. E Angelo é igual a si. Tal pai, tal filho. O meu tio abraçou-me.

— És da família. E amo-te.

— E eu amo-o a si — disse eu, ficando a vê-lo dirigir-se ao carro. Depois, voltei-me para Angelo. — Quais são os teus planos?

— Tenho um encontro na cidade — disse ele. Apontou para a limusina. — Vou contigo, se não te importas.

— Okay...

Seguimos em silêncio enquanto a limusina se dirigia para Manhattan. Só quando chegámos a Midtown Tunnel é que eu falei.

— Quero agradecer-te teres ido comigo à Sicília.

Não o sabia na altura, mas estava mesmo a precisar do teu apoio. Obrigado.

— De nada — disse ele. — És da família. Assenti com a cabeça.

—O meu pai gostava mesmo que viesses trabalhar connosco.

— Agradeço — disse eu —, mas esse não é o caminho que quero seguir.

— Okay. — Angelo sorriu. — Sempre tive curiosidade. Por que é que o teu pai mudou o nome Di Stefano para Stevens?

— Isso foi para se afastar do nome de família — respondi. — Mas Stevens é um nome irlandês. Não estou a perceber. —O meu pai explicou—me—disse eu. — Todos os italianos quando querem mudar de nome arranjam um nome irlandês.

— Mas o teu nome não é irlandês.

— Foi ideia do meu pai. Queria que eu fosse o mais possível americano.

Ri—me.

A limusina saiu do túnel. Ele olhou pela janela.

— Deixa—me no cruzamento do parque com a Rua Cinco.

— Okay.

— Queres jantar hoje? Tenho umas miúdas muito giras.

— Hoje vou fazer as malas. Amanhã volto para a escola. Mas obrigado, de qualquer modo.

— Acabas o curso em Junho? — perguntou ele.

— Sim.

— Então vou manter—me em contacto — disse ele.

E foi o que fez. Antes que tivesse dado conta já estava a suar num velho barco sobre o Amazonas enquanto ele no camarote fornicava uma bela rapariga peruana que contratara em Lima como tradutora.

Olhei para a luz do sol que saía filtrada através das árvores na margem do rio. Estava encharcado em suor. Agarrei num cigarro. Angelo devia ser melhor do que eu se conseguia fornicar com um calor daqueles.

2.

Do banco na popa do barco observei um macaco movendo—se agilmente por entre a verdura da margem. Saltava graciosamente de galho em galho. De repente parou e pôs—se de cócoras. Pôs—se a olhar para mim. Eu sabia que era um amador. Depois, desapareceu rapidamente quando Angelo saiu da cabina. Só trazia cuecas e tinha os pêlos do peito, dos ombros e das costas encharcados em suor. Abriu uma garrafa de cerveja e pôs—se a beber. Desgostoso, atirou — a borda fora.

— Não presta — disse.

— Não há gelo — disse eu, olhando para ele.

— Porra! — exclamou ele, atirando—se para cima do banco, ao meu lado. — Aquela vaca deixou—me estoirado — acrescentou, com incredulidade.

Sorri e agarrei noutra cerveja.

— De que te estás a rir? — perguntou ele, zangado.

— Não me estava a rir — disse eu.

— Não acredito — disse ele.

— Ela está habituada ao calor. Tu não.

— Tens um cigarro? — perguntou ele. Passei—lhe o maço e fiquei a vê—lo acender o cigarro.

— Quando é que saímos daqui? — perguntei.

— De manhã — disse ele. — Devemos estar carregados às dez e arrancamos logo.

— Julguei que tínhamos vindo por causa das esmeraldas — disse eu. — Mas afinal estamos sentados em cima de duas toneladas de folhas de coca.

— Os colombianos não querem o nosso dinheiro. Querem coca. Deixamos—lhes as folhas e eles dão—nos as esmeraldas.

Olhei—o nos olhos.

— Estás cheio de merda — disse eu. — Agora que já estou metido nisto, por que não me contas a história toda?

— Não vais gostar — disse ele, retribuindo—me o olhar.

— Experimenta — respondi.

— É a diferença entre dois e vinte milhões — disse ele.
— Como é isso? — perguntei. Ele não respondeu.
— Nunca houve esmeraldas — acusei eu. Ele abanou a cabeça.
— Tu és da família — disse. — O único em quem podia confiar.
— O teu pai sabe?
— Não queria que viesses. A ideia foi minha. Atirou o cigarro pela borda fora.

— Além disso, deves—me uma pela Sicília.
— Não aconteceu nada lá — disse eu.
— Porque eu lá estava. Tinha quatro homens para nos proteger. Sozinho não te tinhas safado.

Fiquei calado. Não sabia se havia de acreditar ou não. Talvez nunca o viesse a saber.

— Agora, que fazemos?
— Descemos o rio até Iquitos. Tenho um DC 3 para nos levar para o Panamá. Dali um Cessna leva—nos até Miami, onde largamos a encomenda. Depois, temos reserva no voo da Eastern até Nova Iorque.

Abanei a cabeça.
— Fui mesmo um camelo.
— Não vou contar isso a ninguém — disse ele a rir—se. — Fica tudo em família.

— Conheces as pessoas com quem nos vamos encontrar? — perguntei.

— Pessoalmente, não — respondeu ele.
— Como vais dar com elas?
— Elas dão connosco. Está tudo tratado. A alfândega de Miami foi comprada.

— Quero sair disto — disse eu, abanando a cabeça. — Este jogo não é meu.

— Agora, não podes sair — disse ele. — Os charters estão todos em teu nome. Teve de ser. O meu nome já está em muitas listas.

— Continuo a não gostar. Há muita coisa que pode correr mal. Podemos ser desviados, podem assaltar—nos. Fico nervoso.

Angelo olhou para mim, depois voltou a entrar na cabina. Voltou passados momentos e meteu—me um revólver automático na mão.

— Isso é para segurança — disse. — Sabes usá-la?
— Tive uma destas no Vietname.
— Se alguém se mostrar suspeito, trata-lhe logo da saúde.

Devolvi-lhe a arma.

— Não — disse.
— Okay — disse ele. Poisou a arma sobre o banco, ao meu lado.
— Vou nadar um bocado — disse e mergulhou.

Alma saiu da cabina — nesse momento. A camisa de algodão de Angelo tapava-a até meio das pernas. Olhou primeiro para a arma, depois para mim.

— Por que razão trouxe ele a arma? — A sua voz reflectia apenas um leve sotaque espanhol

— Queria que eu ficasse com ela — respondi.

Ela era uma rapariga bonita, mas o seu rosto reflectia preocupação.

— Ele está à espera de problemas?
— Não — respondi. Olhei para ele vendo-o nadar.
— Como está a água? — gritei.
— Óptima — respondeu-me. — Anda daí.
— Não, obrigado. Chamou Alma.
— Anda, querida. A água está óptima.

Ela hesitou, olhando para mim e depois deixou cair a camisa e fez pose.

— Gostas? — perguntou com voz provocante. Ri-me.

— És uma puta.

— E eu acho que tu és bicha.

— Não és a minha rapariga — disse eu.

— Mas nem sequer olhaste para mim — disse ela.

— Tenho as minhas regras — respondi, agarrando noutro cigarro.

Mergulhou na água. Desapareceu à superfície e voltou a aparecer à frente de Angelo a cerca de vinte metros do barco. Ela agarrou-o e ele puxou-a para debaixo de água.

— Loco. — O pesado capitão peruano falou atrás de mim.

Olhei para ele.

— Diga aos seus amigos para voltarem para o barco — disse, no seu inglês macarrónico. — Não é seguro.

Algo na sua voz me fez acreditar que estava a falar a sério.

— Angelo! — gritei. — O capitão quer que voltes para o barco.

— Para quê?

— Diz que é perigoso.

— Tretas — riu—se ele. — A água está calma. Voltou—se à procura da rapariga.

— Grande cabra! Pára de me agarrares os tomates.

— Nem sequer estou perto de ti — gritou ela a alguns metros de distância.

— Meu Deus! — Angelo deu um berro, logo seguido de um grito de dor.

— Que raio é isto?

Debateu—se na água tentando regressar ao barco.

— Piranhas! — gritou um dos marinheiros, agarrando num gancho e atirando—o para dentro de água.

Alma começou a nadar em direcção a nós. — Vêm atrás de mim! — gritou.

Agarrou a ponta do gancho e o marinheiro puxou—a para cima. As pernas dela tinham marcas de pequenas mordeduras de onde escorria sangue. O marinheiro deixou—a deitada no convés e tentou agarrar Angelo. Olhei para ele. Ainda se debatia e gritava mas fazia—o com mais dificuldade. Agarrei o gancho e atirei—o a Angelo, debruçando—me no convés.

— Agarra, Angelo! — gritei.

A gritar de dor, ele agarrou—se ao gancho. O marinheiro e eu puxámo—lo com dificuldade para o barco; depois o marinheiro agarrou—o pelos sovacos e içou—o.

Eu vira coisas terríveis no Vietname, mas nada tão horrível como aquilo. A perna direita tinha sido comida até ao osso, a carne da perna esquerda pendia. Angelo olhou—me com dor e medo. Olhou depois para si próprio. Não conseguiu articular palavra, só gemeu. As coxas eram uma massa informe de carne—viva e sangue. O pénis e os testículos tinham desaparecido. Voltou a olhar para mim e tentou falar, mas da sua boca não saiu nenhuma palavra.

— Ele vai morrer — disse o capitão sem ponta de emoção.
— Já vi isto. Pode demorar uma hora, talvez duas, mas acabará por morrer.

— E não podemos fazer nada? O capitão abanou a cabeça.
— Mate-o — disse, impassível. — Ou então fique a vê-lo agonizar.

Voltei-me para Angelo. Ele falou com os olhos. Ouvira o que o capitão dissera. Consegiu articular uma palavra.

— Família.
Percebi o que ele queria dizer. Agarrei na automática e destravei — a. Depois, beijei-o na testa.

— Família — disse, e tapei-lhe os olhos com a mão. Depois, puxei o gatilho.

Lentamente, endireitei-me e olhei para ele. Angelo tinha morrido. E parte de mim também. Mas outra parte de mim renascera. Família.

— Que vamos fazer com ele? — perguntou o capitão. Pela primeira vez apercebi-me de que dois marinheiros se encontravam atrás de nós.

— Não podemos fazer nada — disse eu, apontando para o mar.
— O relógio — disse o capitão, apontando para o Rolex de ouro no pulso de Angelo.

— Dê-mo — disse eu. Sabia que o meu tio o queria. Voltei-me para a rapariga que estava deitada no convés, com os olhos cheios de medo. Ouvi o ruído do embate do corpo de Angelo na água. Fiz uma pausa e depois perguntei: — Como te sentes? Ela estava assustada.

— Não me vais matar?
Apercebi-me então de que ainda segurava a arma. Pendurei-a no cinto.

— Não — respondi. Voltei-me para o capitão. — Que podemos fazer por ela?

O capitão ajoelhou-se junto a Alma.
— Não tem muitas mordeduras. As piranhas estavam ocupadas com o seu primo. Vamos pôr-lhe umas folhas de coca em cima para atenuar a dor e cicatrizar.

— Leve-a para a cabina e trate dela. Depois, volte para aqui.

— Sí, seflor — disse o capitão.

Fiquei a vê—lo agarrá—la e levá—la para baixo, seguido dos dois marinheiros que transportavam folhas de coca. Sentei—me num banco, na popa.

Alguns minutos depois apareceu o capitão.

— O meu marinheiro está a tratar dela. Que posso fazer por si?

Olhei para ele.

— Tem uma garrafa de uísque?

— Tenho rum — respondeu ele.

— Traga—o — disse eu. — Preciso de uma bebida.

3.

Só havia uma cabina espaçosa lá em baixo. Uma cortina separava a minha cama de outra maior que Angelo e Alma partilhavam. Apesar da meia garrafa de rum que eu tinha emborcado, sentia—me completamente sóbrio. A cortina estava corrida e olhei para Alma, deitada na cama. Parecia dormir. Tinha os olhos fechados. Um ténue fio de respiração saía—lhe dos lábios.

Aproximei—me dela. Toquei—lhe na testa com a palma da mão. Não tinha febre. Abriu os olhos.

— Como te sentes? — perguntei.

— Dormente — disse ela. — Não sinto as pernas.

— É das folhas de coca — disse eu. — O capitão disse—me. É cocaína pura, um anestésico. Disse também que só tens pequenas mordeduras. Daqui a uns dias estarás boa.

— Sinto—me pesada — disse ela.

— Ele deu—te um chá de folhas de coca. Vais poder descansar. Ela assentiu. Depois, os seus olhos encheram—se de lágrimas.

— Tenho pena do teu primo. Fiquei calado.

— Gostava dele — disse ela. — Era maluco mas simpático.

— Sim — concordei.

— Que vais fazer agora? — perguntou ela.

— Acho que vou continuar — respondi. — Não posso fazer mais nada.

Ela olhou—me nos olhos.

— Não choras.

— Chorar não adianta. Ele morreu. Acabou. Dirigi—me para a minha cama.

— Por que não tentas dormir? De manhã sentir—te—ás melhor.

— Vou ter pesadelos — disse ela.

— Não tenhas medo — disse eu. — Vou ficar por aqui.

Ela assentiu debilmente e fechou os olhos. Passados momentos ouvi—lhe a respiração. Dormia. Retirei a mala que Angelo colocara debaixo da minha cama. Estava fechada. Encontrei as chaves num par de calças que ele atirara para cima de uma cadeira.

A mala estava cheia de maços de notas de cem dólares. Rapidamente contei— as. Cem mil dólares. Por cima havia um papel escrito à máquina.

Pucallpa para Iquitos — Barco 10 m Iquitos para Medellin — DC 3 20 m Medellin para Panamá — DC 3 20 m Panamá para Miami — Cessna 35 m

Olhei para o dinheiro. Angelo tinha tudo controlado. Não era tão maluco como parecia. Retirei um maço de dez mil dólares e fechei a pasta. Meti— a debaixo da minha cama e abri a mala de Angelo que estava encostada à parede. Debaixo da roupa tinha outra automática e dez carregadores. Guardei tudo junto à pasta do dinheiro, fechei a mala e voltei a encostá— la à parede.

Estiquei— me em cima da cama e coloquei as mãos atrás da cabeça. Pus— me a olhar para o tecto e foi então que caí em mim. Angelo tinha morrido. E quer eu quisesse quer não tinha de continuar com o plano dele. E, pior do que isso, tinha de comunicar ao pai a sua morte. Tudo o que lhe podia entregar do filho era um relógio Rolex de ouro. Não ia ser fácil. Angelo era a menina— dos— olhos do pai. Passei pelas brasas.

Abri os olhos e ouvi passos no convés por cima da minha cabeça e o sussurro das vozes de dois homens. Lentamente, deslizei da cama e dirigi— me ao convés de arma em punho. O capitão e outro homem falavam em voz baixa. Fiquei a observá— los em silêncio. O estranho gesticulava, e apareceram por detrás dele mais dois homens que se baixaram, agarraram dois fardos e começaram a retirá— los do barco.

Soltei a patilha de segurança da automática e pus— me à frente deles.

— Que se passa? — perguntei.

Os estranhos pararam de falar e olharam para mim. Dirigi— me ao capitão.

— Que raio se passa?

—O senhor diz que o acordo não vale. Não recebeu o dinheiro do seu primo.

O capitão estava muito nervoso.

—Diga—lhe que eu sei que o dinheiro já foi pago. Se não tivesse sido nunca teriam colocado a coca a bordo.

O capitão falou rapidamente. O homem respondeu em espanhol, depois o capitão voltou—se novamente para mim.

—Só recebeu parte do dinheiro. Ainda há mil dólares a pagar quando o resto da coca for entregue.

— Diga—lhe que receberá o dinheiro conforme prometido quando a restante coca for entregue.

O estranho compreendeu—me. Falou muito depressa para o capitão, e este traduziu.

—Ele diz que é um simples camponês que se fartou de trabalhar nas colheitas e que não quer que lhe roubem o fruto do seu suor.

Olhei para o capitão.

— Quanto é que ele lhe paga para esta merda?

— Nada, senhor, nada — respondeu o capitão, nervosamente. — Pela honra da minha família.

Olhei para ele durante alguns momentos e depois para o estranho.

—Diga a esse filho da puta para se pôr a andar daqui para fora, se não mato—o. Pode voltar amanhã com o resto da coca, e então pagamos—lhe o que lhe é devido.

O capitão falou rapidamente. O estranho olhou para mim e depois assentiu com a cabeça. Falou para o capitão e voltou a abanar a cabeça.

— Ele volta de manhã — disse o capitão. Fiz um gesto com a pistola.

— Rua.

O estranho e os seus dois homens saíram do barco. Fiquei a vê—los desaparecerem por entre as árvores à volta da lagoa. Voltei—me para o capitão.

— Como é que ele sabe que o meu primo morreu?

— Estão a vigiar—nos. Estão sempre a vigiar—nos.

— Por que é que você os autorizou a virem a bordo e a levarem a coca?

— Ele é índio. Mestiço. Muito perigoso. Tinha—me matado se não o deixasse entrar no barco — disse o capitão.

— Percebo—disse eu, pensando durante alguns momentos. — Então ele vai voltar amanhã para nos matar. O capitão ficou calado.

— Mas isso não acontece se não estivermos cá amanhã — disse eu.

O capitão olhou para mim.

— Eles estão escondidos atrás das árvores a vigiar—nos — disse. — Vão ouvir os motores.

— Então, não pomos os motores a trabalhar. Aqui o rio não é fundo e pode levar—nos até um sítio onde possamos pôr os motores a trabalhar.

O capitão olhou para mim com renovado respeito.

— Percebe dessas coisas?

— Foi no Vietname. Muitas vezes. Menti. Não percebia nada daquilo.

— Si, senhor — disse ele. — Quando partimos?

— Dê—lhes uma hora para adormecerem — respondi. — Depois, partimos.

— E se vierem atrás de nós?

— Tem armas? — perguntei.

— Duas pistolas e duas espingardas — respondeu.

— Então, matamo—los — disse eu. — Leve as armas para o convés e prepare os homens para largarmos.

Ele assentiu e subiu para a escotilha que dava para os seus aposentos. Eu regressei à cabina, agarrei na outra arma e meti— a no cinto ao lado da primeira. Rapidamente enfiei algumas munições no bolso.

A voz de Alma ecoou pela cabina.

— Que se passa?

— Vamos largar.

Ela sentou—se na cama.

— Mas devíamos receber mais dez fardos de coca pela manhã.

— Não vamos ficar à espera — disse eu. — O camponês já esteve a bordo e queria levar os fardos. Disse que Angelo não lhe tinha pago.

— Não é verdade — disse ela. — Vi-o entregar—lhe o dinheiro à frente do capitão.

— O capitão assistiu? Ela disse que sim.

— Foi ele que arranjou tudo. Falou com o camponês na sua língua nativa.

O meu palpite estava certo. O capitão já fizera o seu acordo.

— Quanto tempo levaremos a descer o rio até Iquitos?

— Cinco, seis dias — disse ela. — É ao fundo do rio Vycali, onde ele se junta ao Amazonas.

— Okay — disse eu.

— Vai haver problemas? — perguntou ela.

— Não sei — respondi. Ela olhou para mim.

— Talvez eu possa ajudar. Sei usar uma arma — disse, levantando—se.

Dei—lhe uma das armas de Angelo. —Fica com ela — disse. — Não espero que haja problemas esta noite, mas se houver estamos prevenidos. Ela continuou a olhar para mim.

— Mas estás preocupado com alguma coisa?

—Não é com os mestiços. É com o capitão. Já estava disposto a deixar que os outros levassem a coca sem me dizer nada. Subitamente lembrei—me.

— Não foi no mercado em Tingo Maria que conhecemos o capitão?

— Foi — respondeu ela. — Tingo Maria é a principal fonte de coca e marijuana. Foi o capitão que combinou com o mestiço trazer a coca pela estrada da montanha até Pucallpa.—Também foi o capitão que nos fez desviar o barco dez quilómetros da doca de Pucallpa.

As peças começavam a encaixar—se.

— Ele disse que era mais seguro, que assim não seríamos encontrados pela polícia.

— Sim — concordou ela. — Eu não tinha pensado nisso, mas o mestiço veio direito a nós. O capitão já tinha tudo combinado antes de sairmos de Tingo Maria.

—Okay—disse eu.—Tu ficas aqui. Acho que aqui não vai haver problemas. Se ele fizer algum movimento vai ser quando pensar que estamos desprevenidos.

— Tens de o vigiar — disse ela.

— É o que vou fazer.

Agarrei na mala de Angelo, abri—a e retirei um pouco de coca. Rapidamente, inspirei. Senti a cabeça a abrir—se e os olhos arregalados.

— Agora vou ficar desperto.

— Vais ficar é pedrado — disse ela.

— Terei cuidado — respondi, subindo ao convés.

O capitão e os seus dois marinheiros estavam à minha espera. Ele apontou e eu vi as armas numa prateleira em frente à casa das máquinas. Acenei com a cabeça.

— Agora, levantem a prancha de embarque — disse. — Mas cuidado, nem um som.

O capitão deu ordens aos marinheiros. Calma e silenciosamente puxaram para cima a prancha de embarque. Depois, os marinheiros agarraram nos garrunchos e começámos a afastar—nos da pequena lagoa em direcção à corrente principal do rio, enquanto o capitão seguia ao leme. Senti o barco mover—se com a corrente. Parecia forte, e movemo—nos rapidamente.

O capitão voltou—se para mim.

— Ligo agora o motor? — perguntou.

— Ainda não — disse eu. — Daqui a quinze minutos.

— A água é forte — disse ele. — Não sei se vou poder aguentar.

— Os seus homens que usem os garrunchos na popa. Isso fará que nos aguentemos.

Olhei para a lagoa. Não havia qualquer movimento.

— Continue — disse eu.

O capitão ergueu uma mão e um dos marinheiros pôs—se ao leme. O capitão deu a volta e entrou na casa das máquinas. Passados quinze minutos ouvi o ruído do motor e o barco começou a mover—se mais rapidamente. Olhei para o marinheiro que seguia ao leme. Ele voltou—se para olhar para mim. Errado. Quando se vai a

conduzir seja o que for, barco ou automóvel, deve levar—se os olhos fixos no caminho.

Rodopiei. O capitão apontava—me uma espingarda. Pude ver a surpresa estampada no seu rosto quando a automática cuspiu fogo. Depois, lentamente, esticou os braços, cambaleou e caiu à água.

Apontei a arma aos marinheiros e gesticulei em direcção ao leme. Alma saiu da cabina de arma na mão.

— Que aconteceu? — perguntou.

— Perdemos o capitão — respondi. Ela olhou para mim.

— Pergunta ao marinheiro se ele consegue levar o barco até Iquitos — ordenei. — Diz—lhe que se o fizer ganha mil dólares. Se não, vai fazer companhia ao capitão.

Ela falou com o marinheiro. O segundo homem saiu da casa das máquinas e dirigiu—se—lhe. Ela voltou—se para mim.

— Ele diz que são ambos capitães e, se fizerem o que tu dizes, querem dinheiro os dois.

— Podem dividi—lo — disse eu. — Também os deixo ficar com o barco.

Ela voltou a falar. Olharam um para o outro, depois assentiram. Voltaram a falar e ela traduziu.

— Querem saber se lhes dá os documentos do barco.

— Podem ficar com eles — disse eu.

Falou novamente depois de ouvir a resposta, e ela traduziu. — Querem que saibas que não são bandidos como o capitão. São homens honestos e só querem fazer o seu trabalho. — Ótimo — disse eu, e apertámos as mãos.—Combinado. Riram—se para mim.

— Combinado — disseram.

4.

Olhei para o meu prato. Arroz e feijão cobertos com um molho de tomate enjoativamente castanho e montes de azeite. Estava farto. Dia e noite. Há quatro noites que tínhamos saído de Pucallpa. Arroz e feijão. Arroz e peixe amarelo gorduroso. Arroz e carne enlatada de onde saíam bichos logo que a lata era aberta. O meu estômago ou explodia com gases ou era assaltado por uma náusea insuportável.

Olhei para Alma.

— Como consegues aguentar isto?

— Bebo mais cerveja—respondeu ela. — Não temos outra alternativa.

Abri uma garrafa de cerveja e emborquei metade.

— Há restaurantes em Iquitos?

— Iquitos é uma cidade grande — disse ela. — Descontraí. Amanhã estaremos lá.

Apontei para o meu prato.

— Atira esta merda pela borda fora.

— Vais comer — disse ela, com firmeza. — Não andas a comer o suficiente. Parece que perdeste pelo menos cinco quilos.

— Estou bem — respondi.

— Vais precisar de ter forças—continuou ela. — Ninguém sabe o que teremos de enfrentar amanhã. Até aqui temos tido sorte, mas tu és como um bebé no meio do bosque. Nem sequer imaginas o que nos espera. Angelo nunca te contou nada.

Agarrei na colher cheia de arroz e engoli—a. Empurrei com uns goles de cerveja. Mesmo quente, disfarçou o sabor a gordura. Olhei para ela.

— Ele disse—te alguma coisa sobre Iquitos?

— Só me disse que se ia encontrar com um homem de barba ruiva que estaria à nossa espera no cais.

— Disse mais alguma coisa? Ela abanou a cabeça.

— Angelo não falava muito de negócios.

Assenti. Angelo não falava com ninguém. Nem comigo.

— Em Iquitos há algum aeroporto?

— Sim — disse ela. — Iquitos é a segunda cidade do Peru, mas a única forma de lá chegar é ou de barco pelo Amazonas ou de avião pelas montanhas.

— Como é que a cidade se tornou tão grande?

— Há anos era o centro de plantações de borracha. Foi importante até levarem árvores da borracha para a Malásia. Depois de se perder esse negócio, a cidade mal existiu até descobrirem petróleo. Agora os petroleiros podem chegar ao oceano através do Amazonas.

— É um porto muito grande?

— Nunca lá estive — respondeu ela. — Mas acho que deve ser grande porque recebe navios do Brasil.

Ia meter outra colher à boca quando deixei de ouvir o motor e o barco começou a oscilar de um lado para o outro. Agarrei na espingarda e saí da cabina com Alma logo atrás de mim. Vi os dois marinheiros colocarem a âncora. Aproximei-me deles.

— Pergunta—lhes o que estão a fazer — disse para Alma. Ela falou rapidamente em espanhol. Os marinheiros

olharam—nos nervosamente e falaram os dois ao mesmo tempo. Ela fez—lhes outra pergunta. Então o mais velho respondeu—lhe. Parecia querer explicar qualquer coisa.

— Acham que é melhor ancorar aqui até de manhã. Só faltam trinta quilómetros para Iquitos e seria melhor entrarmos lá de manhã cedo.

— Por que não agora? — perguntei.

Pablo, o marinheiro mais velho, respondeu. Ela traduziu—me as palavras.

— Os pescadores estão todos no canal. As redes deles estão por toda a parte e podemos ficar enredados nelas. Muitos são mestiços e ladrões. Olha para o canal e poderás ver alguns. Têm lanternas brilhantes dirigidas ao rio para atrair os peixes, e se arranjarmos sarilho com eles estamos tramados.

— A que horas podemos entrar? — perguntei.

— Os pescadores vão embora às quatro da manhã. Podíamos arrancar às cinco. Devemos chegar a Belén às onze, e meia hora depois estaremos atracados à doca.

— Que é Belén? — perguntei.

— É onde os barcos de Pucallpa atracam, os barcos mais pequenos como o nosso. Também há quem lá viva em barcos. Os barcos grandes atracam dez quilómetros atrás, do outro lado da cidade.

— Onde é que o capitão lhes disse que iam atracar? — perguntei. Eles abanaram a cabeça.

— Não lhes disse nada — respondeu ela.

Olhei para o canal a meio do rio. As lanternas dos pescadores iluminavam a água. Parecia haver centenas deles. Voltei—me para os marinheiros.

— Okay — disse para Alma. — Diz—lhes que quero sair daqui logo que os pescadores desaparecerem. E quero manter—me o mais longe possível de Belén. Vamos atracar na doca grande.

Alma traduziu. Pablo abanou a cabeça. Disse qualquer coisa com ar zangado. Ela virou—se para mim.

— Ele diz que pode ser perigoso. É onde a Polícia e a Alfândega estão.

— Preocupo—me com isso quando chegarmos lá — disse eu. Virei—me novamente e olhei para os pescadores. — Fiquem de olho neles — disse. — Se algum vier na nossa direcção, avisem—me.

Ela traduziu e seguiu—me até à popa, onde nos sentámos num banco.

— Em que estás a pensar?

— Não confio em nenhum deles — respondi. — Mas, se nos vamos encontrar com alguém, faz mais sentido fazê—lo na doca maior do que naquela para onde vão os barcos de pesca.

— Eu julgava que as docas mais pequenas eram mais seguras — disse ela.

— Lembro—me de uma coisa que Angelo uma vez me disse. O melhor lugar para nos escondermos é o mais óbvio. Assim, ninguém vai pensar que estamos a transgredir.

— Angelo era maluco — disse ela.

— Não era assim tão maluco — retorqui eu. — Conseguiu trazer—me até aqui. Que te prometeu ele para vires?

Ela olhou para mim.

— Gostei dele.

Sorri.

— Nada mais? Ela riu—se.

— Dinheiro. Muito. Assenti.

— Quanto?

— Mil dólares.

— Acabas de conseguir um aumento — disse eu. — Se nos safarmos desta, ganhas dez mil.

Ela ficou calada durante um momento. Depois, riu—se.

— Agora temos de foder — disse.

— Primeiro, temos de sair daqui — disse eu, olhando para as lanternas dos pescadores que brilhavam para cima e para baixo.

— Por que estás a olhar? — perguntou ela.

— Não me sinto bem — respondi. Apontei para o local onde estávamos. — Podemos estar escondidos dos pescadores mas estamos a menos de um quilómetro da costa. E ainda por cima daqui só avistamos floresta.

Ela olhou para a costa.

— Achas que os mestiços nos seguiram ao longo do rio?

— Não sei — respondi. — Achas que podiam tê—lo feito?

— Não há estradas — disse ela.

— Mas eles têm cavalos — argumentei eu. — Podem ter seguido trilhos.

Ela apontou para os marinheiros.

— Achas que eles podem estar metidos nisto?

— Não sei — respondi, encolhendo os ombros.

— Não ficaram muito perturbados com o que aconteceu ao capitão. Tenho a certeza de que estavam por dentro do que se estava a tramar.

Ela fixou os olhos na costa. A noite caíra e a única luz que tínhamos era a das estrelas e da Lua cheia.

— Não consigo ver nada. Concordei.

— Traz as espingardas e a arma que te dei para junto de nós.

— Vais ficar acordado toda a noite? — perguntou ela.

— Sinto—me mais seguro — respondi.

— Fico contigo — disse ela. — Sinto—me mais segura.

Olhei para ela.

— Então vai vestir umas jeans em vez desses calções. Arranja um chapéu e traz uma rede para os mosquitos. Não quero que os mosquitos nos apanhem.

Ela riu—se.

— Volto já — disse, descendo para a cabina.

Não era estúpida. Voltou com cobertores e almofadas.

— Se nos embrulharmos nestes cobertores, a humidade encharca —nos como se estivéssemos num banho. Mas, se os colocarmos no convés, estaremos mais secos do que sentados no banco.

— Boa ideia — disse eu. — Também seremos um alvo menos fácil.

Fiquei a vê—la estender os cobertores. As almofadas davam um ar confortável. Demasiado confortável. Tive uma ideia.

— Há um cesto de verga junto à minha cama. Vai buscá—lo e traz mais um cobertor.

Ela não fez perguntas. Quando voltou, coloquei o cesto onde tinha estado sentado, embrulhei—o no cobertor e coloquei o meu velho panamá no topo. Voltei—me para ela.

— Que achas? Ela riu—se.

— Pareces mesmo tu.

— Obrigado — disse, deixando—me escorregar para junto dela.

— Agora podes dormir. Eu vigio.

— Não estás cansado? — perguntou ela.

— Estou bem.

— Se precisares, tenho aqui coca.

— Não me esqueço — disse eu. — Posso vir a precisar. Vi—a embrulhar—se no cobertor e olhei para o cesto, sorrindo para mim mesmo.

Ela tinha razão. Na escuridão da noite parecia—se mesmo comigo.

5.

Senti a mão dela no meu ombro e acordei de imediato. Ela colocou um dedo contra os meus lábios e apontou para a proa do barco. Mantendo a cabeça baixa, espreitei por detrás do ressalto da cabina.

Um homem trepava para bordo vindo de um barco a remos atado a uma escora perto da proa. Na escuridão não consegui distinguir—lhe o rosto, mas vi os nossos marinheiros a gesticular. Ele assentiu e começou a caminhar silenciosamente, de pés descalços, pelo convés onde tínhamos estado a dormir.

Empurrei Alma para a entrada da cabina atrás de mim e ergui a espingarda, apoiando—a no ombro. O homem movia—se agora mais depressa. Vi o brilho do punhal quando ele o ergueu e depois desferiu o golpe com força sobre o cesto que eu colocara no banco.

A faca ficou presa no cobertor quando o cesto tombou. Não esperei que o homem se voltasse para nós. Desferi—lhe dois tiros nas costas, entre os ombros. Ele curvou—se para a frente e caiu. Dei—lhe um pontapé e ele tombou para a água.

A automática de Alma vomitou uma série de explosões. Voltei—me para ela. Tinha a arma apontada ao marinheiro que corria para nós no convés. Ainda se movia quando a puxei para o lado e ele caiu para a frente. Afastei—o. Um revólver caiu das suas mãos inertes. Atirei—o para a água.

— Era Pablo — disse ela com voz trémula. — Ia matar—nos.

— Pois ia — confirmei.

— Está morto? — perguntou, apreensiva.

— Sim — respondi.

Ela benzeu—se rapidamente.

— Pequei. Nunca tinha matado um homem.

— Terias pecado muito mais se o tivesses deixado matar—te — disse eu.

Retirei—lhe a arma da mão e substituí—lhe a carga.

— Guarda isto. Podes voltar a precisar.

— Segue—me — disse eu, caminhando pelo convés, em

direcção à proa.

Assim que saí da cabina, ouvi o barulho de remos. Era o barco que se afastava. Na proa estava o marinheiro mais novo, ainda a segurar um arpão com a corda a arrastar. Ficou paralisado de medo. Lentamente, aponteilhe a espingarda. Ele não hesitou. Num movimento rápido, mergulhou e tentou alcançar o barco a remos.

Fiquei a observá-lo por um momento e depois voltei-me para Alma.

— Parece que perdemos a tripulação. Alma olhou para mim.

— E agora, que fazemos?

— Havemos de sair desta — respondi, parecendo mais confiante do que realmente estava. Toquei na mão dela. Tremia.

Agarrei-lha.

— Calma — disse. — Vamos conseguir. Até aqui safámo-nos.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas.

— Matei um homem.

— Ele ia matar-te — disse eu. — Está tudo bem. Ela começou a chorar e eu encostei-a a mim.

— Calma — disse, suavemente, acariciando-lhe a cabeça. — Não podia ter sido de outra maneira.

Ela agarrou-se a mim.

— Quando chegarmos a Iquitos vou-me confessar. Senti o corpo dela contra o meu.

— Está bem, o que quiseres — disse.

Ela falou com voz surpreendida. Olhou para mim.

— Estás com tesão.

— Tentei afastar-me, mas ela não deixou.

— Sou um homem normal — disse.

— Pensei que não gostavas de mim — disse.

— Já te disse. Eras a rapariga de Angelo.

Afastei-me e ela ergueu o rosto para mim. Beijeilha rapidamente e depois dei um passo atrás.

— Gosto de ti. Mas temos outras coisas a fazer antes de começarmos a brincar.

Ela começou a sorrir confiadamente.

— Já experimentaste passarinhas peruanas? — perguntou.

— Não — respondi. — A única coisa peruana que experimentei até agora foi a coca.

— Então vais ter uma surpresa. As passarinhas peruanas são muito melhores que a coca. Vais ver.

Ri—me.

— Pára com isso. Pões—me maluco.

Atravessei o convés até à popa do barco. Abri a escotilha que dava para a casa das máquinas. Olhei para ela.

— Mantém os olhos abertos e chama—me se alguém tentar entrar. Vou verificar o motor.

— Okay — disse ela.

A escada que dava para a casa das máquinas não tinha mais de três degraus, e o compartimento era pequeno. Curvei—me e encontrei uma pequena lâmpada junto à parede. Não havia interruptor e por isso rodei a lâmpada, que se acendeu. Olhei para o motor. Era um modelo Harvester simples, de dois cilindros, que provavelmente já pertencera a algum pequeno tractor.

O motor podia pôr—se a funcionar com um mecanismo de volante puxado por uma espécie de motor fora de borda.

Ao lado do motor estava uma bateria de automóvel e por cima um depósito de gasolina. Espreitei para o indicador de nível do depósito. Estava quase cheio. Verifiquei as mudanças. Só tinha duas posições. Para a frente e para trás. Pareceu—me simples de manobrar. Desliguei a lâmpada e saí da casa das máquinas.

Ela estava na proa, de vigia.

— Não vejo nada a mexer—se.

— Ótimo — disse eu. — Acho que vai tudo correr bem. Sei pôr o motor a trabalhar, e pilotar o barco não deve ser complicado.

— Ainda bem — disse ela. — Mas sabes em que direcção devemos seguir?

— Iquitos é para baixo — disse eu.

— Ótimo — disse ela em tom sarcástico. — Mas percebes alguma coisa de correntes? E quais as docas que são mais seguras?

Olhei para ela.

— Sabes alguma coisa de Iquitos? — perguntei.

— Nunca lá estive — respondeu ela. — Por que razão haveria de ter estado? Fica no cu do mundo. Ninguém em lima se lembraria de lá ir a não ser por negócios. Como te disse, não há estradas por causa das montanhas. Chega—se lá de avião ou de barco vindo do Brasil ou da Colômbia, e eu nunca tive nenhuma razão para lá ir.

— Angelo tinha arranjado as coisas para irmos de avião — disse eu. — Tinha um contacto.

— Sabes quem era o contacto? — perguntou ela.

— Não — respondi. — Mas, logo que chegemos à cidade, acho que não teremos dificuldade em o encontrar.

Ela ficou calada durante um momento. — Não conheces o Peru — disse. — Iquitos é uma cidade difícil, e eles topam—te antes de os topares a eles.

— Temos de correr o risco — disse eu. — Não há outro sítio para onde ir.

Ela apontou para o rio.

— Os pescadores vão—se embora.

Fiquei a vê—los descerem o rio em direcção a Iquitos. Partiam em grupos. Só alguns ficaram para trás. Talvez quisessem encher as redes.

— Logo que todos eles partam, arrancamos — disse eu.

— Vamos viajar de dia? — perguntou ela.

— Não temos outra hipótese — respondi. — Não podemos ficar aqui. O raio dos índios vêm atrás de nós.

Ela abanou a cabeça.

— Estou assustada — disse, com voz tensa.

— Não há problema — tranquilizei—a, desejando estar tão confiante quanto parecia.

Ela pareceu embaraçada.

— Tenho de ir mudar de roupa. Borrei as calças. Ri—me.

— Não te preocupes. É normal. Vai—te mudar. Eu fico aqui.

Fui para o leme. Era pouco mais alto que o convés, mas dava—me a vantagem de ver tudo o que viesse na nossa direcção. Encontrei um maço de cigarros que tinha deixado sobre o banco no dia anterior. Retirei um cigarro e acendi—o. O fumo ajudou, ainda que o cigarro estivesse húmido. Tossi e mantive os olhos fixos na costa.

Quando ela apareceu, os olhos ardiam—me imenso. Continuava a pensar que vira luzes na floresta junto à costa, mas não havia lá nada.

— Sinto—me melhor — disse ela. — Lavei—me. E a roupa lavada ajudou.

— Estás com bom aspecto — disse eu. Esfreguei os olhos. — Devo estar com um aspecto dos diabos.

— Não estás mal. Praticamente não dormiste. Assenti. Olhei para o rio. Ainda havia três ou quatro barcos de pesca.

— Só queria que eles desaparecessem — disse.

— Em breve romperá a aurora — disse ela. — Nessa altura vão—se embora.

Resmunguei e não respondi.

Ela retirou um pouco de coca do bolso das jeans.

— Material peruano — disse. — Preciso de uma ajudinha. Inspirou a coca duas vezes e depois passou—ma.

— Precisamos ambos de uma ajudinha — disse eu. Inspirei duas vezes por cada narina. Senti a cabeça abrir—se e os olhos deixaram de arder. Fiquei desperto. Para que precisava de dormir?

Dei—lhe o resto da coca e ri—me.

Ela riu—se também.

— Estás melhor.

— Claro — disse eu.

— Olha — exclamou ela apontando para o rio.

Um dos barcos de pesca vinha na nossa direcção. Agarrei na espingarda e fiquei a vê—lo aproximar—se. Toquei—lhe no ombro.

— Agacha—te no convés — disse. — Não quero que te vejam.

Ela estendeu—se no convés com a automática nas mãos. Eu esperei que o barco de pesca se aproximasse e depois estoirei—lhe a lanterna com um tiro de espingarda.

A voz falou em inglês

— Que raio está a fazer? — perguntou o homem, zangado.

— Quem raio é você? — ripostei.

— Angelo?

— Não está aqui.

— Jed Stevens? — perguntou o homem.

Esperarei um momento.

— Sou eu — disse.

— Vince Campanella — respondeu o homem. — Combinei com Angelo levá-lo até Medellín.

— Tem o avião? — perguntei.

— Isso é comigo — respondeu ele. — Onde está Angelo? Tinha ficado combinado encontrarmo-nos mais lá para baixo, mais perto de Iquitos. Que raio está a fazer aqui?

— Ninguém me disse nada.

— Chame Angelo — disse ele. — Tenho de me pôr a andar.

— Angelo morreu.

Não quis contar a forma como Angelo tinha morrido. — A tripulação tentou atrair-nos.

— Onde estão eles? — perguntou

— Tratámos-lhes da saúde.

— A rapariga está consigo? — perguntou ele.

— Está aqui.

— Posso ir a bordo? — perguntou ele. Mantive a espingarda apontada.

— Só você.

Ele trepou a amurada e endireitou-se quando chegou ao convés. Era um homem alto, de olhos azuis, barba e cabelo ruivo. Vestia calças e camisa de caqui verde.

— Falei com o seu tio ontem. Ele queria saber se eu tinha notícias de Angelo. Deviam ter chegado ontem, por isso é que vim ao vosso encontro..

Alma levantou-se. Ainda empunhava a arma.

— E agora, que fazemos? — perguntei.

— Agora saímos daqui — respondeu ele. — Vamos rebocar-vos e paramos na próxima enseada. Depois, descarregamos e eu levo-vos até Iquitos e meto-vos num avião para Lima. Dali podem seguir para Nova Iorque.

— Angelo tinha um plano — disse eu. — Que aconteceu a esse plano?

— Eu trato disso — disse ele. — O seu tio disse-me para me encarregar de tudo.

- Quando lhe posso telefonar? — perguntei.
- Esta noite, quando chegarmos ao hotel — respondeu ele.
- E eu? — perguntou Alma.
- Tu segues para lima com ele — respondeu. — Podes servir—
lhe de guia.

6.

Era manhã cedo e o sol erguia—se sob as árvores quando entrámos na enseada. Havia uma pequena doca. Os homens saltaram rapidamente e amarraram o barco. Vince falou para um walkie talkie. Dez minutos depois, apareceu um camião. Logo atrás vinha um jipe com dois homens, que estacionou junto ao camião.

Vince falou em espanhol para os seus homens. Um deles trepou para a carlinga e sentou—se com uma metralhadora na mão.

Depois, os quatro homens, dois do barco de pesca e outros dois do jipe, começaram a descarregar os fardos com as folhas de coca e a colocá—los no camião.

Ele voltou—se para mim.

— Juntem a bagagem — disse. — Vamos sair daqui. Olhei para ele.

— Então e o barco? Ele abanou a cabeça.

— Que se lixe. Dois dos meus homens vão empurrá—lo para o meio do rio e afundá—lo. Não vou correr o risco de esse barco ser visto em Iquitos. Tenho um palpite de que o capitão deu à língua na alfândega. Teria uma boa recompensa se entregasse a carga.

— Não teria sido perigoso se lá aparecessem? — perguntei.

— Não vamos para o aeroporto de Iquitos — explicou ele. — Tenho o avião numa pista perto daqui. Fica numa antiga plantação de borracha. Estamos organizados. Há muito tempo que ando a preparar isto.

Voltei—me para Alma.

— Que achas?

— Está bem — disse ela. — Estou morta por voltar para casa.

— Não vamos aterrar no aeroporto internacional Juan Chavez. Lá há muitas burocracias com a Polícia e a Alfândega. Deixamos—vos numa pista a cerca de sessenta quilómetros de Lima. Vou voar baixo por detrás das montanhas para o radar não nos detectar.

— E como é que entramos na cidade? — perguntou ela.

— Não te preocupes. Temos um carro para vos pôr na auto—estrada panamericana — disse ele. Sorriu. — Agora, vão arrumar as

vossas coisas. Temos de nos pôr a andar.

Ficou a vê—la entrar na cabina e depois voltou—se para mim.

— Angelo disse que me pagaria quando nos encontrássemos.

— Certo — respondi. — Quarenta mil para si até Medellin, e depois para o Panamá.

— Agora são sessenta mil — disse ele.

— Está a ser ganancioso, Vince — disse eu.

— Não — respondeu ele. — Não se esqueça de que tivemos de ir à sua procura, e por isso não levámos nada. E pela família. Mas de Lima aqui são mais dois mil quilómetros de voo. Isso custa dinheiro.

— Quanto? — perguntei.

— Mais vinte mil — disse ele.

— Não sei se o tio Rocco iria gostar disso — disse eu.

— Ele disse que se eu vos localizasse teria direito a um bónus — disse ele. — Só estou a cobrir as despesas extra.

Ri—me.

— Você está é a extorquir—me dinheiro. Faz—me lembrar o meu primo.

Ele riu—se comigo.

— Então, recebo o dinheiro?

— Tenho outra alternativa? — perguntei eu. Ele riu—se novamente.

— O seu tio quer vê—lo em casa.

— Okay — disse eu. Depois, olhei para ele. — Quem paga o avião do Panamá a Miami?

— Se tiver a massa, eu trato disso.

— Depois de lhe dar os vinte mil extra não vou ficar com dinheiro suficiente — disse eu. — Vou falar com o meu tio e arranjaremos uma solução.

— Por mim está bem — disse ele. — Pode dar—me o dinheiro no avião.

Passavam poucos minutos das seis quando começámos a descer sobre Lima. Cinco horas e meia num assento de plástico duro atrás do piloto não era a minha ideia de conforto.

Mas o DC 3 não fora feito para passageiros. Era um avião de carga. Vince olhou para nós do seu lugar de piloto.

— Aterrámos dentro de meia hora. Resmunguei e espreguicei—me.

— Graças a Deus! — exclamei. — Acho que não aguentava nem mais uma hora neste lugar.

Vince riu—se.

— Isto não é nenhum 707, lá isso não. Subitamente, tornou—se sério.

— Tem o dinheiro?

— Já está pronto — respondi.

Durante o voo, enquanto ele estava ocupado, eu tinha conseguido abrir a pasta e retirar os sessenta mil para lhe dar. Havia lá vários sobrescritos, e eu colocara o dinheiro em dois deles. Passei a mão por cima do ombro dele e entreguei—lho.

Ele colocou—os numa bolsa junto aos mapas.

— Obrigado — disse.

— Não quer conferir? — perguntei. Ele sorriu.

— Você é da família. Confio.

— Obrigado — disse eu. — Não sei o que teria feito sem a sua ajuda.

— Todos temos as nossas obrigações—disse ele.—Diga ao seu tio o que eu fiz.

— Esteja descansado — respondi. Parecia que estávamos a descer sobre as montanhas. Cá em baixo avistava o que parecia ser uma pequena cidade.

— Estamos a passar Huancavelica e dirigimo—nos para a costa — disse ele. — Se olhar lá para a frente, pode ver o Pacífico.

Coloquei—me atrás dele. Consegui avistar as águas azuis do oceano. Voltei—me para Alma que estava ao meu lado.

— A água brilha como diamantes azuis — disse eu.

— É melhor voltarem para os vossos lugares e apertarem os cintos. Costuma haver turbulência quando se desce das montanhas para o oceano — disse Vince. — Até aqui, conseguimos. Não quero que agora partam a cabeça.

Não estivera a brincar. O pequeno avião oscilou como uma folha ao vento e, finalmente, quando eu estava prestes a vomitar, endireitou—se e passados alguns minutos as rodas tocaram o chão.

Logo que o avião se deteve, ele abriu a porta, e eu e Alma apressámo—nos a sair. O ar fresco da noite era óptimo. Inspirei profundamente.

— Meu Deus! — exclamei. Ele sorriu.

— Tem de se habituar.

— Eu cá não — respondi. — Prefiro os jactos. Ele fez um gesto para o co—piloto.

— Descarrega—lhes a bagagem. Depois, voltou—se para um dos homens que se encontravam ali perto. Falou rapidamente em espanhol. O homem assentiu e correu para o pequeno edifício ao fundo da pista.

Vince voltou—se para mim.

— Vai arranjar um carro com motorista para vocês, e para mim um camião de abastecimento.

Passados cinco minutos um velho Cheuy de 65 com quatro portas parou à nossa frente. Os homens começaram a arrumar a bagagem.

Voltei—me para Vince e estendi—lhe a mão.

— Obrigado.

— De nada — disse ele. — Quando falar com o seu tio, dê—lhe as minhas condolências.

— Dou, sim — respondi.

Voltou—se para Alma e estendeu—lhe a mão.

— Você é uma mulher às direitas. Trate bem dele. Ela assentiu e beijou—o na face.

— Trato, sim — respondeu. — Obrigado.

Entrámos no carro. Ele acenou e nós correspondemos. O carro avançou em direcção à auto—estrada.

Estava escuro e passava das oito quando o motorista descarregou as nossas malas em frente ao Hotel El Gran Bolívar. Alma sussurrou—me:

— Dá—lhe uma gorjeta.

Dei ao motorista uma nota de cem dólares. Ele levantou a mão em agradecimento.

— Gracias, señor — disse, sorrindo.

— Okay — respondi, e voltei—me para agarrar nas malas. Ela colocou a mão sobre o meu braço.

— Não. Voltei—me.

— Não vamos ficar aqui — disse. — Há sempre muita polícia no hall. E vamos despertar curiosidade assim vestidos.

Tinha razão. Ainda trazíamos as mesmas roupas sujas que usáramos no barco.

— Então para onde vamos? — perguntei.

— Para o meu apartamento — respondeu ela. — Não fica muito longe daqui. Tenho um grande apartamento num prédio novo perto do Parque de Universario.

Fez sinal a um táxi que se encontrava na fila à entrada do hotel.

Passados vinte minutos saímos do elevador e percorremos o estreito corredor de mármore que dava para o apartamento dela. Tocou à campainha.

— Vive alguém contigo? — perguntei. Ela sorriu.

— A minha mãe. Fiquei curioso.

— E ela não fica aborrecida por apareceres com um homem? Riu—se.

— A minha mãe é muito liberal. Fiquei baralhado.

Ela riu—se novamente.

— Não é mesmo minha mãe — explicou. — É minha criada, mas está comigo há tanto tempo que lhe chamo mãe.

A porta abriu—se e uma mulher baixinha e morena, com ar de índia, olhou para mim. Sorriu quando viu Alma. Alma abraçou—a e beijou—a. Falaram rapidamente em espanhol, depois a mulher estendeu—me timidamente a mão.

— Encantada — disse.

— Obrigado — respondi, agarrando nas malas. Ela abanou rapidamente a cabeça.

— Não.

— Tu vens comigo — disse Alma. — Ela traz as malas. Vou mostrar—te o apartamento.

Era uma casa grande. A parede da sala estava coberta de fotografias de Alma e de capas emolduradas de revistas com fotos dela. Olhei—a.

— És mesmo fotogénica. Ela riu—se.

— É assim que ganho a vida. Sou modelo.

— Não sabia — disse eu.

— Pensaste que era puta... — disse ela, maldosamente.

— Não — respondi. — Pensei que eras uma companhia fácil.

— Também sou — disse ela, rindo. — Passarinha peruana.

— Okay — disse eu. — O que quiseres.

A sala estava decorada com mobília italiana moderna, cadeiras de plástico, sofás de tecido branco, candeeiros de luz coada.

— Vem cá — disse ela, apontando para a enorme porta de vidro. Abriu— a e levou— me até à varanda.

Estávamos no sétimo andar de um edifício que dava para um parque.

— É maravilhoso, não é? — perguntou.

— Muito — respondi.

— Estás surpreendido por eu ter uma casa tão cara? — perguntou ela.

— Não tenho nada com isso — retorqui.

— Mas eu quero que saibas — disse ela. — Gosto de ti e não quero que fiques com ideias erradas.

Fiquei calado.

— Quando tinha dezassete anos apaixonei— me pelo homem errado. Era muito mais velho que eu e casado. Fui sua amante durante quase oito anos. Ele mandou— me para a escola, deu— me educação e ajudou— me na carreira. Morreu o ano passado. Deixou— me este apartamento e algum dinheiro. Não fiquei apenas grata, também o amava. Só nos últimos seis meses é que comecei a sair. Mas não me distraí nada até o teu primo me convidar para fazer com ele esta viagem. Achei que era uma mudança saudável.

Olhou para mim.

— Apetecia— me mesmo sair daqui e esquecer o passado.

Agarrei— lhe na mão.

— E conseguiste?

— Depois destes últimos dias começo a pensar que sim — disse ela.

— Ótimo — respondi.

Ela levou— me para dentro de casa.

— Deixa—me mostrar—te o resto do apartamento — disse. — Além disso, acho que deves querer um banho.

— Quero — respondi. — Mas tens telefone? Preciso de telefonar ao meu tio.

— O telefone está no meu quarto — disse ela. — Dá—me o número que eu peço a ligação.

Sentei—me na beira da cama enquanto ela dava o número à telefonista. Esperámos alguns minutos, depois ela voltou—se para mim.

— A telefonista diz que as linhas para os Estados Unidos estão bloqueadas. Volta a tentar dentro de algumas horas.

— Porra — disse eu.

— Isto passa a vida a acontecer aqui — disse ela. — Tens de ser paciente. Toma o banho e refresca—te, depois jantamos e nessa altura já deves conseguir a chamada.

Segui—a do quarto até ao quarto de banho. Apontou para a porta do outro lado.

— O teu quarto é ali — disse. — O quarto de banho fica entre os dois.

Abriu um armário espelhado por cima de dois lavatórios de mármore.

— Tens aqui tudo o que precisas. Lâminas, creme para a barba, colónia. Vou pôr a banheira a encher.

Abri a porta do quarto. A minha mala estava aberta em cima da cama, mas as roupas tinham desaparecido. Voltei—me para ela.

Ela adivinhou a pergunta.

— A mamacita está a lavar as tuas coisas. Quando saíres do banho já estará tudo pronto.

— Não posso acreditar. Isto é melhor do que um hotel de cinco estrelas..

— E é só o começo — disse ela, rindo—se. Abriu as torneiras da banheira oval e deitou uma mão—cheia de sais coloridos lá para dentro. Um perfume exótico invadiu o ar. Voltou—se para mim.

— Despe—te — disse — e faz a barba. Já não a deves fazer há três dias.

Olhei para ela.

— Que faço à roupa?

— Atira— a para o chão. — disse ela. — A mamacita depois deita isso fora. Já não servem para nada.

Continuei a olhar para ela.

— E tu que vais fazer? Ela começou a despir— se.

— Também preciso de um banho. A banheira é muito grande, dá para dois. És tímido?

— Não — respondi. — Mas estou surpreendido.

— Não sei porquê — riu— se ela. — Já me viste nua e eu também já te vi a ti.

— Como é que me viste? — perguntei.

— Não sejas palerma — respondeu ela. — Estávamos todos naquela cabina minúscula. Não havia maneira de nos escondermos. Agora mexe— te.

Atravessou o quarto de banho e dirigiu— se ao bidé.

— Vou levar menos tempo a lavar a passarinha do que tu a barbeares— te.

Já estava dentro da banheira quando eu me meti na água. Estava quente e macia. Sabia bem contra a minha pele.

— Está bom? — perguntou ela.

— Ótimo — respondi.

Levantou— se com um frasco de plástico na mão. — Levanta— te — disse. — Este é um sabão especial. Vou espalhar— to pelo corpo. Amacia a pele.

Lentamente, começou a espalhar o sabão com mão leve.

— Agora é a minha vez — disse, passando— me o frasco. Senti— me desajeitado. O meu toque não era tão leve como o dela. Ela voltou— se lentamente para eu lhe ensaboar as costas, e depois colocou— se à minha frente. Olhei— a com ar interrogativo. Ela sorriu.

— Não sejas tolo. Acaba.

Rapidamente espalhei o sabão. Senti os seios dela e a barriga, dura e lisa. Muito ao de leve, espalhei— lhe o sabão pela zona púbica.

— Com mais força — disse ela. — Esfrega— me.

Fiz como ela pedia e ensaboei— a entre as pernas.

Olhou— me nos olhos quando lhe passei o frasco. Espalhou mais sabão sobre o meu pénis e testículos. Ela estava ofegante.

— Não me sentiste a abrir—me? Assenti.

Ela começou a massajar—me os órgãos genitais.

— Estás a ficar com tesão.

— Se continuas assim, ainda me venho nas tuas mãos — disse eu.

— Eu já me vim duas vezes — disse ela. Colocou um braço por cima dos meus ombros e começou a puxar—me para si.

Ajoelhámo—nos; depois não aguentei mais. O espasmo fez—me estremecer. Parecia que nunca mais acabava.

— Jesus! — exclamei. Olhei para ela. — Vim—me em cima de ti.

— Que bom. Não há melhor loção para a pele.

À distância ouvi o telefone tocar. Depois, senti a mão dela abanar—me o ombro. Lentamente, sentei—me. Estávamos ambos na cama.

— Ora bem — disse eu. — Deixei—me dormir.

— Bem precisavas — disse ela, com voz suave. — Julguei que nunca mais acabavas de te vir.

Abanei a cabeça.

— Será que ouvi o telefone?

— É a tua chamada — disse ela. Rapidamente, passou—me um pouco de coca. — Toma. Ainda estás meio a dormir.

Concordei. Enquanto aspirava o pó, a minha cabeça abriu—se.

— Onde está o telefone? — perguntei.

— Aqui — respondeu ela, retirando—o da mesinha—de—cabeceira.

Coloquei o auscultador junto ao ouvido. Ouvi uma voz feminina, americana.

— Mr. Stevens? — perguntou ela.

— Sim.

— Tenho aqui Mr. Di Stefano para falar consigo — disse ela.

Ouviu—se um clique e depois ouvi a voz do meu tio. Estava triste.

— Angelo è morto — disse ele. Não era uma pergunta. Já sabia.

— Sim — disse eu. — Lamento.

— Quando aconteceu? — perguntou ele, calmamente.

— Quase há uma semana — disse eu. — O capitão tentou enganar—nos. Atingiu Angelo pelas costas. Foi tudo num minuto.

— Onde é que tu estavas? — perguntou ele.

— Estava lá em baixo, na cabina. Quando ouvi os tiros agarrei na automática mesmo a tempo de neutralizar o capitão que já vinha a descer os degraus para a cabina. Também arrumei um dos marinheiros. Chegámos até à enseada com os outros dois, até que se tornaram demasiado ambiciosos. Livrei-me deles pouco antes de Vince me encontrar. Se não fosse ele, não tínhamos conseguido.

— Disseste nós. Estava mais alguém contigo?

— Sim — respondi. — Angelo trouxe uma rapariga de Lima. Queria uma intérprete.

— Angelo queria era fornicar — disse o meu tio, implacável. — Podemos trazer o corpo dele?

— Não, tio — respondi. — Ele está a quinhentos quilómetros, no Amazonas, junto à selva.

O meu tio ficou calado por um minuto.

— Disse-lhe para não ir, mas não me deu ouvidos. Queria sempre provar alguma coisa a si próprio.

Fiquei sem resposta.

— Também não queria que tu fosses. Disse a Angelo para não te meter nisso — continuou ele.

— Angelo era meu primo e eu amava-o — disse eu. — Claro que iria com ele. Também foi comigo à Sicília.

— Quero que voltes — disse ele. — Quando arranjas avião?

— Agora é noite. Amanhã de manhã trato disso.

— Vem na Braniff — disse ele. — Não confio nas companhias estrangeiras. Vem numa americana.

— Está bem, tio — respondi.

— Telefona-me logo que consigas um voo.

— Sim, tio.

— Quando chegares, vou mandar rezar uma missa por alma de Angelo.

— Lá estarei — respondi.

A voz dele estava embargada.

— E a rapariga, está bem?

— Sim, tio.

— É boa rapariga?

— Sim, tio — respondi. — Angelo tinha bom gosto. Não saía com qualquer uma.

— Trata dela — recomendou.

— Obrigado, tio — disse eu.

— Trata de ti também — disse ele. — Não te esqueças de que és o único homem na família que me resta. E telefona — me amanhã.

— Sim, tio — disse eu.

— Amo — te — disse ele.

— Também o amo — respondi. O telefone fez um clique. Passei — o a Alma.

Tinha lágrimas nos olhos.

— Como está ele? — perguntou.

— Desfeito — respondi. — Angelo era a luz dos seus olhos.

7

Tomámos o pequeno — almoço na varanda. O céu estava azul, o sol brilhava e o ar estava fresco. A velhota serviu — nos um enorme prato de ovos estrelados, cebolas e tomates, e um bife coberto com molho picante. O pão era escuro e estava quente, e as fatias tinham sido barradas com manteiga. O café era forte e quente. Eu estava esfomeado. Comi como se aquela fosse a minha última refeição.

Alma riu — se.

— Comes sempre assim?

— Só quando estou esfomeado — murmurei, entre duas garfadas. — Pelo menos a comida não é aquela merda que tivemos de engolir no rio.

— A mamacita é uma óptima cozinheira — disse ela.

— Concordo — disse eu, olhando para ela. — Tu não comes muito.

— Uma rapariga tem de pensar nas dietas — respondeu ela. — As mulheres peruanas têm tendência para engordar.

— Tal como as passarinhas peruanas — respondi, a rir.

— Mas essa gordura é boa. — Ela riu — se comigo. — Não te queixaste.

— É óptima — disse eu.

Ela curvou—se sobre a mesa e beijou—me.

— És um amor.

A velha apareceu à entrada e falou com Alma. Alma levantou—se e espreitou pela varanda. Fez—me sinal e aproximei—me.

— Lá em baixo, na rua. Aquele carro com dois homens. Podem ser da Polícia.

— Não sabes? — perguntei eu.

— Parece um carro da Polícia, mas não vejo as insígnias — disse ela. — Podem estar à paisana. Esses carros não são marcados.

— Como sabes que estão a olhar para nós? — perguntei.

— Não sei — disse ela. — Mas Vince disse que a Polícia de Iquitos podia ter sido informada sobre nós. Se assim foi, informaram os de Lima, porque aqui é a sede nacional.

— E se não forem da polícia?

— Então são cocaínas à procura do material. Ela agarrou—me na mão.

— Vai—te vestir — disse. — Tenho alguns contactos na Polícia. O meu patron era general do exército e o jefe da Polícia. Chegámos a ser muito íntimos. Vou fazer uns telefonemas para ver se consigo saber alguma coisa.

Fui para o meu quarto. A velhota era melhor que um criado de quarto. A minha roupa estava em cima da cama: casaco azul—escuro com botões dourados; calças de flanela cinzenta, camisa azul—clara e gravata preta. Os meus sapatos pretos tinham sido engraxados e as meias de seda estavam cuidadosamente dobradas junto aos sapatos. Levei menos de cinco minutos a vestir—me. Só havia uma coisa de que eu talvez precisasse. Abri a pasta, retirei a automática e meti—a no bolso do casaco. Depois, retirei os dez mil dólares que prometera a Alma e coloquei—os dentro de um sobrescrito.

Coloquei o passaporte e o visto no bolso do casaco, e uns maços de notas no bolso das calças. Dirigi—me ao quarto dela.

Ainda estava ao telefone. A velhota retirava um vestido do guarda—roupa. Esperei à entrada até ela pousar o telefone.

— São da polícia — disse ela. — Mas não andam à tua procura.

— Então, não temos razão para nos preocuparmos — disse eu.

Ela abanou a cabeça.

— Andam à procura de Angelo. E pensam que tu és ele. Deixou cair o roupão e vestiu umas cuecas de cetim. Depois, rapidamente, enfiou um soutien também de cetim. Olhou para mim enquanto puxava as meias de nylon.

— Estás para aí especado... — disse.

— És uma provocadora — disse eu, pousando o sobrescrito sobre a cama.

— Que é isso? — perguntou ela.

— É o dinheiro que te prometi — respondi.

Ela ficou calada durante uns minutos, depois devolveu-me o sobrescrito.

— Não tens de o fazer — disse. — Não preciso do dinheiro.

— Prometi — disse eu, entregando-lhe novamente o sobrescrito.

— Mas nessa altura era diferente — disse ela. — Agora somos amigos e amantes.

— Quero que fiques com o dinheiro — disse eu. — Ainda mais agora, por causa do que sentimos um pelo outro.

Ela levantou-se e beijou-me.

— És um amor — disse, com meiguice. Abracei-a e depois soltei-a.

— Obrigado.

Ela agarrou no vestido e enfiou-o pela cabeça.

— Mamacita! — chamou.

A velhota apressou-se a entrar no quarto. Alma falou-lhe rapidamente. Mamacita assentiu e correu o fecho do vestido. Depois, agarrou no sobrescrito e saiu do quarto. Alma voltou-se para mim.

— Como estou? — perguntou.

— Linda — respondi.

— Vou maquilhar-me — disse ela. — Faz a mala. Partimos para o aeroporto daqui a pouco.

— E a polícia lá fora? — perguntei.

— Não vai haver problema — disse ela. — Falei com o capitão. Ele vai mandá-los retirar e leva-nos de carro até ao aeroporto.

— Acreditou na nossa história? Ela assentiu.

— Claro. Era verdade. Mas vai querer ver o teu passaporte. Tens o visto e também ajuda se lhe deres uma nota de mil dólares.

— Pensei que ele era teu amigo — disse eu.

— Se não fosse amigo, não faria isto — respondeu ela. — Tu não entendes. Os polícias aqui ganham pouco, precisam de ajuda.

— Isso também existe nos Estados Unidos, mas lá chamamos—lhe suborno — disse eu.

— Não tens o direito de ser sarcástico — disse ela, calmamente.

— Temos estado a quebrar todas as leis que vêm nos livros.

Olhei para ela. Tinha razão. Quem era eu para atirar pedras?

Agarrei—lhe na mão.

— Desculpa. Ela apertou—ma.

— Agora, despacha—te. Faz as malas.

Fechei a mala à chave e coloquei a pasta por cima. Deixei—as em cima da cama e fui até à varanda. O pequeno Volkswagen preto ainda estava estacionado do outro lado da rua. Enquanto eu estava a olhar, apareceu um Ford Fairlane de quatro portas que estacionou junto ao outro carro. Não consegui ver o motorista, mas os dois homens que estavam encostados ao Volkswagen pareciam conversar com o motorista do outro carro; depois, o Ford avançou e os homens meteram—se no Volks e afastaram—se. Fiquei a vê—los dobrar a esquina, depois voltei para dentro. Agarrei na mala e na pasta e fui até à sala.

Alma estava à minha espera. Olhei para ela. Trazia sobre os ombros um casaco escuro de vison e no chão, ao seu lado, estavam duas grandes malas, um saco de transportar fatos e uma malinha para jóias. Tudo Louis Vuitton. Sorri—lhe.

— Mas que classe! Estás a planear alguma viagem? Ela riu—se.

— Vou para Nova Iorque contigo.

— Eia — disse eu. — Não me lembro de termos falado nisso.

— Não sejas estúpido — disse ela. — Achas que ele teria acreditado se eu não lhe tivesse dito que me ias levar contigo para Nova Iorque?

— Não é assim tão fácil — disse eu. — Precisas de um visto. Ela riu—se novamente.

— Tenho um visto múltiplo de entrada nos Estados Unidos. Afinal de contas, estudei lá.

Fiquei calado.

— Também estudei em Paris durante um ano — disse ela.

— Tencionas lá ir também? — perguntei.

— Talvez. Mas não te vou incomodar. O meu patron deixou-me um pequeno apartamento no Hotel Pierre. Desatei a rir.

— Talvez me possas levar tu. Não tenho nenhum apartamento em Nova Iorque.

— Podes ficar comigo o tempo que quiseres — disse ela. A campainha do intercomunicador tocou. Ela carregou

num botão e falou. Os intercomunicadores costumam ter um som esquisito, e este não era exceção. Pela voz, o homem parecia excitado. Ela falou com ele. Ouviu-se novamente a sua voz. Finalmente, ela assentiu e respondeu com a única palavra que eu entendi: Okay.

— El capitan está lá em baixo na garagem. Traz dois detectives. Eles disseram-lhe que há três indivíduos suspeitos dentro de um carro à entrada da garagem. Pensa que são pistoleros porque o carro tem matrícula colombiana. Não quer que abramos a porta a ninguém sem ser ele.

— Merda! — exclamei, retirando a automática do bolso. — Há outra porta no apartamento?

— Há a porta de serviço na cozinha — disse ela.

— É melhor encostarmos-lhe uma mesa — disse eu. — Não quero que ninguém entre pelas traseiras.

Ela chamou a mamacita, segui-as até à cozinha e ajudei a colocar uma pesada mesa de madeira contra a porta. Depois, voltámos à sala. Ela virouse e falou com a velhota. A velhota começou a chorar. Abraçou Alma e beijou-a. Alma também a beijou, disse-lhe qualquer coisa em espanhol e, por fim, mamacita saiu da sala.

Alma olhou para mim.

— Disse-lhe para ir para o quarto e fechar a porta, que a Polícia está a qui e tratará de tudo.

— Ótimo — disse eu. — Talvez devesse ir fazer—lhe companhia.

Ela abanou a cabeça.

— Tenho de ficar aqui contigo. Não reconhecerias a voz do capitão.

— Por que estás a fazer isto por mim? — perguntei. — Sentir—me—ia melhor se estivesses em segurança.

— Fico contigo — disse ela. — Tiraste—me da água e das piranhas. Além disso, somos amigos e amantes.

Curvei—me e beijei—a.

— Amigos e amantes — repeti.

8

— Dez minutos — disse para ela. — Está a demorar. Ela olhou para mim.

— É um homem muito cuidadoso. Tenho a certeza de que sabe o que está a fazer.

— Talvez — respondi. — Mas estou a ficar nervoso.

Fui até à porta da frente e espreitei pelo buraco. Consegui avistar a porta do elevador. Não se via ninguém. Voltei—me para ela.

— Consegues apanhá—lo na garagem?

— Não — respondeu. — Só funciona de lá para cá. Passados momentos, ouviu—se um leve ruído pelo intercomunicador. A voz do homem soou. Alma respondeu rapidamente. Ele voltou a falar nervosamente. Alma olhou para mim com uma expressão confusa e depois respondeu.

— Okay.

Tirou o dedo do botão, e o intercomunicador desligou—se.

— Não percebo — disse. — Chamou—me Alma. Nunca me tinha tratado assim.

— Mas é o teu nome — disse eu.

— Sim — respondeu ela. — Tu não entendes. Ele é um homem muito correcto, e este tratamento não corresponde à etiqueta.

— Okay. Que mais disse ele?

— Primeiro, perguntou se já tínhamos feito as malas e se tu tinhas a pasta. Eu respondi que estávamos prontos e depois ele disse que ia subir.

Abanou a cabeça.

— Nem parecia ele.

— Deve estar com problemas. De outro modo, nem saberia da existência da minha pasta — disse eu. Espreitei pelo buraco e perguntei — lhe por cima do ombro.

— Não falaste na pasta, pois não?

— Não sejas parvo — respondeu ela, zangada. — Não sou estúpida.

Ri — me.

— Nunca disse isso. Temos de arranjar uma forma de sair daqui.

— Não há outra forma — disse ela. — A porta da cozinha só nos leva até às escadas.

Espreitei novamente. As portas do elevador começaram a abrir — se. Virei — me para Alma.

— Vê lá se é o teu amigo. Ela espreitou e disse:

— É ele. Mas vem também outro homem.

Olhei novamente. O amigo dela não era um homem alto, mas usava um uniforme e botas de salto que lhe conferiam maior estatura. O coldre estava vazio, não tinha arma. Também não trazia qualquer arma na mão. O homem que vinha atrás dele era mais alto e o seu braço parecia pressionar as costas do capitão.

A voz do capitão ecoou através da porta.

— Alma! Soy Felipe!

— Que fazemos agora? — sussurrou ela.

Destravei a automática e escondi — me atrás da porta. Segurei bem a arma e sussurrei para Alma:

— Deixa — o entrar.

Ela rodou a maçaneta e recuou quando a porta se começou a abrir.

O capitão foi empurrado para dentro do apartamento. Tropeçou em Alma. O outro homem ainda se encontrava do lado de fora, e eu não o conseguia ver.

— O americano — disse o homem rudemente.

Alma ficou calada. Apontou para o quarto. O homem gritou em espanhol. Não percebi o que ele disse, mas entendi o tom de voz. Alma abanou a cabeça. O homem voltou a gritar e começou a avançar para ela. Era a minha vez.

Dei—lhe com a automática no pulso. A arma dele caiu ao chão quando se voltou para mim e tentou agarrar—me o braço. Recuei um pouco e depois dei—lhe um pontapé nos tomates. Ele gemeu e curvou—se para a frente. Desta vez dei—lhe com a arma na cabeça. Caiu ao chão. Olhou para mim, depois tentou agarrar a arma.

Mas desta vez o polícia foi rápido. Já tinha apanhado a pistola. Olhou para mim e apontou para a arma.

— É o meu revólver — disse.

— Ótimo — respondi.

O polícia curvou—se sobre o homem e colocou—lhe rapidamente um par de algemas, prendendo—lhe os pulsos atrás das costas. Fê—lo rodar no chão e deu—lhe uns pontapés. O homem tentou reagir. O polícia bateu—lhe com a arma no rosto. Um fio de sangue começou a escorrer da boca e do nariz. O polícia agrediu—o novamente.

Alma falou depressa.

— No tapete branco não. Depois a mancha não sai.

O polícia olhou para ela, depois esboçou um sorriso e assentiu. Não era um homem grande, mas era robusto. Com facilidade, arrastou o homem até à varanda, depois agrediu—o novamente. Desta vez o sangue escorreu com abundância. O polícia gritou—lhe. O homem limitou—se a abanar a cabeça.

Dirigi—me ao polícia.

— Sabe alguma coisa sobre ele?

O polícia respondeu—me em inglês.

— Nada, só que é colombiano. Pensámos que eram só três e pusemo—los sob vigia. Este estava escondido na garagem e apanhou—me quando saí do carro.

— Onde estão os seus homens? — perguntei.

— Na rua, de vigia aos que estão no carro — respondeu. Depois, dirigiu—se a Alma em espanhol. Ela respondeu em inglês.

— Não sei por que razão andam atrás de nós. Talvez lhes tenham dado a mesma dica que lhe deram a si sobre o outro homem.

Olhei—a com admiração. Não tinha referido o nome de Angelo. Não havia conveniência em chamar a atenção para ele.

— Mas você conheceu Angelo di Stefano? — perguntou o capitão.

— Possivelmente — respondeu ela. — Talvez numa discoteca ou numa festa. Conheço muita gente.

— E este homem? — perguntou, apontando para mim. — Como o conheceu?

— Foi uma das minhas colegas de escola nos Estados Unidos.

Telefonou—me a dizer que ele haveria de entrar em contacto comigo.

Ele olhou para ela.

— Mas você passou com ele quase duas semanas. Onde estiveram?

— Numa casita que tenho no campo — respondeu ela.

— E vai para os Estados Unidos com ele? Parece um romance muito súbito — disse ele.

— O amor tem os seus segredos — respondeu ela. Voltou—se para mim.

— Percebe de armas?

— Estive nas Forças Especiais no Vietname — respondi.

— Onde arranjou a arma? — perguntou. Alma respondeu com rapidez.

— Fui eu quem lha deu. Foi—me dada pelo seu general.

Ele ficou calado por momentos, depois voltou—se para o colombiano. Falou—lhe rapidamente em espanhol. Novamente ficou sem resposta.

O capitão agarrou nele e encostou—o às grades da varanda. Encostou—lhe o revólver à nuca com uma mão, e com a outra libertou—o das algemas. Voltou a falar—lhe em espanhol. O colombiano respondeu em tom furioso. Pareceu—me que estava a insultar o capitão. Pareceu—me que o capitão encolheu os ombros. Depois, bateu com o revólver na nuca do colombiano. Este quase caiu pelas grades. O capitão moveu—se agilmente. Enfiou a mão por

entre as pernas do colombiano e ergueu-o. Depois, recuou e o homem caiu a gritar para a rua.

O capitão olhou cá para baixo. Ouviu-se um som abafado. O capitão voltou-se para nós. O seu rosto não tinha qualquer expressão.

— Desastrado, estúpido filho da puta! — disse. — Foi cair logo em cima do tejadilho de um carro novo.

Não dissemos nada.

O capitão colocou a arma no coldre.

— Ter-nos-ia morto a todos — disse.

— Eu sei — respondi.

— Quer ver? — perguntou-me. Abanei a cabeça.

— Já vi muito disso no Vietname. Ele assentiu.

— Muito bem. Vamos lá para dentro. Vou mandar vir mais homens e, enquanto esperamos por eles, quero ver os seus documentos.

Não há nada como uma escolta policial para nos levar ao aeroporto. Dois motociclistas com sirenes a abrirem caminho à frente de um carro da polícia preto e branco, depois nós, no carro do capitão e outro carro preto e branco atrás. As pessoas olhavam-nos com curiosidade.

Alma e eu íamos no banco traseiro; um polícia uniformizado conduzia e o capitão Gonzalez seguia ao lado.

O capitão voltou-se para nós.

— Acho que está tudo bem — disse. — Não há sinais de colombianos.

— Onde será que se meteram? — disse eu.

— Quem sabe? — respondeu ele. — Os meus homens perderam-lhes o rasto no meio do trânsito quando se puseram a andar logo a seguir ao acidente.

Acidente era uma forma polida de pôr a questão. Principalmente quando tinha sido ele a empurrar o safado da varanda. Olhou para o relógio.

— Já perderam o voo da Braniff — disse. — Saiu às duas horas e só há outro amanhã.

— Merda — disse eu.

— Não se preocupe — disse ele. — A Air Peru tem um voo para Nova Iorque às quatro horas. Posso pô—los lá.

Olhei para Alma. Ela assentiu.

— É um bom voo. Têm uma secção de primeira classe. Já fui nele várias vezes.

— Okay — disse eu para o capitão. — Seguimos nesse.

— Têm de comprar bilhete — disse ele. Estendeu—me a mão. — Dê—me o dinheiro e os documentos que eu trato de tudo.

Meti a mão no bolso do casaco e entreguei—lhe duas notas de mil dólares, assim como o meu passaporte.

— Já agora, arranje também um bilhete para Alma.

— Claro — disse ele, metendo tudo no bolso. — São três horas. Vou levar—vos para a sala VIP.

— Obrigado — disse eu.

Ele olhou para Alma.

— Quando tenciona voltar?

— Ainda não pensei — respondeu ela.

— Talvez ainda passe por Paris.

— Que agradável — disse ele, delicadamente. — Mande—me um telex quando estiver para voltar, que eu vou buscá—la ao aeroporto.

— É muito simpático, Felipe — disse ela, sorrindo. — Eu depois aviso.

Deixou—me na sala VIP com um detective e foi tratar das formalidades da viagem. Alma acendeu um cigarro, e uma hospedeira trouxe duas taças de champanhe.

— Desculpa — disse eu. — Tenho de ir à casa de banho.

— Despacha—te.

Entrei no quarto de banho e encostei—me ao urinol enquanto abria a braguilha.

Correu tudo bem até eu olhar para o espelho à minha frente; então, quase mijei nas calças. Rapidamente, fechei a braguilha e voltei—me. Vincent estava mesmo atrás de mim, encostado à porta.

— Que raio está a fazer aqui? — perguntei. — Julguei que já tinha partido.

— Tive de ficar por aqui — disse ele.

— Já falou com o seu tio?

— Sim — respondi.

— Ótimo — disse ele. — E contou—lhe o que fiz?

— Claro — disse eu. — E ele ficou muito satisfeito.

— Okay — disse ele, retirando do bolso uma automática com silenciador. — Então nunca mais vai poder negar que você e Angelo foram enganados quanto à coca, que afinal era só folhas de tabaco.

— Está louco — disse eu.

— Pois estou. São vinte milhões de dólares de loucura — disse ele, dirigindo—se para mim.

Vi que a porta se abria por detrás dele. Depois ouvi o ruído de outro silenciador e fui suficientemente rápido para me afastar da frente de Vince quando ele se curvou, deixando cair a arma com a nuca desfeita, pedaços de sangue e cérebro a caírem para dentro do urinol.

O capitão Gonzalez estava à porta.

— Um dos colombianos — disse.

Não consegui falar. Limitei—me a abanar a cabeça.

— Agora, saia daqui — disse ele. — Vou mandar um dos meus homens limpar isto.

Continuei calado. Ele sorriu.

— Você é um homem com sorte — disse. — São horas de ir para o avião.

O capitão Gonzalez fez sinal a um dos polícias quando saímos do quarto de banho. O polícia aproximou—se. O capitão falou—lhe rapidamente em espanhol. O polícia abanou a cabeça e colocou—se à porta para não deixar ninguém entrar.

Olhei para o capitão Gonzalez com ar interrogativo.

— Quero pôr—vos no avião antes de metermos a polícia do aeroporto nisto. Logo que cheguem, vão meter a Emigração e vocês ficariam retidos pelas formalidades e não sairiam daqui antes de dois ou três dias. Tenho a certeza de que deve estar morto por chegar a casa.

— Obrigado — disse eu.

— De nada — replicou ele. — Afinal, você salvou—me a vida lá no apartamento.

— Você também salvou a minha — disse eu.

— É esse o meu dever — respondeu ele. — Proteger gente inocente.

Estendi—lhe a mão.

— De qualquer forma, obrigado.

Começámos a caminhar até à sala onde Alma se encontrava. — É estranho — disse ele. — Não percebo por que é que os colombianos nos seguiram.

— Se calhar receberam a mesma informação que vocês. O único problema é que eu não sou o homem que procuram.

— Não reconheceu o homem do quarto de banho? Abanei a cabeça.

— Não.

— Mas ele ia matá—lo — disse o capitão.

— Não sei porquê — respondi. — Mas graças a si não consegui.

Ele assentiu.

— Vou arranjar mais dois homens para vos conduzirem ao avião. Não quero que aconteça nada a Alma ou a si.

— Já me sinto mais seguro — disse eu. Ele riu—se.

— Tenciona voltar a lima? Ri—me também.

— Acho que não. Com esta visita já tive excitação que chegasse.

Ele assentiu.

— Acho que é o melhor.

Olhou de relance para mim enquanto nos aproximávamos de Alma.

— Não há necessidade de lhe falar do incidente do quarto de banho. Já apanhou sustos suficientes.

— Chegam mesmo a tempo — disse Alma. — Mandei vir uma garrafa de champanhe.

O capitão sorriu—lhe.

— Não vão ter tempo para isso. É melhor embarcarem já.

— Qual é a pressa? — perguntou ela. — Ainda temos quarenta minutos.

— Quero—vos no avião antes de os outros passageiros embarcarem. Vamos escotar—vos até lá dentro. Depois vou pôr dois detectives a verificar o embarque dos outros passageiros. Eles viram um carro com matrícula colombiana..

— Acha que podem estar aqui? — perguntou ela.

— Não quero correr riscos — respondeu ele. Agarrou nas maletas dela. — Venham.

Saímos do edifício pela porta dos funcionários. Alma e eu atravessámos a pista em direcção ao avião, com o capitão à frente, um detective ao lado e outro atrás. Em silêncio, subimos as escadas. Os meus olhos levaram alguns minutos a adaptarem—se ao escuro do interior.

Uma hospedeira recebeu—nos.

— Bienvenidos, Seniorita Vargas e Mr. Stevens. Soy Seniorita Marisa.

Alma sorriu—lhe e falou em espanhol. A hospedeira assentiu. Aparentemente, conheciam—se. A rapariga levou—nos até aos nossos lugares. Ficámos sentados na última fila da primeira classe.

— Devem ficar confortáveis — disse a hospedeira. — Só há mais dois passageiros em primeira classe.

— Obrigado — disse eu.

— Posso servir—lhes um pouco de champanhe? — perguntou ela.

— Sim, gracias — respondeu Alma. Depois, olhou para o capitão Gonzalez que se sentou junto à janela. — Quer fazer—nos companhia, capitão? — perguntou ela.

Ele abanou a cabeça enquanto colocava as maletas no compartimento sobre o assento.

— Não, obrigado. Ainda estou de serviço.

— Acho que já não há motivos para preocupação — disse ela.

— Deixo de me preocupar com isso quando vocês levantarem voo—disse ele. — Saboreiem o champanhe. Os passageiros vão começar a embarcar e eu quero fazer aí investigação com os meus homens. Volto dentro de alguns minutos.

A hospedeira colocou à nossa frente uma garrafa de champanhe e duas taças. Rapidamente, encheu—as e depois voltou para a porta a fim de receber os outros passageiros.

Ergui o meu copo.

— O serviço é óptimo — disse eu. — Gonzalez está a vigiar—nos bem. Que será que ele sabe e nós não?

— Ele é polícia — disse ela. — Gostam de se mostrar importantes.

— É mais do que isso — disse eu, pensando na rapidez com que ele me seguira até à casa de banho. Mas não me estou a queixar. Se não fosse ele, não estaríamos aqui.

— Agora acabou — disse ela. — Vamos a caminho dos Estados Unidos.

— Sim — disse eu. Depois, praguejei.

— Porra. Não tive tempo para telefonar ao meu tio. Vai ficar preocupado.

— Daqui a dez horas estarás em Nova Iorque — disse ela. — Podes telefonar do aeroporto.

Voltou a encher os copos.

— Descontraí. Vamos ter um voo agradável. Os DC 8 da Air Peru são mais confortáveis que os 707 da Braniff, ainda que sejam um pouco mais lentos. Vamos poder descansar.

— Nunca consegui descansar num avião — disse eu. Ela sorriu.

— Isso é porque nunca viajaste comigo. Eu seguro—te na picha todo o caminho.

Ponho—lhe um bocadinho de cocaína e aí viajas mesmo a sério.

— És uma vaca — disse eu.

— Não — riu—se ela. — Sou uma passarinha peruana.

Voltámos a tocar os copos. Ergui os olhos quando outro casal se sentou perto de nós. Eram de meia—idade, muito bem vestidos. A mulher trazia um casaco de vison e nos seus dedos brilhavam diamantes. O homem retirou um boné revelando finos caracóis de cabelo branco; os seus olhos estavam ocultos por óculos escuros. Fiquei a observá—los enquanto se sentaram e a hospedeira lhes serviu champanhe.

O capitão Gonzalez regressou.

— Está tudo em ordem — disse. — Os passageiros embarcaram todos.

É um voo com pouca gente. Lá atrás só vão quarenta e sete passageiros.

— Talvez agora nos possa acompanhar numa taça de champanhe — convidou Alma.

— Não, mas mais uma vez obrigado — disse ele. — Tenho de ir preencher umas papeladas.

Estendeu—me a mão.

— Boa sorte, Mr. Stevens. Foi uma honra conhecê—lo.

— O prazer foi todo meu, capitão Gonzalez — respondi, retribuindo o aperto de mão. — Obrigado por tudo o que fez por nós.

— De nada — disse ele, agarrando na mão de Alma e beijando—lha respeitosamente. — Hasta luego, Señorita Vargas.

Alma acenou com a cabeça.

— Mil gracias, capitán — disse. — Posso pedir—lhe mais um favor?

— O que quiser — disse ele.

— Vamos chegar a Nova Iorque entre as duas e as três da manhã. Poderia mandar um telex para o meu hotel a pedir para terem uma limusina à nossa espera no aeroporto?

— Vou tratar disso imediatamente, Señorita Vargas — disse ele. Depois, levou os dedos ao boné e retirou—se do avião.

Ouvi as portas fecharem—se atrás de nós e o ruído dos motores do avião. Virei—me e olhei para Alma. Tinha o rosto voltado para a janela e olhava cá para baixo. Debrucei—me sobre o seu ombro e avistei o capitão e os seus homens a dirigirem—se para o terminal.

Ouviu—se a voz da hospedeira dando as instruções de segurança em inglês e em espanhol, enquanto o avião deslizava suavemente pela pista.

Deu a volta e começou a acelerar. Subitamente, Alma agarrou—me a mão. Apertou—ma mais no momento em que levantámos voo. Voltou—se para mim, pálida.

— Assusto—me sempre — disse.

Mas eu não estava a ouvir o que ela dizia. Estava a pensar no facto de ela ter pedido ao capitão para mandar um telex para o seu hotel. Foi então que me apercebi de que ela não dera o nome do hotel ao capitão. Ela pousou a mão sobre a minha perna.

— Hotel Pierre — disse eu. Ela olhou para mim.

— Que tem?

— Não deste o nome do hotel ao capitão. Ela riu—se.

— Já te disse que somos velhos amigos. Há muitos anos que ele sabe que o meu patron me deixou lá um apartamento.

Levávamos mais ou menos três horas de voo e duas garrafas de champanhe e eu dormitava quando a hospedeira colocou a mão no meu ombro. Abri os olhos e olhei para ela. Trazia outra garrafa de champanhe.

— Parabéns — disse. — Vamos passar o Equador. Voltei—me para Alma.

— Dormiste? — perguntei.

— Um pouco — respondeu ela, enquanto a hospedeira nos servia o champanhe. Alma ergueu o copo e beijou—me.

— Parabéns para ti também — disse eu, sorrindo e beijando—a.

— Tenho um presente especial para ti — disse ela a rir—se, enfiando—me qualquer coisa na mão.

— Que é? — perguntei.

— Cheira — disse ela. Cheirei.

— Cheira a passarinha e perfume. Ela riu—se.

— Adivinhaste. São as minhas cuecas. Ainda estão húmidas.

Despi—as quando adormeceste. Mete—as no bolso do casaco. Toda a gente vai pensar que é um lenço de bolso. Meti—as no bolso.

— És doida — disse.

— Nem por isso — respondeu ela. — Só queria que tivesses alguma coisa minha como recordação quando passássemos o Equador.

— Já me levaste mais alto do que isso sem ser preciso voar

— disse eu, sorrindo.

A hospedeira aproximou—se.

— Vai ser servido o jantar — anunciou.

9.

Senti a mão dela sobre o meu ombro, rolei na cama confortável e abri os olhos. A luz do dia entrava pela janela. Ela já estava vestida. Olhou para mim e sorriu.

— Dormiste muito bem — disse. Afastei as teias de aranha da cabeça.

— Que horas são?

— Meio—dia e meia — respondeu ela. Saltei da cama.

— Preciso de telefonar ao meu tio.

— Não te preocupes — disse ela. — Já telefonei. Disse—lhe que estavas a dormir. Pediu que lhe telefonasses às duas.

Olhei para ela.

— Onde arranjaste o número?

— Não te lembras? — perguntou ela. — Pediste—me para lhe ligar de Lima. Nunca esqueço os números de telefone.

— Como é que ele estava? — perguntei.

— Pareceu—me bem — respondeu ela. — Talvez um pouco triste.

— Não ficou admirado por seres tu a telefonar? — perguntei.

— Não — respondeu. Apontou para uma mesa perto da cama. — Temos sumo de laranja, café e verdadeiros bolos americanos.

— Tomo café — disse eu, puxando as pernas para fora da cama. O café estava bom. Quente e forte. A minha cabeça começou a ficar mais limpa.

— A que horas acordaste?

— Às oito — disse ela.

— Porquê tão cedo? — perguntei. — Devia passar das quatro da manhã quando adormecemos.

— Tinha uns telefonemas para fazer — respondeu ela. A campainha do apartamento tocou.

— Deve ser o criado — disse ela, apressada. — Tenho muita roupa que precisa de ser passada a ferro. Vou tratar disso enquanto tomas banho.

Agarrou em duas malas e levou— as para a sala, fechando a porta atrás de si.

Voltei a encher a chávena de café e levei— a para o quarto de banho. Bebi— a enquanto abri o armário à procura de uma lâmina de barbear, mas não encontrei nenhuma. Embrulhei— me na toalha e dirigi— me à sala.

Ela estava de costas para mim quando abri a porta. Havia dois homens do outro lado da mesa. E também duas malas de couro ao lado das Louis Vuitton. Essas estavam abertas e ela entregava aos homens embrulhos de celofane com pó branco que eles colocavam nas suas malas.

— Vinte e dois quilos — disse ela, e então um dos homens viu— me e retirou do bolso do casaco uma automática.

Ela voltou— se para mim. Senti— me estúpido.

— Ando à procura de uma lâmina — disse.

— Guarda lá a arma — disse ela com frieza. — Ele é sobrinho de Di Stefano.

O homem olhou para mim.

— Aquele que foi com Angelo?

— Sim — respondeu ela, voltando— se para mim. — A lâmina está no armário ao lado do lavatório.

Abanei a cabeça e fechei a porta. Voltei para o quarto de banho. De repente, senti— me mal e vomitei na sanita. Já nada fazia sentido.

Olhei— me ao espelho. Estava com um aspecto merdoso. Pálido, a suar, e a boca sabia— me mal. Abri a porta do armário espelhado e retirei um frasco de Lavoris que já lá tinha visto antes.

Esvaziei o frasco até conseguir fazer desaparecer da boca o mau sabor. Encontrei a lâmina, uma gilette antiga, mas como não havia creme para a barba cobri o rosto com o sabonete perfumado do lavatório. A lâmina não estava em muito mau estado mas a mão tremia— me e acabei com alguns cortes na cara. Pressionei uma toalha contra o rosto para estancar o sangue, depois coloquei nos cortes pedacinhos de papel higiénico.

Sentei— me na sanita até o papel secar e depois meti— me no chuveiro e fustiguei— me com água fria. Tremia quando me

embrulhei num pesado lençol de banho. Olhei novamente para o espelho. Já não tinha tão mau aspecto. Rapidamente, penteei-me e abri a porta que dava para o quarto.

Alma estava sentada na beira da cama, à minha espera.

— Estás bem? — perguntou.

— Ótimo — disse eu, procurando a roupa no armário. Mas só lá encontrei os fatos e os sapatos. Retirei a mala e coloquei-a sobre a cama.

— As camisas, roupa interior e peúgas estão na gaveta do fundo — disse ela, apontando para a cómoda.

Vesti-me enquanto ela me observava em silêncio. Comecei a atirar a roupa para dentro da mala vazia. Não dobrei nada, mas consegui fechar a mala. Agarrei nela e dirigi-me para a porta.

Ela continuou sentada na cama.

— Para onde vais? — perguntou.

— Posso utilizar o apartamento do meu pai — respondi.

— Espera, por favor. Posso explicar — disse ela.

— Que mais podes explicar? Com mais mentiras? — perguntei, sarcástico.

— Pensei que éramos amigos e amantes — disse ela.

— A única coisa que houve entre nós foram umas fodas amigáveis — disse eu.

— Lutámos pela sobrevivência — disse ela.

— Mas sobrevivemos — respondi eu, furioso. — E nunca me chegaste a dizer onde é que te encaixavas. Pensei que vinhas para Nova Iorque para me acompanhar e não para transportar vinte e dois quilos de cocaína.

— Isso foi entregue aos sócios do teu tio — disse ela.

— E tu não recebeste nada por isso — disse eu, ainda zangado. — Fui um estúpido.

— Não — disse ela, suavemente. — O teu tio e o general tinham um acordo há muitos anos. Eu faço parte dele. Continuei a trabalhar para o teu tio mesmo depois de o general morrer. De outra forma, como poderia viver? O general deixou-me tudo menos dinheiro.

— E onde é que entrava Angelo? — perguntei.

— Foi o meu contacto durante os últimos cinco anos — respondeu ela.

— E eu o contacto dele. Precisava de alguém de confiança que falasse espanhol.

— Eram amantes? — perguntei.

— Não era bem isso — respondeu ela. — Diria que éramos sócios. De vez em quando, íamos para a cama, mas não tinha grande significado.

— O meu tio conhece—te?

— Sim—respondeu ela. — Desde os dezassete anos. Foi a primeira vez que o general me levou a Nova Iorque.

— E durante todo este tempo tens servido de correio?

— Foi tudo combinado — disse ela — entre Lima e Nova Iorque. E eu era o correio ideal, primeiro como estudante, depois como modelo a trabalhar para as melhores agências.

— Por que é que não me disseste?

— Não podia — respondeu. — Não sabia o que tu sabias, por isso tive de me calar. Angelo também nunca te contou nada.

Abanei a cabeça.

— Meu Deus! — disse, depois voltei a olhar para ela. — O capitão também está metido nisto?

— Sim—respondeu ela. — Um dos trabalhos dele era proteger—te no aeroporto. Lembras—te de que te seguiu até ao quarto de banho?

Assenti.

— E ainda bem que o fez — disse ela. — Vi Vince seguir—te e avisei—o.

— Então sabes o que aconteceu lá? — perguntei.

— Sim. O teu tio contou—me esta manhã.

— E que disse ele esta manhã?

— Disse—me para telefonar ao capitão e dizer—lhe para mandar a coca para um homem chamado Ochoa, em Medellin.

— É o mesmo homem a quem Angelo a ia entregar. Retirou um cigarro da mesinha—de—cabeceira. Lentamente, inspirou o fumo.

— Eu disse—lhe que deveria contar—te. Ele não respondeu. Disse só para lhe telefonares às duas horas.

Olhei para ela.

— Não sei se quero falar com ele.

— Mas ele ama—te — disse ela. — E precisa de ti. Ainda mais agora que Angelo morreu.

Fiquei calado.

— E eu? — perguntou ela. — Tínhamos uma coisa especial, Também preciso de ti.

Olhei— a nos olhos e vi lágrimas.

— Isto já não faz sentido para mim. Tu continuarás a viver como sempre tens feito. Mas eu não sei viver no teu mundo.

— Tens de sentir alguma coisa — disse ela. — Se não por mim, pelo menos pelo teu tio. Afinal, ele é da família.

— A família só me deu desgostos — disse eu. — Diz ao meu tio que se quiser falar comigo estou no velho apartamento do meu pai.

Depois, voltei—me para que ela não visse as lágrimas nos meus olhos, agarrei na mala e saí.

10.

O apartamento do meu pai ficava a dez minutos de táxi do Hotel Pierre. Do outro lado da Rua Cinquenta e Nove, no cruzamento de Central Park West com a Rua Setenta. Era um apartamento antigo, nada parecido com os novos edifícios que estavam a ser construídos em East Side. Era uma casa confortável num décimo primeiro andar, com tectos altos, dois quartos, uma sala, uma sala de jantar, uma cozinha e dois quartos de banho. O meu pai comprara— a logo após a morte da minha mãe. Não conseguia viver na casa onde passara tantos anos com ela.

Quando se mudou para o apartamento, reservou um quarto para mim, embora a maior parte do tempo eu estivesse no colégio.

Barney, o porteiro, cumprimentou—me quando saí do táxi e agarrou na minha mala.

— Bem—vindo, Mr. Jed — disse, sorrindo.

Paguei ao motorista e voltei—me para ele. Chamava—me Mr. Jed desde que mudáramos para lá, tinha eu 12 anos.

— Como está, Barney? — perguntei.

—Estou a ficar velho, Mr. Jed—disse ele, acompanhando—me até ao elevador. — É a artrite que me incomoda. Mas cá me vou aguentando.

— Ótimo — disse eu, enfiando—lhe na mão uma nota de dez dólares.

Ele poisou a mala dentro do elevador e carregou no botão do meu andar.

— O apartamento deve estar em condições — disse. — Ainda ontem lá estive a mulher da limpeza.

— Obrigado — disse eu, enquanto as portas se fechavam.

Entrei no apartamento e poisei a mala. Barney tinha razão. A casa estava limpa, embora às escuras. Entrei na sala e abri a janela. O ar fresco vindo de Central Park ajudou.

Avistei as torres de Sherry Netherland e o topo do Hotel Pierre junto à Quinta Avenida.

Não me senti melhor. Desfiz a mala. Depois, atirei— a para dentro do roupeiro, despi o casaco e poisei— o numa cadeira. Agarrei na pasta, fui até à sala e abri— a sobre a mesa.

Verifiquei se o dinheiro ainda lá estava. Dezassete mil dólares. Da bolsa interior retirei o passaporte de Angelo, o cartão de crédito e a carta de condução. Peguei no Rolex e examinei— o. O mostrador era azul—escuro com diamantes no um, seis e nove. Estava parado nas três horas. Voltei— o. Tinha uma inscrição gravada: «Ao meu querido filho Angelo, no seu vigésimo primeiro aniversário. Do Papá.»

Voltei a guardar o relógio. Ainda estava furioso com o meu tio por ele também me ter enganado. Mas era o irmão do meu pai, e Angelo fora meu primo. E, quer eu quisesse quer não eram da família.

Fechei a pasta, levei— a para a sala e coloquei— a sobre a secretária do meu pai. Num dos cantos estava uma moldura dupla com a fotografia do meu pai de um lado e da minha mãe do outro. Olhei para elas. Tinha 9 anos quando a minha mãe morrera. Sempre me senti culpado por não me lembrar bem dela. Depois, olhei para a fotografia do meu pai. Senti— me esquisito. Pela primeira vez, apercebi— me de que era parecido com o meu tio.

Inspirei profundamente, fui até à cozinha, agarrei numa garrafa de Courvoisier e servi— me de uma boa dose. O conhaque queimou— me o estômago. Comecei a sentir— me mais quente. Mas não me senti melhor.

Sentei— me à secretária e engoli outro trago, depois agarrei no telefone. Como não sabia o número directo de Alma, liguei para o Hotel Pierre.

A voz da telefonista tinha um tom profissional.

— Miss Vargas não está.

— Disse a que horas voltaria?

— Não, senhor — respondeu ela.

— Então poderia dizer— lhe, por favor, que Mr. Stevens telefonou. O meu número é...

A telefonista interrompeu— me:

— Ela deixou uma mensagem para si. Pediu para o informar de que ia hoje à tarde para França.

— Obrigado — disse eu, pousando o telefone. Fiquei a pensar durante um bocado e depois olhei para a fotografia do meu pai.

— Que faço agora, pai?

Mas as fotografias não dão respostas. O meu pai limitou—se a sorrir. Bebi mais um pouco de conhaque e pus—me a olhar para a fotografia. Talvez estivesse a ficar bêbado, mas pareceu—me que ele se parecia mais do que nunca com o irmão.

O telefone tocou e eu atendi.

— Estou.

— Mr. Jed, é Barney — disse ele. — O seu tio Mr. Di Stefano está aqui.

— Okay, Barney — disse eu. — Mande—o subir. Pousei o copo de conhaque sobre a secretária e dirigi—me à porta. Fiquei à espera de que ele saísse do elevador. Trazia dois guarda—costas atrás. Levantei a mão.

— Eles não — disse eu. — Quero falar consigo a sós. Fez—lhes sinal e eles ficaram no corredor. Recuei, deixei—o entrar e fechei a porta.

O meu tio era um homem grande. Antes que eu tivesse tempo para me voltar, abraçou—me. Depois, beijou—me em ambas as faces.

— Meu filho — disse.

— Meu tio — disse eu, com ar rígido. Ele franziu o nariz.

— Estiveste a beber.

— Foi só um conhaque — disse eu. — Quer um?

— Não — disse ele. — Sabes que não costumo beber antes das seis.

— Esqueci—me — disse eu. Levei—o até à sala e abri a pasta.

— Isto era de Angelo. Ele olhou em silêncio.

— Tudo o que lá está dentro pertence a Angelo — disse eu. — Sobraram dezassete mil dólares.

Abri a bolsa interior.

— Aqui estão a carta de condução, o passaporte e os cartões de crédito.

Depois, retirei o Rolex de Angelo.

Lentamente, ele pegou nele e leu a inscrição. Depois, começou a chorar. Um choro seco, com soluços pesados, as lágrimas a escorrerem—lhe pela cara abaixo.

Passei—lhe o braço pelos ombros e levei—o até à cadeira junto da secretária. A minha voz estava embargada.

— Lamento, tio Rocco. Lamento mesmo. Ele tapou o rosto com as mãos.

— Ainda não tinha acreditado. Não conseguia. Até agora.

— Por favor, tio Rocco. Tem de ser forte. Ele abanou a cabeça.

— Perdi o meu belo filho. Foi—se embora. E agora não tenho filho. Nenhum herdeiro que tenha saído de mim. Que lhe fiz?

— Não lhe fez nada. O que fez sempre foi amá—lo — disse eu.

Ele olhou para mim.

— Devia tê—lo impedido. Disse—lhe para não ir. Também não quis que tu fosses. Ele disse que se não fosse nunca mais ninguém o respeitava, passaria a viver sempre na sombra.

Fiquei calado. Não sabia o que dizer. Ele olhou para mim.

— Angelo sofreu muito?

— Não sofreu. Tudo se passou em segundos — disse eu. Ele assentiu levemente.

— Graças a Deus por isso. E graças a Deus por tu estares com ele. Pelo menos, tinha lá alguém da família.

Lembrei—me de ter segurado a cabeça de Angelo nos braços.

— Família — dissera eu. E depois matara—o. Olhei para o meu tio.

— A família estava com ele — disse eu. O meu tio estava agora mais calmo.

— Vou tratar de arranjar uma missa.

— Sim — disse eu.

— E vais lá estar?

— Vou — respondi.

— E serás o meu filho, o meu herdeiro—disse ele, agarrando—me na mão. Segurei—lha.

— Mas não sou Angelo — disse. — Não sou como ele. Não saberia viver no mundo dele.

— Mas vais ser rico — disse o meu tio. — Mais rico do que alguma vez sonhaste. Já vais receber vinte mil de Angelo. Deixou—tos em testamento. Eras o seu único herdeiro.

— O meu pai deixou—me tudo o que eu preciso. Não quero ser rico. Podemos dar o dinheiro de Angelo aos pobres.

Ele olhou para mim.

— És tão doido como o teu pai. Vem comigo e um mundo novo abrir—se—á para ti. Em vinte anos a cocaína tornar—te—á bilionário.

— Ou morto — disse eu. — A única coisa que aprendi no meio disto tudo é que não podemos controlar este mundo. Os sul—americanos em breve controlarão este negócio. São eles que cultivam, manufacturam e em breve quererão distribuir. Aí passaremos a ficar de fora ou então seremos homens mortos.

Ele olhou para mim.

— Talvez não sejas tão maluco como pareces. Então que vais fazer?

— O meu pai já tinha um bom negócio. Alugava automóveis. Eu tenho outra ambição. As companhias aéreas estão a crescer. Mas precisam de capital. E o capital é difícil de arranjar. Tive a ideia quando viajei na TWA e comecei a reparar que todos os aviões tinham a mesma inscrição: «Este aparelho é propriedade da Hughes Aircraft Corp. e pode ser alugado à H. A. C.»

O meu tio abanou a cabeça.

— Não percebo.

— A Hughes só é proprietária da TWA. Acho que muitas outras companhias aceitariam o mesmo tipo de negócio — disse eu.

— Aluguer de aviões. Mas para isso é preciso muito dinheiro — disse o meu tio.

— Estou convencido de que o tio tem os contactos para arranjar o dinheiro. Acho que podemos começar com duzentos milhões. — Ri—me.

— Tenho de pensar nisso — disse ele.

— Esqueça — disse eu. — Nem sequer se pode meter neste negócio. Há sete agências do governo que andam em cima das companhias aéreas. Teria de se retirar para se poder meter nestas coisas.

— Afinal deves ser mesmo maluco — disse o meu tio. — O dinheiro não tem cor, de onde quer que venha.

— Mas as pessoas têm — disse eu. O meu tio levantou—se.

— Telefone—te quando a missa estiver marcada.

— Lá estarei — disse eu.

Ele dirigiu—se para a porta e depois voltou—se para mim.

— Sabes que a rapariga foi para França?

— Sei — respondi.

— É uma boa rapariga, mas não é para ti — disse ele. — Com que tipo de rapariga gostaria que eu me casasse? — perguntei.

— Angelo tinha uma rapariga simpática, de família siciliana simpática. Acho que acabaria por casar com ela.

— Uma família siciliana simpática?

— Muito simpática. Talvez os possas conhecer — disse ele.

— Obrigado, tio Rocco — disse eu. — Talvez. Abraçámo—nos, e desta vez também o beijei. Abri a porta e fiquei a vê—lo dirigir—se para o elevador, acompanhado de dois guarda—costas.

CAPO DI TUTTI CAPI EMERITUS I

Não havia hipótese de matarem o tio Rocco. Não que não tivessem tentado. Facas, armas e bombas em automóveis. O tio Rocco tinha um sexto sentido. Já decidira. Não era assim que ia morrer.

— Estou a ficar velho — disse—me. — E agora que Angelo morreu e tu não queres meter—te em negócios comigo, não tenho ninguém a quem os deixar. Para quê continuar a lutar?

Olhei para ele. Estávamos sentados num pequeno compartimento nas traseiras do Palm na Segunda Avenida. Estávamos sozinhos pois os dois guarda—costas ocupavam uma mesa próxima. O tio Rocco ainda usava uma banda preta no casaco.

— Não sei, tio Rocco — disse eu. — O meu pai ensinou—me que a gente nunca se desliga verdadeiramente dos negócios.

— Que sabia o teu pai? — resmungou ele, enrolando a massa no garfo. — Isto não são os velhos tempos, são os anos setenta. Somos

civilizados, levamos tudo a sério. Já fiz um acordo com as famílias.

— Que quer isso dizer? — perguntei—lhe. — Que elas não o vão matar?

— Andas a ver filmes a mais — disse o tio Rocco. Cortei o bife. Estava mal—passado, mesmo como eu gostava.

— Ainda não me disse nada.

— Vou mudar —me para Atlantic City — disse ele.

— Porquê Atlantic City? — perguntei. — Sempre pensei que se retiraria para Miami.

— As coisas não são bem como a gente quer — respondeu o tio Rocco. — Miami não é controlada por Chicago. Bonanno arranjou as coisas para eu tomar conta do hotel e dos restaurantes de Atlantic City.

É uma operação simples e chega—me. Já não estou para trabalhar no duro.

Mastiguei lentamente outro pedaço de bife.

— E que lhes deu em troca?

—Ficam com os meus negócios aqui. Mas está bem. Assim, terei paz e sossego.

— Mas isso é muito dinheiro — disse eu.

— Tenho muito dinheiro — riu—se ele. — Talvez meio bilião de dólares.

Fiquei calado. Custava—me a acreditar que tivesse tanto. Mas sabia que era verdade. O meu tio não me ia mentir em relação a isso.

— Que mais vai fazer?

— Vou ocupar—me dos meus investimentos — disse ele. — Tudo o que tenho agora é dinheiro limpo, posso fazer o que quiser.

Acabou de comer a massa e esvaziou o copo de vinho tinto. Apontou um dedo na minha direcção.

— Não estás a comer — disse. Cortei outro pedaço de bife.

— Não percebo. Se pode fazer o que lhe apetecer, porque se vai meter num sítio de merda como Atlantic City?

Ele abanou a cabeça.

— Não entendes — disse, como se estivesse a explicar as coisas a uma criança. — Passei toda a vida com esta gente. Não posso abandonar tudo agora que precisam de mim.

— Pode ser—se apanhado tanto por um grande negócio como por uma pequena operação. Para quê correr riscos?

O meu tio voltou a encher o copo.

— Sei o que estou a fazer — disse, teimosamente. — Tenho contactos melhores que Bonanno e outras famílias de Nova Iorque. Daqui a dez anos, em Atlantic City vão fazer—se bons negócios.

Olhei para ele.

— Então não se vai retirar. Ele sorriu.

— Vou, vou.

Fiquei a vê—lo beber o vinho. Não sabia o que lhe ia na cabeça, mas conhecia bem o meu tio. À sua maneira, era um génio. Sabia o que estava a fazer.

Olhou para mim.

— E tu, como vais?

— Bem — respondi. — Há cinco bancos dos grandes dispostos a emprestarem—me dez milhões cada um. Isso com os meus vinte dá setenta milhões...

— Nada mau — disse ele. — Não chega?

— Não — respondi. — Preciso de um mínimo de um quarto de bilião.

— Onde vais arranjar esse dinheiro? — perguntou.

— Consigo.

Ele pôs—se a olhar para mim.

— Estás doido.

Ri—me.

— Já me disse que tem o dinheiro e que quer fazer negócios legais. O meu negócio é legal.

— Não sou maluco — respondeu ele. — Se quisesse desfazer—me do dinheiro atirava—o pela valeta.

— Ganhará um juro de dez por cento e quinze por cento de lucros. Ainda acaba por receber quarenta milhões por ano. Legais.

— Tens de provar isso — disse ele.

— Amanhã de manhã trago—lhe os documentos — disse eu.

— Depois falamos.

— Não sei — disse ele.

— Pense nisso — disse eu. — Pode sempre guardar o dinheiro nos Bancos e viver confortavelmente nessa merdosa Atlantic City.

— És um cabrãozinho — disse ele.

— É de família — respondi.

Colocou sobre a mesa uma nota de cem dólares.

— Vamos — disse.

Olhei à volta à procura dos guarda-costas. A mesa estava vazia.

— Onde estão os seus amigos, tio Rocco? — perguntei.

— Provavelmente foram buscar o carro. Senti um aperto na bexiga.

— Espere aí. Disse-lhes para saírem?

— Não — respondeu ele. — Por que haveria de o ter feito? Vão sempre buscar o carro.

— Eles sabem que se vai retirar? — perguntei.

— Claro — resmungou ele. — Toda a gente sabe.

— E ninguém se queixou?

O meu tio pensou durante um momento.

— Talvez só um. Lilo Galante, um dos membros da família Bonanno. Nunca gostou de mim. Mas não pode fazer nada. Está na cadeia.

— Ele ainda tem ligações com a família?

— Muitas — respondeu o meu tio. — Muitos querem que ele seja o capo quando sair.

Pensou mais um bocado.

— Ouvi dizer que ele não me queria dar parte do negócio de Atlantic City. É um cabrão ganancioso. Olhei para o tio Rocco.

— Está a pensar o mesmo que eu? Ele assentiu.

— Saímos pela cozinha e depois pelas escadas. Atravessámos o telhado do prédio ao lado.

A passagem estava escura e subimos apressadamente as escadas até ao telhado. Olhei para o tio Rocco. Respirava pesadamente.

— Está bem? — perguntei.

— Não estou em boas condições — arquejou ele. Meteu a mão no casaco e tirou duas automáticas prateadas.

— Sabes usar isto?

— Sim.

A noite estava escura e tivemos de caminhar cuidadosamente pelos telhados dos edifícios. Felizmente eram de construção antiga e havia pouco espaço entre eles. Tentámos abrir a porta de três prédios. Só conseguimos abrir a do quarto.

Sáímos por uma escada completamente às escuras. Logo que chegámos ao quinto andar, percebemos que o edifício estava deserto. Não havia luzes debaixo das portas e ouvi o restolhar de ratos enquanto descíamos lentamente os degraus. Quando chegámos ao patamar do terceiro andar, veio até nós o forte odor de comida chinesa.

— Há um restaurante chinês no primeiro andar — disse eu.

Ele resmungou.

— E ratos nas escadas. É por isso que nunca como comida chinesa.

— Não faz sentido — disse eu. — O edifício está fechado, mas têm um restaurante a funcionar.

— Isso é normal — disse o meu tio. — Metade dos prédios daqui estão assim. Com dinheiro consegue-se tudo.

Quando chegámos ao primeiro andar avistámos uma luz trémula. Rapidamente esgueirámo-nos pela cozinha chinesa. Olhei lá para dentro; havia vários homens a trabalhar. Não nos viram. Sáímos para a rua.

— Não vás muito longe — disse o meu tio. — Vê só se os meus rapazes estão por aí.

Espreitei para a rua. Havia vários carros e limusinas estacionados em frente do Palm e do restaurante McCarthy, na esquina da Segunda Avenida com a Rua Quarenta e Cinco.

— Não os vejo — disse eu.

— E o meu carro? — perguntou ele.

— Há ali várias limusinas pretas — respondi. — Não sei qual é a sua.

— Eu vejo — disse ele, espreitando por cima do meu ombro. — O meu carro está ali, estacionado na esquina, debaixo do candeeiro.

Praguejou.

— Os filhos da puta traíram—me. Sabem que não devem estacionar debaixo de candeeiros.

— Que fazemos agora? — perguntei.

— Que se fodam — respondeu. — Ainda tenho amigos na cidade. Vamos entrar nos chinocas para eu fazer uns telefonemas.

Segui—o e entrámos novamente pela cozinha do restaurante chinês. Alguns chineses pareceram surpreendidos mas não disseram nada. Sentámo—nos no bar, mandámos vir dois uísques e o meu tio foi telefonar.

Fiquei a vê—lo fazer dois telefonemas; depois, voltou para o bar, bebeu o uísque e mandou vir outro.

— Agora esperamos — disse, calmamente. — Quando as coisas estiverem tratadas, avisam—me.

Olhei para ele.

— É assim tão simples?

— São negócios — respondeu.

— Mas iam matá—lo — disse eu.

— É um dos riscos do negócio.

Sorriu.

— Já passei por isto antes e ainda estou aqui.

Acabei o uísque e mandei vir outro.

— Então e os guarda—costas? — perguntei.

— Acabaram de ficar sem emprego—respondeu.—O novo patrão deles encarrega—se disso. Deixaram o lugar quando saíram do restaurante. Já não são problema meu.

Abanei a cabeça.

— Não percebo.

O meu tio sorriu sem vontade.

— Nem precisas — disse. — Agora, fala—me lá da tua proposta.

— Isso pode esperar — disse eu. — Já tem problemas que lhe cheguem.

— Não sejas estúpido — disse ele, rudemente. — Eu disse que tudo ia ficar resolvido. Fala—me lá da tua grande ideia.

— É simples — disse eu. — Tenho um acordo com onze pequenos países. Todos eles querem ter companhias aéreas, mas não têm dinheiro para as pagar. No entanto, acham que é importante tê

—las pelo prestígio. Eu alugo aviões quase como o meu pai alugava automóveis.

— E como sabes que arranjas os aviões? — perguntou ele.

— Pago a pronto. O dinheiro fala. Contratei o general Haven Cárter para presidente da companhia. Ele é um peso pesado, antigo chefe da Força Aérea.

— Vai custar—te uma porção de massa — disse o tio Rocco. — Duzentos mil por ano — disse eu. — E é barato. Ter—lhe—ia dado meio milhão se ele pedisse. Ouvia—se uma voz rouca atrás de nós.

— Mr. Di Stefano.

O tio Rocco e eu voltámo—nos. A voz rouca pertencia a um homem grande. Negro, alto, fato cinzento, camisa branca e gravata preta. Um chapéu cinzento—escuro oscilava na sua cabeça negra brilhante, e falava a sorrir, mostrando enormes dentes brancos.

O tio Rocco também lhe sorriu.

— Joe — disse. Depois, voltou—se para mim. — O sargento Joe Hamilton, o meu sobrinho Jed.

A mão do homem era enorme.

— Prazer em conhecê—lo, senhor. Voltou—se para o meu tio.

— Localizámos os seus rapazes — disse.

— Onde? — perguntou o meu tio.

— Ao fundo do quarteirão, num carro entre a Rua Quarenta e Três e a Quarenta e Quatro. Estavam estacionados do outro lado da Segunda Avenida para poderem ver o seu carro.

— Raios! — exclamou o tio Rocco. Olhou novamente para o polícia. — Reconheceu os homens?

— São de fora — disse ele. — Contratados. Concluí isso porque nunca os tinha visto.

O tio Rocco abanou a cabeça.

— Que fez com eles?

— Nada — respondeu Hamilton. — Não sabia o que queria que fizesse. Mandei vigiá—los. O tio Rocco voltou—se para mim. — Há sempre um porco ganancioso. Eu ofereci um negócio justo a todos.

— Aprendi uma coisa na faculdade. Não há negócios justos. Há sempre quem ganhe e quem pense estar a perder.

— Então em que ficamos? — perguntou o meu tio. Encolhi os ombros.

— Alguém pensa que o tio o andou a lixar.

— E tu que pensas? — perguntou ele.

— O negócio é seu — respondi. — Não percebo nada disso. Só sei que alguém o ia matar.

— E então que farias? — perguntou ele, olhando—me nos olhos.

— É meu tio — disse eu. — E gosto de si. Não quero que ninguém lhe faça mal. Mas estes cabrões são paus—mandados. Se não o apanharem, alguém se encarregará de o fazer. Tem de chegar junto da cabeça da cobra e esmagá—la.

— Não é assim tão fácil — disse o tio Rocco. — Lilo está na cadeia. Não posso falar com ele lá.

— Alguém há—de poder, tenho a certeza — disse eu.

— Entretanto, que faço com estes caras—de—cu? Deixo—os à solta? — perguntou, sarcástico.

— Isso pode ser o primeiro passo—disse eu. — Depois pode procurar alguém que chegue até ele.

O polícia negro voltou—se para o tio Rocco.

— Posso falar com ele. Posso dizer—lhe que a coisa é simples. Na cadeia há oito negros por cada dois brancos e, se não se portar bem, vai acabar metido num caixão.

O tio Rocco pensou durante um momento.

— Okay — disse, finalmente. — Faremos assim.

— Ótimo — disse eu. — Acho que os seus amigos aprovariam o que vamos fazer. Ninguém quer iniciar outra guerra.

O meu tio sorriu.

— Frank Costello morreu. Depois de Lucky, foi ele o juiz. Manteve as coisas calmas durante muito tempo.

— Talvez lhe dêem esse lugar — disse eu, fazendo uma careta. — «Capo di Tutti Capi Emeritus I».

O meu tio olhou para mim.

— Isso é estúpido—disse, mas percebi que a ideia lhe agradava.

Voltou—se para o polícia.

— Consegue chegar a Lilo?

— É fácil — respondeu ele. — Controlo aquela espelunca.

— Pronto, está feito — sorriu o meu tio.

O sargento Joe Hamilton assentiu com a cabeça e fez-me uma pergunta.

— Que quer que façamos com os tipos lá de fora? O tio Rocco ergueu o copo.

— Dê-lhes um arraial de porrada e deixe-os na valeta. Ficámos a ver o polícia sair do restaurante, e o meu tio mandou vir mais uma rodada.

— Tu tens uma proposta para mim e eu tenho uma proposta para ti.

— Que é? — perguntei.

— Compras a minha casa da Rua Sessenta. É uma casa óptima e o sítio é ideal para ti. É suficientemente grande para fazeres habitação e escritório, e fica num sítio da alta, que é o meio que agora vais frequentar, no West Side.

— Isso é muito caro — disse eu. — Ainda não tenho os negócios organizados.

— Já tens tudo organizado — disse ele. — Leva o teu advogado e contabilista que eu terei lá os meus. Dou-te o dinheiro de que necessitas e tu compras-me a casa.

Pus-me a olhar para ele.

— Acha que tenho dinheiro para isso?

— Trezentos mil não é justo? Dentro de quinze anos valerá dois milhões.

Agarrei-lhe na mão . Ele abraçou-me.

LIVRO II

AMOR, ASSASSÍNIO E O ACTO DE RICO

1.

O sussurrar dos dois motores do Beechcraft de quatro lugares entrava suavemente pela cabina. Daniel Peachtree, presidente da Millenium Films Corporation, ia confortavelmente sentado aos comandos. Lançou um olhar ao mostrador de vector e depois outro ao indicador Sat—Nav.

—Devemos lá estar daqui a uns vinte minutos — disse, satisfeito.

— E eu acho que deves ser doido como o caraças — atirou—lhe Neal.

«Que cabra!», pensou Daniel. «Sempre a queixar—se. Aliás, eu vou ter mais publicidade com isto tudo do que qualquer outra pessoa.»

Voltou—se para as estrelas de rock da MTV que iam atrás dele, com uns vestidos lindíssimos.

— Como estão vocês?

— Borradas de medo, querido — respondeu Thyme, com a voz a soar muito diferente da que se ouvia no vídeo que as tinha colocado no top de vendas. — Não devias estar a olhar pela janela, ou coisa assim, em vez de estares para aí a olhar para nós, querido? Até pareces um motorista de táxi de Roma.

Daniel sorriu.

— Neste momento, estamos em automático. Não tenho nada que fazer até começarmos a descer.

— Então põe—nos a descer, querido — respondeu Thyme. Abriu a bolsa, tirou uma dose de coca e voltou—se para a amiga. — Toma, Methanie, duas snifadas disto põem—te fina.

Methanie fez que sim com a cabeça e começou logo a inspirar o pó.

— Salvas—me a vida, querida.

Thyme serviu—se também e voltou a guardar a bolsinha na mala.

— Isto ajuda mesmo. Daniel olhou para ela.

—Não a deixes ficar demasiado pedrada. Vamos ter jornalistas e fotógrafos no aeroporto, e lembra—te de que estamos em tempo de

tolerância zero.

— Que se fodam, não vão dar por nada, querido — respondeu Thyme.—Toda a vida andei pedrada, nunca ninguém me viu de outra maneira. — Thyme voltou—se para ele. — Tens a certeza de que Donald Trump vai lá estar?

— Se andas caída por ele, tira isso da ideia — Daniel riu—se. — A mulher dele é mulher checa. Mas talvez te dê uma cambalhota no hotel dele em Atlantic City.

— Passo muito bem sem ele e o hotel dele — respondeu ela — Quero é que ele me ponha perto de Mike Tyson. Daniel olhou—a fixamente.

— Que te faz pensar que Tyson te quererá conhecer?

— Ouvi dizer que passa a vida a tocar os meus discos no campo de treino dele — respondeu Thyme. — Pode ser o campeão, mas para mim, não passa de um menino da mamã já muito crescido.

— Nem sequer sabia que ias à bola com homens...

— Com homens, não, nunca. Só com rapazes. Despertam a mãe que há em mim.

— És uma boa cabra — rematou Daniel, no momento em que um besouro começou a soar por cima da sua cabeça. Carregou num botão e puxou um auscultador. — Estamos a chegar, meninas. Lembrem—se, estejam na maior.

—Estamos na maior—disse Thyme com um sorriso. —Um bocado pálidas, mas na maior.

Voltou a abrir a bolsa da coca. Desta vez, beliscou os mamilos de Methany, e depois os dela própria.

— Isto põe—os tesos, querida. Parece dinamite nas fotografias a preto e branco dos jornais.

Bradley Sheperd encaixou—se na cadeira por detrás da pequena secretária que havia no quarto da mulher. Pegou no auscultador. A música da orquestra chegava lá acima, vinda do salão, e por isso pôs a mão em concha a tapar o outro ouvido, para conseguir perceber a voz do outro lado do fio.

— O banco diz que não nos avança mais de doze dólares por barril do nosso crude.

A voz de Chuck Smith estava nervosa. Como associado de Sheperd, era sua missão assegurar—se de que todos os pormenores eram tratados.

— Também querem que lhes façamos um pagamento de seis milhões de dólares por conta do nosso empréstimo, porque estão com os fiscais federais e do Estado à perna.

—Cabrão de mundo este, está tudo doido!—disse Bradley. — Este valor é só temporário, o petróleo vai subir. São os sacanas dos árabes a empurrar—nos para fora de jogo.

Chuck ficou calado. Bradley voltou a falar para o telefone.

—Temos algum lucro com os quinze dólares por barril que temos?

—A nossa própria análise de custos dá onze dólares e quarenta, o que nos deixa três dólares e sessenta. Uma centena de barris por mês só nos dá trezentos e sessenta mil.

— Podemos mandar dez vezes mais do que isso — disse Bradley.

— Claro que podemos — respondeu Chuck. — Mas não temos quem o compre. Estiveste longe de Oklahoma muito tempo. Não percebes o que se tem passado. Todos os grandes foram destronados e mais de setenta bancos deram o berro este ano. Não há dinheiro por aí, nem mesmo nas mãos dos agiotas.

— Que se foda o Aiatola! — praguejou Bradley. — Eu bem disse a Jimmy Cárter que nos estava a lixar. Pelo menos o xá estava do nosso lado. Esse teria mantido a OPEP na linha.

— É melhor voltares aqui — disse Chuck. — És a única pessoa que pode manter o nosso negócio em circulação. Em Oklahoma ainda és o rei.

— Estou metido em merda até ao pescoço aqui por estes lados. Quando dei quatrocentos milhões ao Suíço, tive de meter Jarvis no negócio. Foi ele que pagou ao Suíço. Agora está a pressionar—me. Tenho de entrar com mais oitenta e cinco milhões para o tacho da minha participação na nova produtora de TV e de filmes.

— Estás nisso?

— Estou na merda — respondeu Bradley.

— E tens de pagar? — perguntou Chuck.

— Está no contrato.

— E se não pagasses?
— Então ele tinha o direito de comprar a minha parte — respondeu Bradley.
— Por quanto? — perguntou Chuck.
— A minha metade: quatrocentos milhões.
— E ele tem essa massa toda? — interrogou Chuck.
— Tem mais dinheiro do que Deus — disse Bradley. Chuck ficou calado por um momento.
— Então não tens escolha. Estás entre a espada e a parede.
— Não me digas! — ironizou Bradley.
— Dá—me um tempo, que eu volto a ligar para ti daqui a meia hora. Eles que se aguentem.

Acendeu um charuto e mirou o quarto, irritado. O quarto de dormir da mulher de Bradley era lindíssimo, como o resto da casa. Mas também... por quinze milhões de dólares em dinheiro... tinha obrigação de o ser. Abanou a cabeça com irritação. Como podia ter—se tornado tão estúpido? E ainda por cima no negócio dos filmes. Charlene entrou. Vinha do toucador. Trinta anos de casados, e continuava a parecer a mulher mais bonita da cidade. Um metro e setenta, cabelo comprido, castanho—claro, um colar de diamantes e esmeraldas no pescoço, uma bracelete a condizer no pulso, a aliança de ouro muito simples que usava desde o dia do casamento, e no dedo da outra mão um diamante de vinte e cinco carates. Olhou para ele.

— É melhor começarmos a descer para a festa. Já cá estão uns cem convidados.

— Quantos vêm?
— Perto de quinhentos — respondeu ela.
— Merda — resmungou ele.
— Que foi?—perguntou ela, perscrutando o rosto dele com o olhar.

— Quanto dinheiro tens guardado na caixa da cozinha? — perguntou ele.

Ela sabia ao que ele se referia. Quando se tinham casado e tinham muito pouco dinheiro, costumavam esconder o dinheiro numa caixa que guardavam numa prateleira, atrás dos pratos, na cozinha.

— Uns vinte milhões — disse ela calmamente.

— Está assim tão mau?

— Pior ainda — respondeu ele. — O telhado está a desabar.

Onde o tens?

— No Chase Manhattan, Nova Iorque — disse ela.

— Preciso de dez milhões amanhã. Ela não fez perguntas.

— Podes tê-lo todo, se queres.

Ele conseguiu esboçar um sorriso amargo.

— Vou ver se me aguento só com isso, mamã.

— O dinheiro é dos dois — disse ela. — Sempre te disse isso.

— Bem sei, mamã, mas eu estava à espera de te dar uma vida melhor. Levantou-se da secretária e beijou-a no rosto. — Obrigado, mamã — disse. — Agora podemos descer para a puta da festa.

O longo caminho que levava até ao imponente pórtico de entrada da casa estava apinhado de limusinas — Rolls Royces e, ocasionalmente, Mercedes. Os fotógrafos disparavam os flashes das máquinas e gritavam às suas estrelas favoritas para obterem respostas para as perguntas que ninguém ouvia, enquanto estas passavam rapidamente pelas portas duplas e entregavam os seus convites aos seguranças que lá estavam, todos de smoking. Reed Jarvis e Sherman Siddely, advogado pessoal deste, tentaram passar pelos seguranças sem entregar os convites. Um dos homens fê-los parar.

— Não podem entrar sem convite, senhores — disse o segurança delicadamente.

— Este senhor é Reed Jarvis — explicou Sherman. — Não temos convites nenhuns.

— Lamento. Sem convite, não há farra. Rua.

— Isto é uma estupidez — disse Sherman, irritado. — Mr. Jarvis é sócio de Sheperd.

— Tenho as minhas ordens — respondeu o guarda. — Ninguém entra se não tiver o cartãozinho dourado.

Jarvis descontraiu-se. De repente, apareceu uma nota de mil na sua mão.

— Se eu puder dar só uma palavrinha a Mr. Sheperd, tenho a certeza de que tudo ficará bem. O segurança deitou uma olhadela à nota. Esta desapareceu rapidamente na mão dele.

— Aguarde um momento, sir. — disse ele. — Vou procurar Mr. Sheperd.

— Deste—lhe uma nota de mil — disse Sherman.

— E vai ser a milha mais cara da vida daquele estúpido — disse Jarvis, calmamente. — Amanhã estará sem emprego.

O segurança mereceu o dinheiro. Bradley estava atrás dele. Estendeu a mão.

— Reed, ainda bem que pudeste vir. Entra.

Bradley conduziu Jarvis e Sherman para o gigantesco salão de festas. Na ponta estava a orquestra; a todo o comprimento estava uma mesa coberta de uma panóplia maciça de hors—d'oeuvres e comida quente. Do outro lado, as largas portas francesas abriam para uma área coberta por um toldo que abrigava completamente uma piscina olímpica, com belas mesas decoradas a ouro e prata, dispostas dos dois lados da piscina. Bradley sorriu.

— Ninguém acreditava que um badameco de Oklahoma pudesse dar uma festa destas. Dá—lhes cabo da cabeça.

— Lá grande é — respondeu Reed, sem entusiasmo. Bradley fitou —o.

— Alguma coisa te está a aborrecer — disse, convicto.

— Temos a reunião do conselho de administração amanhã — respondeu Reed.

— Isso sei eu.

— Ouvi dizer que as tuas companhias petrolíferas estão a ir por água abaixo. Sem cheta — disse Jarvis.

— E onde ouviste isso? — perguntou Bradley.

— De fonte segura. Bradley encarou —o.

— Onde é que queres chegar?

— Tens de aparecer com oitenta e cinco milhões amanhã, para o novo fundo de produção — respondeu Reed.

— Não tenho tanto. Preciso de tempo — disse Bradley.

— Desculpa — disse Jarvis, mansamente. — Fizemos um negócio. Mas não te quero fazer passar nenhuma vergonha à frente

dos outros administradores. Limitas—te simplesmente a vender a tua quota por quatrocentos milhões. Depois podes voltar a dedicar—te ao teu próprio negócio e endireitar a tua companhia petrolífera.

— E se eu não quiser fazer isso? — perguntou Bradley.

— Não tens escolha, que eu veja.

A voz de Jarvis era fria. O rosto de Bradley não traiu nenhuma emoção.

— Deixa—me pensar nisso por um bocado — disse. — Respondo —te antes de a festa acabar.

—É justo — disse Jarvis. Bradley indicou—lhes a sala, que já estava cheia de convidados. — Divirtam—se. Tenho de ir cumprimentar outros convidados.

O longo bar, no extremo oposto da sala, estava apinhado de gente a pedir bebidas. Reed olhou para lá com desdém.

—Odeio estas confusões. Há—de haver algum sítio onde encontremos uma mesa com serviço.

— Pelo que vejo, já todas as mesas estão ocupadas — replicou Sherman.

Daniel Peachtree apareceu por detrás deles. — Ouvi o que disseste. — Sorriu. — Sigam—me, eu sei destas coisas. Se não se arranja uma mesa, está—se lixado.

Em silêncio, seguiram—no pelas grandes portas francesas que davam para o exterior, para a piscina, que estava coberta por uma enorme tenda de circo. Daniel tinha uma grande mesa que dava para o palco, construído numa das pontas da piscina, onde tocava uma orquestra de dezasseis elementos; havia uma pista de dança construída por cima de metade da piscina, deixando o resto aberto para o inevitável mergulho de uma qualquer starlet. Luzes coloridas e lanternas japonesas pendiam de fios engenhosamente pendurados de uma ponta à outra da tenda, criando uma atmosfera estranhamente agradável.

Daniel fez as apresentações.

— Já conhecem Neal — apontou para os outros. — Reed Jarvis, Shermann Siddely. Apresento—vos Thyme e Methanie.

— Esperou até que os dois homens se sentassem. — Estamos a tomar uísque, champanhe e vodca. Há gelo na mesa. Se quiserem

outra coisa qualquer, eu chamo o criado.

— Por mim, fico com o uísque — disse Reed, sentando—se ao lado de Thyme. — A tua cara não me é estranha. Já nos conhecemos?

— Não me parece. — Thyme serviu—lhe um uísque e ergueu a sua taça de champanhe. — À vossa!

— À vossa — respondeu Reed, sorvendo o seu uísque. — És muito bonita. És actriz?

Ela riu—se outra vez, fazendo—se cara. — Não.

— Então, que fazes? — perguntou ele.

— Faço discos — respondeu Thyme. — Também gosto de farras. E tu, que fazes?

— Faço dinheiro.

— Que óptimo! — respondeu ela.

— Adoro dinheiro. Talvez possamos fazer uma farra, um dia destes.

Reed voltou—se para Daniel.

— Esta rapariga é deliciosa. Onde é que foste desencantá—la?

Daniel riu—se.

— Tens a certeza de que não a conheces? Reed fez que não com a cabeça.

— É a rapariga do número um do vídeo na MTV e nos toques de discos. O álbum dela acabou de receber um disco de platina. Reed voltou—se de novo para ela.

— As minhas desculpas. Não tenho muito tempo para ver televisão ou para ouvir música.

— Tudo bem — respondeu Thyme. — Fazes o que é mais importante. Fazes dinheiro.—Levantou—se. — Dão—me licença? Tenho de ir pôr pó—de—arroz.

— Eu acho que estás muito bem assim — disse Reed. Ela deu—lhe um beijo ao de leve no rosto.

— Seu maroto... — Depois riu—se e voltou—se para Methanie. — Fazes—me companhia?

Reed observou as raparigas enquanto se afastavam. Depois, disse a Daniel:

— Quero saltar—lhe para cima. Daniel abanou a cabeça.

— Ela só dá sarilhos. É completamente doida.

— Eu gosto de sarilhos. Sou muito capaz de lidar com uma mulher daquelas — disse Reed.

— Além disso, é lésbica. Aquela que vai com ela é a namorada.

— Melhor ainda — retorquiu Reed. — Chego para as duas. É só uma questão de dinheiro.

— O dinheiro não significa a ponta de um corno para ela. Esta é da classe dos dois milhões de dólares por ano.

— Eu apanho— a — disse Reed secamente. — Bem vi obrilho nos olhos dela quando lhe disse o que fazia. Basta arranjares maneira de ser eu a levá—la de volta depois da festa.

— Vou tentar, mas não posso garantir nada — respondeu Daniel.

— Lá te hás—de arranjar — disse Reed. — Afinal, vais ser o director da companhia quando eu assumir o poder.

— Não sabia que ser chulo era um dos deveres do director — respondeu Daniel, tentando não perder a calma.

— Os teus deveres serão os que eu quiser — disse Reed friamente, percebendo a raiva subjacente às palavras de Daniel. — Pelos três milhões por ano, mais bónus e lucros, que te vou pagar, tenho esse direito.

Daniel ficou calado por um momento; depois olhou para Neal.

— Diz a Reed e a Sherman o que ouvimos este fim—de—semana.

Neal ficou nervoso. Gaguejou:

— Ouvi dizer que Donald Trump, Marvin Davis e Jed Stevens estariam nesta festa. E um amigo meu, um agente imobiliário, disse —me que eles gostariam de comprar os setenta mil hectares que a Millenium possui no extremo de Marina DelRey.

— Estiveram aqui juntos hoje? — perguntou Sherman.

— Vi—os separados — respondeu Daniel.

— Achas que uniram esforços para isto? — perguntou Reed.

— Não sei — respondeu Daniel. — Mas o que sei é que nenhum deles gosta de ter sócios.

— Quanto vale o terreno? — perguntou Reed.

— A Millenium comprou—o logo a seguir à guerra por três milhões e meio. Planeavam mudar para lá o estúdio. Mas nunca

resultou. A ideia mais recente de Sheperd é construir lá um parque de diversões, e já pediu a vários construtores desses parques para fazerem alguns planos e orçamentos — respondeu Daniel. — Não me meteu nisso, por isso não sei em que pé estão as coisas. O último número que ouvi da Arthur Young foi noventa milhões, se bem que ainda esteja a entrar nos livros como despesa.

— Isso quer dizer que qualquer deles pagaria facilmente cem ou mais pelo terreno.

Estão habituados a comprar caro e a vender ainda mais caro — disse Sherman, com ar de quem sabe.

— Não estou preocupado com eles. Cem milhões não bastam para pôr Sheperd fora do buraco. Ouvi dizer que ele precisa de duzentos e cinquenta milhões para se safar. Também está com problemas nas companhias petrolíferas — disse Reed calmamente. — Mas entrarei em contacto com eles, mesmo assim, e vou dizer— lhes que os protegerei quando fizer o negócio.

— Já falaste com Bradley? — perguntou Daniel.

— Ainda está a pensar na nossa oferta, mas não estou preocupado — disse Reed, cheio de confiança. — Vamos ganhar. — Depois voltou—se para Daniel com um sorriso. — A única coisa com que tens de te preocupar neste momento é com meter aquela cabra preta no meu carro esta noite.

— É melhor ver se a apanho—disse Daniel, levantando—se. — Anda daí, Neal, que eu vi—a ir para o jardim. Vamos ver se a apanhamos.

2.

Jed Stevens levantou uma aba da tenda que estava por cima da piscina e passou para o grande jardim cuidadosamente arranjado. O ar fresco da noite subia do relvado. Respirou fundo, enchendo os pulmões. Todas as festas em Los Angeles eram iguais, por muito grandes ou muito pequenas que fossem. Todas tinham o mesmo cheiro, uma mistura de perfume, suor, fumo de cigarro e relva. Deixou cair a aba da tenda e seguiu o caminho. Ouvira dizer que os estábulos ficavam naquela direcção. Até bosta de cavalo cheiraria melhor do que aquilo que estava a respirar há tanto tempo. O caminho não estava iluminado, e por isso Jed foi de encontro a uma sebe e, depois, deu de caras com duas pessoas que estavam de joelhos diante dele.

— Ora merda! — disse. Neal estava à sua frente. — Que raio estás tu a fazer aqui? — perguntou, irritado.

— Desculpa — respondeu Jed. Não conseguia ver a cara de Neal na escuridão. — Não sabia que estavas aqui. Daniel pôs-se de pé, ao lado de Neal.

— Põe-te a andar daqui — disse — ou parto-te os cornos! Só então Jed conseguiu entrever os dois homens: Daniel Peachtree e o namorado, Neal. Tentou minimizar o incidente.

— Desculpem lá, amigos — disse. — Não tinha intenção de vos perturbar. Vou voltar para a festa e vamos esquecer isto.

— Não vais esquecer coisa nenhuma — disse Daniel, colérico. — Vou-te partir essas trombas, para ter a certeza de que ficas de boquinha fechada.

Jed sentiu a raiva a crescer dentro de si.

— Antes de fazeres seja o que for, é melhor apertares as calças, antes que a tua pilinha encolha e caia com o frio.

Neal avançou para ele.

— Se fosse a ti, não fazia isso — disse Jed calmamente. A voz de Neal soou seca enquanto apertava o fecho das calças:

— Somos ambos cinturões negros.

— Parabéns — respondeu Jed. — Mas eu tenho algo melhor: duzentos milhões de dólares no negócio de Jarvis.

Os dois homens olharam para ele cheios de surpresa. Jed olhou — os também friamente por um momento, antes de voltar a falar.

— Só para o caso de vocês não saberem, somos todos assim... como que sócios — disse, voltando—lhes as costas e começando a fazer o caminho de volta para a tenda.

Levantou a aba e voltou a entrar na festa. Só então se arrependeu do que fizera.

«Raios!», disse para consigo. Talvez o tio Rocco ficasse zangado por ele ter aberto a boca.

Bradley estava no telefone privado, na sua biblioteca. Carregou apressadamente no marcador memorizado, em cima da secretária. Segundos depois, a voz de Chuck respondia—lhe do outro lado.

— Quero—te aqui imediatamente — disse Bradley.

— Apanho o primeiro avião que houver de manhã — respondeu Chuck.

— Eu disse imediatamente. Ou seja, ainda esta noite.

—E como vou eu aí ter?—perguntou Chuck.—Tens o Lear aí contigo.

— Um avião vulgar nunca seria suficientemente rápido para mim — disse Bradley. — Telefona ao meu primo, general—brigadeiro Sheperd, da base aérea daí, e diz—lhe que eu peço que nos empreste um dos novos F—Zero—60, aqueles caças de quatro lugares, para te trazer, a ti e ao juiz Gitlin, até aqui, tout de suite.

— O juiz tem quase setenta anos — disse Chuck. — Deve estar a dormir, a esta hora.

— Acorda—o — disse Bradley. — Para além de ser meu parente, diz—lhe que é melhor vir até cá se quiser ver de volta os vinte e cinco milhões que me emprestou. Se não vier, pode ser que não veja de volta nem um tostão. Isso deve bastar para o acordar.

— E que digo ao general? — perguntou Chuck.

— Esse tem meio milhão de dólares empatados em ações do meu petróleo, e também esses irão pelo cano se não nos ajudar. Se fizeres tudo como te estou a dizer, o F—Zero—60 põe—vos aqui em menos de quatro horas. É um brinquedo capaz de dar Mach2.

— Vou tentar — disse Chuck.

— Hás—de cá chegar — respondeu Bradley, enquanto pousava o telefone.

Olhou para o relógio da secretária. Eram nove e meia. «Se tudo correr bem, estarão cá por volta das duas da manhã», pensou. Saiu da biblioteca e deu de caras com Daniel Peachtree e com Neal Shifrin, que vinham do jardim, em direcção à casa de banho. Fitou—os. Tinham os smokings amarrotados.

— Que raio vos aconteceu? — perguntou. Peachtree devolveu—lhe o olhar.

— Estávamos a passear pelo jardim — disse — e tropeçámos numa sebe que não vimos por causa da escuridão.

— Que andavam vocês a fazer lá fora? — perguntou Bradley.

— Eu ia ao camarim dos músicos—disse Daniel.—Queria falar com Rainbeau. Temos um problema com o novo álbum dele.

— E encontrei—o?

— Não — disse Daniel, irritado. — Estávamos demasiado ocupados a sacudir a relva dos nossos fatos.

— Vi—te na mesa de Jarvis e do advogado dele. De que estiveram a falar? — perguntou Bradley calmamente.

Daniel ficou tão surpreendido com o facto de Bradley ter dado por eles no meio da multidão que disse logo a verdade.

— Jarvis está a pensar fazer—me director de tudo.

— Não pode fazer isso — disse Bradley calmamente. — Ainda tenho alguma coisa a dizer nesse jogo.

Peachtree olhou—o. Depois, cedeu.

— Talvez eu não tenha percebido bem.

— Talvez — concluiu Bradley. — Entretanto, é melhor que vocês os dois se vão arranjar. Bradley observou—os enquanto iam para o lavabo, e depois começou a descer a escada.

O senador Patrick Beaufort, de Luisiana, estava um pouco aquecido. Pegou no seu quarto bourbon com água.

— Isto é um raio de uma festa!

Roxanne Darrieux, uma bela mulata que era assistente executiva dele, bem como amante, pousou uma mão sossegadamente no braço dele, acalmando—o.

— Acalma—te, senador. A bebida é forte.

Ele olhou—a. Ela abanou a cabeça. Ele pousou o copo na mesa. Aprendera há muito tempo na sua relação que ela tinha um bom instinto. Sorriu—lhe.

— Trazes cuecas? — murmurou—lhe.

— Sabes bem que nunca uso nada por debaixo dos vestidos.

— Quero meter—te os dedos na passarinha — disse ele.

— Mais tarde — respondeu ela, olhando por cima dele. — Bradley Sheperd vem aí para falar contigo. O senador Beaufort voltou—se e levantou—se enquanto Bradley o cumprimentava.

— Caro anfitrião — disse, calorosamente. — Deixa—me dizer—te que tens aqui uma festa e pêras. — Apontou para Roxanne. — Já conheces Miss Darrieux?

Bradley apertou a mão de Roxanne.

— Prazer em ver—te de novo, Roxanne. Ainda bem que pudeste vir.

— Não perdia isto por nada deste mundo, Bradley — respondeu ela, com uma voz suave. — Acompanhas—nos numa bebida?

—Só uma—disse Bradley, deixando—se cair numa cadeira ao lado do senador, enquanto Roxanne lhe servia uma bebida. — Que há de novo em Washington, senador?

—O segundo mandato de Reagan ainda está a assentar, vai levar algum tempo até que eles acertem o rumo — respondeu o senador.

— Qual é a atitude em relação ao petróleo? Os produtores caseiros vão ter algum apoio?

— Por enquanto, só conversa, nada de acções concretas. — respondeu o senador. — Como já te disse, vai levar tempo. Mas estou em cima do assunto, e, assim que houver uma oportunidade de avançarmos, estaremos em cima do acontecimento. Não te esqueças de que o meu Estado também está a sofrer.

— Bem sei, Patrick — disse Bradley. — E todos nós apreciamos a tua preocupação, e estamos prontos a apoiar—te em tudo o que quiseses fazer. — Bradley fez uma pausa. — Até à Casa Branca.

O senador acenou, muito sério.

— Obrigado, Bradley. Mas é muito cedo para pensar nisso.

— Lembra—te só, senador, de que os produtores independentes de petróleo estão do teu lado. — Bradley sorveu a sua bebida. — Ouviste dizer alguma coisa quanto a Reed Jarvis ter pedido consideração especial para obter cidadania americana?

— O canadiano? Bradley anuiu.

— Por que estás interessado nele? O senador olhou—o com curiosidade.

— Ele fez uma oferta pela Millenium Films, e também pelas sete estações de TV e rádio que temos. Lembro—me de que Ted Kennedy apoiou uma moção no sentido de Murdoch obter uma cidadania rapidamente.

— Estás a favor ou contra ele? — perguntou o senador. Bradley abanou a cabeça.

— Ainda não sei. Tenho de obter mais informações acerca da oferta dele.

O senador sorriu e estendeu a mão para Bradley.

— Diz—me só o que decidires. Estarei contigo. Bradley levantou—se.

— Obrigado, mais uma vez, Patrick. — Curvou—se perante Roxanne.

— Gostei de te ver. Roxanne viu—o afastar—se.

—Ouvi uns rumores de que Bradley anda com grandes problemas de dinheiro. Patrick riu—se.

— E novidades? Bradley é um malabarista dos antigos. Está habituado a problemas de dinheiro, mas também está habituado a vencê—los e a sair sempre a cheirar a água—de —rosas.

— Não compreendo — disse Roxanne. — Se é verdade que está com problemas de dinheiro, por que razão foi dar uma festa destas?

Uma coisa assim deve custar—lhe pelo menos duzentos e cinquenta mil dólares!

— Está a jogar à maneira dele — respondeu Patrick, apontando para a multidão à volta deles. — Olha à tua volta. Há aqui dinheiro suficiente para pagar a dívida nacional. Algures no meio deste bolo, Bradley pode encontrar o brinde.

Roxanne perscrutou a multidão, depois voltou a olhar para ele. Sorriu provocantemente.

— Apetece—te um bocadinho de bolo de passarinha? Mas lembra—te de que terás de lamber os dedos. É muito, muito sumarento!

Caía uma chuva miudinha quando a limusina entrou na Base Aérea de Tinker, na Midwest City, a quinze minutos de Oklahoma. Um jipe da polícia militar pôs—se à frente deles e fez—lhes sinal para que o seguissem. Rolaram quase até ao extremo da pista.

À sua frente viam o avião. Tinha F—Zero—60 pintado na cauda. À volta do aparelho estavam vários homens de uniforme, pessoal de terra, e, no momento em que a limusina parou, o brigadeiro—general Sheperd, vestindo um fato de voo branco, abriu—lhes a porta. Depois, meteu a cabeça para dentro da traseira do carro.

— Juiz Gitlin, Chuck — disse calmamente, apertando—lhes as mãos. — Estamos prontos a seguir.

— Obrigado, sir — disse Chuck. O juiz observou o avião.

— Não parece lá muito grande — disse, com certo nervosismo.

— É suficientemente grande — respondeu o general, confiante.

— Tem espaço suficiente para nós quatro.

— Vai ser você a pilotar—nos?

— Vou só como co—piloto — disse o general. — Trago comigo o melhor piloto da base para este serviço. O tenente—coronel Sharkey. Já tem mais de duzentas horas de voo nestes aviões.

— Qual deles é ele? — perguntou o juiz.

O general apontou para um homem que também vestia um uniforme de voo. Não era muito alto, talvez não mais de um metro e setenta, e era magro.

— Parece um miúdo — disse o juiz. — Se tiver vinte anos, já é muito.

— Tem vinte e um—respondeu o general. — É mais ou menos a idade que queremos para os miúdos que pilotam estes aviões. É que os reflexos deles têm de ser suficientemente rápidos para o avião. Depois dos vinte e quatro passamo—los para outros tipos de avião.

— Então, por que razão vai o senhor como co—piloto? — perguntou o juiz secamente. — Devo ter ido ao seu baptismo. Você não tem menos de cinquenta.

— Acho que vou ser despedido assim que o Pentágono souber desta brincadeira. Por isso, mais vale aproveitar e gozar ao máximo.

— Já alguma vez pilotou um destes brinquedos? — perguntou o juiz.

— Já, cinco vezes — respondeu o general. — Não se preocupe, sei lidar com ele, se for preciso.

— Tenho setenta e três anos — disse o juiz. — Acha que é boa ideia eu meter — me nisto?

O general riu — se.

— Mais vale tarde que nunca, juiz. Vamos embora.

O piloto já estava sentado no seu lugar, e voltou — se para apertar as mãos aos passageiros.

— Juiz Gitlin, Mr. Smith.

Ambos saudaram o tenente — coronel Sharkey. Um homem da equipa de terra subiu para o avião e apertou os cintos dos passageiros. Tirou o chapéu ao juiz e substituiu — o por um capacete de voo; depois, fez o mesmo a Chuck. O general deslizou para o seu lugar.

— Não se preocupem com os capacetes — disse. — Por vezes, isto abana um bocado ao levantar e ao aterrar, e eu não quero que batam com as cabeças.

— Não é a minha cabeça que me preocupa — disse o juiz, sardónico. As portas fecharam — se. — Quanto tempo vai demorar este voo? — perguntou.

— Entre uma hora e um quarto e uma hora e meia — respondeu o piloto. — Depende do tempo que fizer no ponto de aterragem.

— Quantos quilómetros? — inquiriu o juiz.

— Mil novecentos e quarenta.

— Jesus — disse o juiz. — Isso são uns mil e tal quilómetros por hora!

— Mais ou menos — respondeu o piloto.

Começou a carregar em botões. Um ruído surdo começou a entrar na cabina. Lentamente, o avião começou a rolar para a pista. Depois, tomou posição; à frente tinha agora um caminho iluminado a azul pelas luzes de aterragem que delineavam a pista. O avião

parou e ficou como um pássaro pronto a levantar voo. Uma voz cava soou nos auscultadores.

— F—Zero—60. Mantenha posição por cinco minutos. Há dois voos comerciais no seu caminho.

— Okay, torre, entendido — respondeu o piloto.

— Como é que você controla para onde vai? — perguntou o juiz, com a sua própria voz a ecoar nos auscultadores.

— Não tenho de fazer nada a não ser introduzir os dados do voo — disse o piloto. — Só tenho de o fazer levantar e depois de o fazer pousar. No momento em que atinja a altitude de voo correcta, o avião toma os comandos automaticamente. Quando estivermos a cerca de cem quilómetros de Los Angeles, sobre o Pacífico, então ele volta a dar—me os comandos e eu faço—o descer.

— Jesus! — disse o juiz. — Parece que a única coisa que falta inventar é um foguete que se enfie pelo cu acima e nos dispare na direcção certa.

A voz seca da torre de controlo soou de novo:

— Caminho livre para descolar, F—Zero—60. Boa viagem. Enquanto o avião levantava, ouviu—se um som seco lá

para trás, e pareceu decorrer apenas um segundo até o aparelho se erguer em direcção ao céu nocturno.

3.

A enorme sala de jogo situava—se num piso abaixo do salão de festas. Para lá dela havia a porta de vidro que dava para um ginásio completo, cheio de aparelhos Nautilus dos mais avançados, bem como de espelhos pelas paredes para que os dançarinos de aeróbica e os ginastas pudessem ver—se no auge das suas glórias. Do outro lado das janelas, havia um caminho largo que seguia até à piscina. Por muito grande que fosse a sala de jogo, estava apinhada com os artistas que Sheperd tinha contratado para animarem a festa. A sala estava cheia do odor de erva que estava a ser fumada até queimar as pontas dos dedos. Mais de metade dos artistas não só estava pedrada como bebia também champanhe como se fosse água da torneira e snifava coca, com os narizes a arder do produto peruano que estava a ser passado de uns a outros. Rainbeau estava sentado a um canto da sala, que os seus dois enormes guarda—costas negros tinham reservado como território privado. Ao lado de Rainbeau estava uma bela rapariga negra cuja cabeleira loura despenteada e enorme quase lhe cobria a cara. Era ela que acompanhava Rainbeau no bandolim eléctrico. A irmã, quase uma cópia a papel químico dela, tocava baixo. Perto deles estava Jaxon, o baterista, com o rosto muito pálido e gelado no extêse da cocaína; Blue Boy, o pianista, parecia uma versão negra do quadro de Gainsborough. Todo o grupo estava em silêncio, sem falar com ninguém, sem sequer olhar para ninguém. Com três vídeos no top ten, não precisavam de se maçar. Além disso, Rainbeau estava muito irritado com o facto de ter sido contratado para a festa, em vez de convidado. Irritava—o também o facto de não ter tido hipótese de escolha. O acordo que fizera com Daniel Peachtree dava—lhe o direito de fazer as canções que quisesse, e eles tinham pago o custo total do vídeo — e isso era muito dinheiro, quase o suficiente para um filme de cinema.

Ouviu a voz dela antes de a ver. Ninguém tinha uma voz como a dela. Sexo puro. Olhou. Ela estava fora do círculo deles.

— Thyme — disse Rainbeau. — Anda cá.

Os guarda—costas abriram caminho para ela passar.

— Que fazes tu aqui? — perguntou ela.

— Faço um jeito — respondeu ele. — Tu também? Ela pareceu surpreendida.

— Não propriamente. Vim com Peachtree, no avião privativo dele.

— És uma convidada? — perguntou ele.

— Acho que sim — respondeu ela. — Não faz sentido. Vi Michael e a Brooke Shields lá em cima.

— Michael não trabalha para Peachtree — Olhou para ela. — E tu também não, não é?

— Correcto — disse ela. Rainbeau disse:

— Pagou—nos uma das grandes para fazermos este jeito. — Continua a não estar certo — disse ela. — Provavelmente fazias isso de borla se ele te pedisse como um cavalheiro.

Rainbeau anuiu.

— Há pessoas que não têm classe nenhuma—concluiu. Depois, mudou de tema. — Que te apetece? Temos de tudo.

— Quero cantar contigo — disse ela, olhando—o nos olhos. — Não temos nenhuma canção para os dois, nem ensaiámos.

Aliás, tu és uma convidada e eu sou apenas um contratado.

— Conversa fiada — disse ela. — Podemos pôr de pé qualquer coisa que resulte com os dois em cinco minutos.

— Fazias isso por mim? — perguntou ele, com um leve tom de surpresa na voz.

— Somos o mesmo género de pessoas, não somos? Eu sou negra e tu és porto—riquenho, mas viemos das mesmas ruas.

Ele olhou—a em silêncio por um momento. Depois, disse:

— Como nos descobriste aqui?

— Um dos estúpidos da segurança pensou que eu era uma das artistas contratadas e indicou—me o caminho para aqui.

— Cabrões — disse Rainbeau. — Onde estava Peachtree?

— Provavelmente num canto qualquer a pedir ao namorado que lhe desse uns apalhões — respondeu ela.

Os olhos dele encontraram os dela.

— Falas a sério? Aquilo que disseste antes?

— Onde quiseres, quando quiseres — respondeu ela. — Seremos óptimos, os dois juntos.

— Tenho uma ideia — disse ele. — Chuta.

— Conheces a minha primeira canção, o meu primeiro sucesso, I'm just a boy?

— Cada palavra! — disse ela.

— Okay. Mas em vez de «Boy» dizes «Girl». Depois, eu canto a tua canção, The Boy I Love. Só que eu digo «Girl». Sabemos a música, os arranjos serão fáceis de fazer.

Ela abraçou—o.

— Oh, querido, adoro—te. A sério que te adoro. Ele deu—lhe um beijo no rosto.

— Agora vamos lá ver se pomos isso em ordem.

Ao bater exacto da meia—noite, um rufar de tambor chamou Bradley e Charlene ao palco. A sala ficou em silêncio quando Bradley pegou no microfone.

—Amigos e caros convidados—começou, com o seu ligeiro sotaque do midwest a ser aumentado pelo sistema de amplificação. —Durante muitos anos, em Oklahoma, eu e Charlene demos uma festa anual em honra do nosso primogénito. Nesse dia, em 1955, Charlene e eu estávamos sob a torre do poço de petróleo Sheperd Oil Número Um, o nosso primogénito, quando o petróleo jorrou para o céu e depois caiu, cobrindo—nos completamente de ouro negro. Abraçámo—nos e beijámo—nos, e a única coisa de que me lembro de Charlene me ter dito nesse momento foi: «Querido, agora já podes comprar um fato novo.»

Uma onda de aplausos e de risos encheu a tenda, enquanto os convidados se levantavam dos seus lugares. Bradley ergueu uma mão, e lentamente os convidados voltaram a sentar—se. Bradley, segurando na mão de Charlene num gesto de reconhecimento, sorriu.

— Para encurtar a história: comprei finalmente um fato novo dois anos depois disso, ou seja, depois de chegar ao poço Sheperd Oil Número Cem, porque precisava de um fato para ir ao Banco, já que, agora que estava rico, tinha de pedir dinheiro ao Banco para pagar os meus impostos.

De novo a multidão aplaudiu e riu sonoramente.

—Obrigado a todos por terem vindo. Podem ficar à vontade, divirtam—se, gozem o espectáculo e o jantar.

Charlene e Bradley ergueram as mãos calorosamente e acenaram para os convidados. A música começou a tocar e o palco começou a girar como se fosse um disco, com Bradley e Charlene, juntamente com a orquestra que estivera no palco, desaparecendo gradualmente de vista, ao mesmo tempo que as luzes morriam e, finalmente, tudo ficou na escuridão.

Quando as luzes se acenderam de novo, havia um palco completamente diferente e começou a ouvir—se rock and roll. Então, o foco descobriu um jovem que ia a correr para a frente do grupo, com o corpo seminu pintado de várias cores e a brilhar, de microfone na mão.

Houve uma onda de aplausos quando a audiência reconheceu o estilo espectacular de Rainbeau. Um momento mais tarde, apareceu outra cantora, para deliciada surpresa dos convidados. Thyme pôs—se ao lado dele, num vestido branco vaporoso que deixava ver a silhueta do seu belo corpo negro nu. Reed Jarvis, encostado a uma coluna de mármore, murmurou quase para si próprio, quando os cantores começaram o seu número. Sentiu uma náusea no estômago.

—Aquilo é quase pornográfico. Nem acredito que seja possível, numa festa destas.

Daniel Peachtree apareceu ao lado dele.

—Reed — disse Daniel. — Estamos em Hollywood, não estamos em Winnipeg, no Ontário.

Reed voltou—se para ele.

—Não estás lá com grande aspecto. Que te aconteceu, caíste por um lanço de escadas abaixo?

Daniel abanou a cabeça.

— Tropecei num arbusto no jardim, enquanto andava à procura da tua namorada. — Depois olhou para Reed. — Quem é aquele Jed Stevens? Ele diz que entra com duzentos milhões contigo.

— Tem dinheiro. Se quiser entrar... — respondeu Reed.

— Mas não é o dinheiro dele que entra no meu negócio. Ele só representa o tio.

— Então não é teu sócio?

— Raios, não — respondeu Reed, observando Thyme, que começava o seu número a solo. — Não tenho sócios, e ele não será um de nós depois de amanhã.

— Tão simples assim? — disse Daniel sarcasticamente. — Ouvi dizer que Bradley não tem intenção de sair amanhã. Pelo menos, não é o que parece.

Reed encolheu os ombros e voltou a olhar para Thyme, depois de novo para Peachtree.

— Continuo a querer foder aquela miúda — disse. — Já falaste com ela?

— Estava a tentar apanhá-la quando tropecei na merda da sebe do jardim. A primeira vez que a vejo desde aí é agora, no palco.

Reed olhou para ele.

— O que eu quero saber é só isto: consegues arranjar a coisa de maneira a que eu a coma, ou não?

Daniel não sorriu.

— Não sei — respondeu. — O jogo aqui é o dinheiro. Se ela não se deixa tentar pelo dinheiro, não há jogo.

— Não me interessa quanto isso possa custar. limita-te a convencê-la — disse Reed secamente.

O juiz Gitlin deixou-se cair, cansado, numa cadeira da biblioteca, e olhou para Bradley.

— Para quem está aqui na Califórnia, são só duas da manhã, mas para mim são cinco horas.

Bradley deu ao juiz um copo com cinco dedos de uísque de malte.

— Isto já o acorda.

O juiz anuiu com a cabeça. Esvaziou o copo.

— Este foi só para provar — disse.

Bradley acenou com a cabeça e encheu outro copo. Desta vez, o juiz bebeu devagar. Olhou para Bradley.

— Grande festa que aqui tens.

— Tretas de Hollywood — disse Bradley. — Coisas que se têm de fazer.

— Deve custar um balúrdio — disse o juiz. — Tens dinheiro para tanto?

— Isso depende de si. — Bradley serviu uma bebida para si próprio. — Não só me estou a afogar em petróleo como as piranhas me estão a comer vivo.

— Então e o dinheiro que já deves ao Banco? Doze milhões? E mais vinte e cinco milhões a mim?

— Perdido por um, perdido por mil — disse Bradley, com amargura. O juiz fitou—o.

— Eu conheço—te. Descendes de uma longa linhagem de negociantes índios. Como te posso eu dar o dinheiro se tens os auditores federais e do Estado a ladrar—te às canelas?

— A Fantasy Land. Os sete mil hectares que comprei no extremo da marina. Nunca foram entregues ao estúdio. Aliás, Jarvis e eu nunca discutimos sequer trazer a Fantasy Land para o negócio da TV e do estúdio. Na altura, ele não estava interessado. Só quando a Disney disse que ia abrir em França é que ele me falou nisso.

O juiz perscrutou—o.

— Nunca usaste dinheiro nenhum da companhia filmográfica para desenvolver o terreno?

— Não, nunca fiz nada com ele. Limitei—me a deixá—lo lá estar sossegado.

O juiz pensou por um momento.

— Então talvez valha cinquenta ou sessenta milhões. Como eu vejo as coisas, não tens escolha. Aceita os quarenta milhões dele e põe—te a cavar. Aceita a opção que ele te ofereceu; isso não te custa nada. Se as coisas parecerem estar bem, aproveita. Se correrem mal, ele que as meta no cu.

— Sinto—me um banana — disse Bradley. — Ia mostrar ao negócio dos filmes como é que as coisas se fazem.

— Já houve outros que ficaram pior. Aindaavas quatrocentos milhões para sair. Podias bem ter perdido o bolo todo. Fica quieto. O petróleo vai estabilizar, mais cedo ou mais tarde; o terreno que tens na marina vai subir muito. A única coisa que sai maltratada é o teu orgulho.

Bradley olhou para o juiz.

— Só isso? Só o orgulho?

— A nossa família nunca foi famosa por ser humilde. — O juiz sorriu. — Limita—te a dizer a esse Jarvis que aceitas o dinheiro dele e que lhe desejas boa sorte.

Agarras—te depois àquilo que conheces melhor: petróleo e terras.

— Acho que tem razão—admitiu Bradley. — Mas, homem, este negócio é mesmo giro.

— Hás—de ter outra oportunidade — disse o juiz, sensatamente. — Quem te diz que esse Jarvis é mais esperto do que tu foste? Pode meter os pés pelas mãos com a mesma facilidade que tu. Talvez nessa altura possas voltar a entrar no jogo.

— Okay — anuiu Bradley. — Acho que o melhor é ir ter com Jarvis e dizer—lhe o que decidi.

— Não lhe digas a ponta de um corno — disse o juiz, irritado. — Ele que espere até à reunião dos directores, amanhã. Entretanto, dá cá mais um copo.

4.

O Century City Hospital ficava quase escondido por detrás do complexo de edifícios Century City, numa esquina sossegada da Avenida das Estrelas com o Pico Boulevard. Havia onze andares ocupados pelo hospital. Os outros estavam ocupados por consultórios médicos, dentistas e laboratórios de análises.

O Dr. Fergus Maubusson, um dos mais conhecidos e bem-sucedidos cirurgiões plásticos, tinha uma suite imponente que consistia em duas salas de operação completas, uma sala de recuperação, duas salas privadas de consulta — uma para ele próprio e outra para o seu associado, Dr. John Takashima — mais uma sala de escritório para a recepcionista e para o contabilista, bem como para as suas três enfermeiras, uma das quais estava no seu posto vinte e quatro horas por dia. Para lá dessa porta, ficava a pequena entrada, calma e suavemente iluminada.

As marcações eram feitas com uma meticulosidade quase policiesca, para que os pacientes nunca se encontrassem uns com os outros. Mas este dia era muito especial. Todas as marcações da manhã tinham sido canceladas porque às cinco da manhã Mr. Reed Jarvis requerera uma consulta de emergência com o médico.

Quando a enfermeira do turno da noite acordou o médico, mantendo Jarvis na outra linha, a resposta veio sem qualquer hesitação. O que Mr. Jarvis quisesse seria feito.

O Dr. Fergus Maubusson, que nascera Fred Markovits, no leste de Nova Iorque, decidira há muito que, se queria ser bem-sucedido em Beverly Hills, o nome era a chave para o sucesso numa terra feita de nomes e de conversa fiada. E escolheu o nome cuidadosamente — Fergus, porque era escocês, e os escoceses eram há muito conhecidos pelo seu conservadorismo; e Maubusson, porque era francês e sugeria um gosto gaulês para a cosmética e para a beleza.

E encimava esses dois nomes com muitos diplomas genuínos, bem como dois anos de estágio no famoso hospital de Lyon, em França.

A única fotografia de importância na sua recepção era uma em que aparecia ao lado do Dr. Yves Pitanguy, que era geralmente considerado o maior cirurgião plástico do mundo.

Nesse momento, estava sentado num banco alto aos pés da sua mesa de operações especialmente construída, olhando para o paciente, cujas pernas estavam apoiadas em dois suportes muito semelhantes aos de uma cama de obstetra. Falou sem pensar: — Nunca vi uma rapariga capaz de fazer uma circuncisão tão cirurgicamente perfeita como esta. Devia ser judia.

— Não é coisa para rir, doutor. Que se pode fazer? O Dr. Maubusson foi muito directo.

—Primeiro, temos de lhe dar uma injeção contra o tétano. Isso talvez impeça qualquer infecção. Segundo, gostaria que você trouxesse cá a rapariga que lhe fez este tratamento. Gostava de a examinar, só por precaução; temos de estar preparados para outras complicações.

— Gaita, doutor — resmungou Reed Jarvis. — Não basta já que eu tenha dado com uma vampira em vez de uma cabra de uma brochista?

—Bem, pode haver... — o médico falou secamente—SIDA, por exemplo. Tem havido muitos casos com origem em prostitutas.

Reed sentiu um calafrio.

— Será possível?

O médico abriu os braços, expressivamente.

— Quem sabe? Nem sequer sabemos como é que a coisa acontece. Mas as pegas podem ser transmissoras sem sequer saberem que a têm.

Reed olhou para ele.

—Não sei se a conseguirei trazer cá. É uma senhora muito conhecida.

—Pode dizer—lhe que a visita será estritamente confidencial — disse Maubusson.

— Ela não virá — disse Reed, convicto.

— Talvez a deva mandar ao médico dela?

— Também não me parece que faça isso — disse Reed. — Não nos despedimos de forma amigável.

— Diga—lhe que fez o teste esta manhã e que lhe deu possível positivo. Que ela deve fazer o teste também, para seu próprio bem.

Reed anuiu, em silêncio; depois olhou para o médico.

— Entretanto, que se pode fazer quanto a isto?

— Para já, duas coisas — disse o médico. — Encharcamos—lo em penicilina, depois de limparmos e ligarmos a ferida. Depois, damos —lhe uma série de injeções contra o tétano. Serão seis injeções. Vai ser desconfortável. Febre e dores.

— Que se lixe — disse Reed. — Mas que vai isto fazer—me ao pénis?

— Pode ficar com uma aparência um pouco diferente — disse Maubusson. — Mas trabalhará normalmente.

— Que quer dizer com isso de parecer diferente?

— Já viu pénis japoneses? — perguntou o Dr. Maubusson. — São assim... mais largos debaixo da cabeça e um pouco mais curtos.

— Jesus! — exclamou Reed. — O raio da coisa já é pequena que chegue. Pode fazer alguma coisa em relação a isso?

— Claro — disse o médico, sorrindo.

— Posso arranjá—lo para ter o tamanho que quiser. Mas primeiro temos de o curar disto. Reed deixou—se cair para trás.

— Está bem, vamos a isso. Quanto tempo vai demorar?

— Não muito, mas terá de ficar aqui pelo menos durante três horas, para o caso de ter alguma reacção às injeções contra o tétano.

— Tem mesmo de ser? — perguntou Reed. — Tenho umas reuniões muito importantes esta manhã.

— Se não tiver muito cuidado e não for observado de perto, pode acabar por ter consequências muito sérias. Pode até ter um febrão.

Reed pensou por um momento.

— Vou adiar as reuniões até mais tarde.

— Faz muito bem, Mr. Jarvis — disse o médico.

— Terei de usar o seu telefone — disse Jarvis. — Terei de falar com uma série de pessoas.

— Pode servir—se do meu gabinete — disse o médico. — Ninguém o interromperá.

Eram seis horas e Daniel estava a tomar o seu café da manhã e a preparar—se para a sua habitual chamada matinal para a Costa

Leste quando o telefone tocou. Atendeu.

— Peachtree. — A voz de Jarvis era cortante. Disparou imediatamente: — Vou chegar um bocado atrasado. Devo chegar por volta do meio—dia.

Daniel ficou preocupado.

— Há alguma coisa errada?

— Nada com o negócio. Tenho de tratar de um pequeno problema pessoal que não posso adiar.

— Posso ajudar em alguma coisa? — perguntou Daniel.

— Não — disse Jarvis secamente, para depois mudar de ideias rapidamente. — Consegues entrar em contacto com aquela preta?

— Com Thyme? — perguntou Peachtree.

— Falámos de mais alguma preta ontem à noite? — perguntou Jarvis, irritado. — Quero falar com ela.

— Vou—lhe dizer para te telefonar — disse Daniel.

— Não — respondeu Jarvis. — Dá—me só o número, que eu falo para ela.

— Espera aí — disse Daniel, deixando—o à espera enquanto procurava o número no computador. Um momento depois, estava de novo em linha. — Aqui está. Se não atender, volta a ligar para mim, que eu tento apanhá—la.

— Certo — concluiu Jarvis.

Peachtree fez uma pausa, depois voltou a falar, preocupado.

— Ouve, se há realmente algum problema, eu posso pô—la nos eixos.

— O problema é meu — respondeu Jarvis.

— E se Sheperd ficar lixado por tu chegares tarde? Fomos nós que insistimos em fazer a reunião esta manhã — disse Peachtree.

— Não lhe digas nada. Podem bem esperar por mim — atirou Jarvis. — Só estou a ser delicado com ele neste negócio. Se ele me arranjar problemas, corto—lhe os tomates. Ele está sem dinheiro, não tem ninguém para quem se virar a não sermos nós.

— Estarei no escritório por volta das oito, se precisares de mim — disse Peachtree.

— Muito bem — disse Jarvis, pousando o auscultador sem uma palavra de despedida.

Daniel ficou com o telefone na mão muito depois de Jarvis já ter desligado. Não ia ser fácil. Desligou o telefone e marcou o número de Thyme. A voz quente dela apareceu no auscultador: — Está?

— É Daniel — disse ele.

— Jarvis telefonou para ti?

— Acabei de falar com ele — disse Thyme, muito zangada.

— Esse homem é doido.

— Que aconteceu?

— Começou—me a bater quando eu não quis foder com ele.

— E que fizeste tu?

— Que achas tu que eu fiz? — perguntou ela. E começou—se a rir. — Havias de ter visto a puta da cara que ele fez quando lhe dei uma dentada na pica!

— Jesus! — exclamou Daniel. — Feriste—o?

— Só um bocadinho — disse ela, ainda a rir. — Acho que lhe arranquei a pele. Estava a sangrar como um porco quando o deixei.

— Agora estamos os dois numa bela alhada — disse Daniel.

— Ele vai rescindir o teu contrato.

— Não vou ficar em alhada nenhuma — disse ela. — Já falei com Jimmy Blue Eyes. Disse—me que, se o sacana me incomodar, ele trata—lhe da saúde.

— Mantém—te calma — disse—lhe Daniel, apaziguador. — Eu vou ver se consigo pôr tudo em ordem.

— É melhor que consigas — disse ela. E desligou.

5.

Era uma hora da manhã e a chuva batia furiosamente contra os vidros das janelas do último andar do World Resort and Casino de Atlantic City. Na sala de estar, muito ampla, um velho estava estendido numa cadeira de descanso, confortavelmente envolto numa manta. À sua volta, estava uma série de assistentes. O velho olhou para o relógio e depois disse: — Liguem para o meu sobrinho.

— Sim senhor, Dom Rocco — respondeu a secretária. Jed estava em linha daí a menos de um minuto.

— Não deviam ter feito o negócio a esta hora? — rosnou Rocco olhando de novo para o relógio. — Já passa das dez da manhã aí desse lado.

— Ainda não ouvimos nada — respondeu Jed. O velho pareceu incomodado.

— O filho da puta do canadiano está—nos a lixar.

— Como é que ele pode, tio Rocco?—perguntou Jed.—Sem o nosso dinheiro, ele não pode fazer negócio.

— Ouvi dizer que Milken lhe arranjou quatrocentos milhões dos japoneses — disse Rocco.

— Quer que fale com Jarvis? — perguntou Jed.

— Não. Se ele está realmente a tentar tramar—nos, só há uma coisa a fazer — disse o velho. — É tramá—lo primeiro.

Jed ficou com o telefone na mão, sem dizer nada.

— Eu sabia que devíamos ter posto uma mortalha por cima desse tipo—disse Rocco. — Da maneira como este negócio tem estado a ser tratado, não sabemos que raio é que ele tem andado a fazer. Podemos estar a ver quatrocentos milhões a evaporar—se nesta maldita coisa antes de sabermos o que se passou.

— Com quem quer que fale? — perguntou Jed.

— Vão ter uma reunião de directores por volta do meio—dia no estúdio. Quero que fales com Sheperd; não fales com Jarvis.

Sheperd tem de arranjar oitenta e cinco milhões para um fundo de produção. Se não conseguir arranjá—los, Jarvis tem o direito de comprar a posição dele. Diz a Sheperd que o apoias. —Que o leva a

pensar que ele vai acreditar em mim? — perguntou Jed. — Ele não me conhece o suficiente para estar disposto a aceitar só a minha palavra.

— Mas conhece o dinheiro — disse o tio Rocco. — Leva um cheque bancário de oitenta e cinco milhões. Ele vai acreditar no dinheiro.

— E depois disso, que fazemos?

— Lixamos Jarvis. Fala com Milken. Ele ouvir—te—á. No fim de contas, és um bom cliente. Já colocaste quatro mil milhões em títulos por intermédio dele.

— E que vai o tio fazer? — perguntou Jed.

— Vou receber o meu dinheiro de volta por meio dele. No fim de contas, foi o meu Banco que lhe emprestou o dinheiro — disse Rocco.

— Mas o tio deu o dinheiro a uma companhia canadiana.

— Foi o Banco canadiano que lhe deu o empréstimo — contrapôs Rocco. — Vamos resolver a coisa, ou é ele que fica sem tomates.

— Está bem — disse Jed. — Vou para a reunião. Mais alguma coisa?

— Sim — disse Rocco. — Diz a Sheperd que, sejam quais forem as circunstâncias, não faça nenhum acordo com Jarvis. Estaremos por detrás dele até ao fim.

— Está certo, tio Rocco — disse Jed. Rocco mudou subitamente de assunto.

— Como está o tempo por aí?

— Está ótimo — disse Jed. — Faz sol e está calor.

— Rai's partam — queixou—se Rocco. Levantou—se da cadeira, foi até às janelas e olhou para baixo, por entre a chuva intensa, para o passeio e para o oceano. Ainda tinha o telefone na mão. Resmungou para o sobrinho: — Puta de sorte. Para aqui estou eu a gelar até ao rabo, e tu aí no país do sol e das laranjas, a engordar e todo feliz. Nós, sicilianos, não temos mesmo sorte.

— Pode vir para cá, tio Rocco — disse Jed. — Pode viver aqui como um rei.

— Não — disse Rocco. — Fiz um acordo. Concordei em ficar aqui.

Se eu fosse para aí, era como Bonanno. Toda a gente concordou que ele podia ir para aí. O negócio dele seria protegido. Não teria problemas. Depois, passados uns anos, ligou a ignição do carro e acabou—se. Bum! Sinto—me mais seguro no meu próprio território. Pelo menos, aqui sei com o que conto.

Já eram onze e meia da manhã. Jed estacionou o seu Chevy Blazer personalizado onde o guarda do estúdio lhe indicara. De certa forma, não parecia estar deslocado entre os esplendores das limusinas, dos Rolls, dos Mercedes, dos carros desportivos europeus e dos seus primos americanos, os Cadillacs e Lincolns.

O guarda, sentado cheio de importância por detrás de uma secretária imponente no vasto átrio de mármore, olhou—o com uma expressão impávida. Perguntou o que vinha Jed fazer, depois sussurrou qualquer coisa para o telefone, e por fim apontou para o primeiro elevador.

— Primeira porta, Mr. Stevens. É o elevador expresso, privativo, que dá directamente acesso ao gabinete de Mr. Sheperd.

Jed entrou para o elevador. Não havia quaisquer botões onde carregar. As portas fecharam—se automaticamente, e o peso dele dentro na cabina fez o elevador arrancar rapidamente em direcção ao décimo quarto piso. Saiu do elevador. Uma recepcionista, que poderia bem ser sócia de Meryl Streep, acenou discretamente com a cabeça.

— Mr. Stevens?

Ele fez que sim. Ela apontou com um dedo cuidadosamente tratado:

— Porta um.

— Obrigado.

Jed encaminhou—se para a porta um e abriu—a. Por detrás da porta, havia três secretárias sentadas. Uma delas levantou—se e veio ter com ele.

— Mr. Stevens? Ele fez que sim.

— Chamo—me Sherry — disse ela com uma voz suave. — Sou a secretária pessoal de Mr. Sheperd. Ele está na reunião de directores, neste momento, mas pediu que ficasse à vontade no gabinete até ele voltar. Entretanto, posso oferecer—lhe um café? Um chá?

— Não, nada, obrigado — respondeu Jed. — Tenho tempo, posso esperar.

Quando ela saiu do escritório, foi até à janela. Para sul e para oeste, podia ver o estúdio; para norte e para leste, via os setenta hectares de terreno da marina, para onde estava planeada a Fantasy Land. Tirou um cigarro e acendeu—o.

— Merda! — disse para si mesmo, pensando no cheque de oitenta e cinco milhões que trazia no bolso. — Há—de haver por aí muito dinheiro enterrado.

Voltou—se da janela para observar a secretária de Sheperd. Estava completamente vazia. Nem um papel, nem sequer um telefone. Interrogou—se sobre como o homem receberia as chamadas. Talvez tivesse um aparelho para surdos enfiado no ouvido e um aparelho para marcar os números metido no bolso. Riu—se alto.

— Sherry! — chamou para a sala vazia.

— Sim, Mr. Stevens?

— Importa—se de vir aqui por um momento? — pediu. A rapariga apareceu imediatamente.

— Em que posso ajudá—lo?

— Há alguma hipótese de fazer Mr. Sheperd sair da reunião e vir aqui por uns momentos?

— É uma reunião muito importante — respondeu ela.

— Então é ainda mais importante que o faça vir aqui falar comigo.

Ela hesitou.

— Importante como?

— Tenho aqui um cheque de oitenta e cinco milhões de dólares em nome dele — respondeu Jed.

Sherry era esperta.

— Eu dou—lhe o recado.

— Obrigado. E, entretanto, não se importa de pedir a uma das suas assistentes que me traga um café forte, com duas colheres de açúcar?

— Onde raio está Jarvis? Siddely estava nervoso.

—Não sei—respondeu ansiosamente.—Já telefonei para todos os sítios onde pensava poder encontrá—lo, mas não tive resposta. A última vez que o vi foi quando ele saiu da festa. Foi por volta das duas da manhã.

—Reed disse que teria um cheque para mim—disse Brad. Voltou—se para Daniel Peachtree. — Tiveste notícias dele, Daniel?

— Reed nunca chegou atrasado a nenhuma reunião — disse Peachtree. — Talvez tenha tido algum azar com o carro.

Sherry entrou na sala e pôs um bilhete na mão de Bradley. Aguardou um momento, até ele o ter lido.

— Alguma resposta, sir?

Bradley fez—lhe sinal com a cabeça. Depois de ela ter saído da sala, Bradley voltou—se para o juiz Gitlin, que estava sentado ao seu lado.

— Acho que podemos esperar mais um pouco — disse. — Senhores, o bar está aberto na sala aqui ao lado. Há café e bebidas. O juiz Gitlin e eu estaremos no meu gabinete. Telefonem—me assim que Jarvis chegar — disse, dirigindo—se a todos.

Bradley estava sentado à cabeceira da enorme mesa dos directores. Silenciosamente, observou o grupo. O único director que estava ausente era Jarvis. Brad falou com Siddely, o advogado de Jarvis.

6.

O cartaz gigante estendia—se por sobre a entrada, com a largura de duas faixas de rodagem. Entre as duas faixas, havia uma cabina com dois guardas; por cima desta, um cartaz que dizia *Millenium Films Corp. Inc.*

Reed Jarvis observou o cartaz, enquanto seguia sentado confortavelmente na sua limusina branca, à prova de bala. Os lugares traseiros tinham vidros fumados. Falou suavemente para o telefone com Peachtree.

— Estou a caminho — disse.

Apesar do seu desconforto físico, sentia—se bem. A companhia em que acabava de entrar representava três biliões de dólares de dinheiro americano acabado de investir. Não era só a companhia filmográfica: eram doze estações de televisão, trinta estações de rádio e imóveis que já consistiam em trinta e quatro edifícios de escritórios, apartamentos e hotéis. Havia também a companhia de televisão por cabo e o aluguer e venda de vídeos, feitos por meio de mais de vinte mil retalhistas em todo o país. E ele teria controlo de tudo isso por apenas duzentos milhões do seu próprio dinheiro e mais oitocentos milhões em dinheiro sindicado. Tudo o que tinha de fazer era dar a volta ao imobiliário, e então teria mais do que o suficiente para comprar a parte do sindicato, e Milken e Drexel Burnham Lambert tinham concordado em garantir—lhe o dinheiro.

Eram todos uns nabos, pensou para consigo. Não lhe importava que tivessem perdido mais de meio bilião de dólares nos últimos dois anos. Havia bens suficientes para recuperar tudo isso e até mais. Mal sabiam o que os esperava. Ele mostrar—lhes—ia como se fazia aquele negócio funcionar. Lançou um olhar ao compartimento do seu motorista, enquanto este falava com o guarda uniformizado que saíra da cabina para verificar os papéis. Reed sorriu para si mesmo. Era o primeiro dia — daí em diante, toda a gente conheceria muito bem o seu carro.

O guarda acenou ao motorista e, segurando um cartão de plástico, foi até à traseira do carro e colocou o cartão debaixo do pára

— choques da limusina. Voltou a fazer sinal ao motorista para que seguisse.

O guarda ficou no exterior da cabina até a limusina desaparecer e então voltou a entrar e olhou para os dois guardas que tinha amarrado no chão. Friamente, tirou a arma do coldre e montou cuidadosamente o silenciador; depois, matou ambos os guardas com um tiro na cabeça. Calmamente, saiu da cabina para a rua, do lado de fora do portão do estúdio.

Rapidamente, pôs-se ao volante de um discreto Ford verde—escuro e ligou a ignição. Então, lançou um olhar para o portão do estúdio, verificando o ponteiro dos segundos do seu relógio. No momento exacto em que o ponteiro chegou às doze horas, entrou no tráfego normal da cidade, ao mesmo tempo que se ouvia uma explosão ensurdecadora, vinda do estúdio que acabara de deixar.

Daniel Peachtree entrou na sala de reunião, onde os outros directores estavam sentados.

— Acabei de falar com Jarvis. Está no carro, a caminho daqui. Já só deve demorar mais alguns minutos.

Siddely sorriu, aliviado.

— Ainda bem. Nunca o vi perder uma reunião.

No momento em que acabara de dizer estas palavras, o estampido da explosão ecoou na sala, abanando todo o edifício. Siddely empalideceu.

— Que raio é isto? Um tremor de terra? — As mãos agarraram—se firmemente à mesa.

— Qual quê! — disse Daniel. — Sou californiano. Já vi muitos tremores de terra, não se parecem nada com isto. Vamos à varanda ver o que se passa lá fora.

Os outros directores seguiram—no imediatamente. Olharam por cima do parapeito metálico, para a frente do edifício. Havia uma enorme limusina branca toda desfeita e retorcida na rua, mesmo por debaixo deles. Saía fumo de dentro do carro, mas ainda havia uma estrutura que se mantinha, como uma lata de sardinhas depois de aberta.

Por toda a rua havia vidros espalhados, tanto do próprio carro como das portas de vidro das entradas dos edifícios. O ruído de um

alarme contra o fogo enchia o ar, e acorriam homens uniformizados de toda a parte, que depois ficavam a olhar para o carro.

— Mas que raio aconteceu? — perguntou um dos directores.

Daniel olhou para aquela confusão de aço retorcido que estava por debaixo deles, depois olhou para os directores, que o fitavam estupefactos. A voz saiu — lhe fraca, tinha as faces pálidas.

— Acho que acabamos de perder Reed Jarvis. Aquilo era a limusina dele. Reconheço — a.

— Foi uma bomba que lhe puseram no carro! — disse McCanus, o representante do Bank of America no conselho de direcção. — Passei dois anos em Beirute e aprendi a reconhecer o barulho de uma bomba. Quem a terá posto?

— Não faço a menor ideia! — disse Peachtree. — Mas isso não me compete a mim saber; é com a polícia. Continuo a ter negócios de que tenho de tratar.

Voltou para a sala e pegou no telefone. Rapidamente, marcou uma combinação de números internos. Uma voz de rapariga respondeu:

— KFAN — TV.

— Liga — me à redacção. Emergência — limitou — se a dizer. Siddely apareceu por detrás dele.

— Não vais lá abaixo ver o que aconteceu?

— Vou já — disse Daniel. — Quero uma equipa de televisão lá em baixo antes que qualquer outra cá chegue. — Voltou — se de novo e disse: — Aqui Peachtree. Uma limusina acaba de explodir aqui em frente das Portas do Céu. Se não tiverem uma equipa aqui a cobrir o acontecimento antes de qualquer outra estação, amanhã ponho uma redacção nova completa a trabalhar aí. — Aguardou um momento, escutando o que lhe respondiam. — Não sei mais nada para além do que te disse — concluiu.

Desligou e voltou — se para os outros directores.

— Pensei apenas que, sendo esta história nossa, devemos ser os primeiros a cobri — la.

Os outros ficaram a olhar para ele. Shermann Siddely, que arranjava tudo aquilo para Jarvis, acendeu um cigarro com uma mão a tremer.

— Se realmente era Jarvis que vinha naquele carro, estamos todos numa boa alhada.

Bradley apareceu à porta.

— Era Jarvis que vinha no carro — disse, entrando na sala, com o juiz Gitlin e Jed Stevens atrás de si. Acabo de vir de lá de baixo. Todo o átrio está numa confusão completa, mas felizmente ninguém lá ficou ferido. O guarda lá de baixo disse-me que foi a limusina de Jarvis que tinha acabado de parar à porta.

— Jesus... — Siddely empalideceu. — Não consigo acreditar!

— Precisas de uma bebida — disse Bradley. E voltou-se para os outros. — Todos nós precisamos de uma bebida.

Daniel foi ao bar e tirou várias garrafas. Pousou um tabuleiro com copos no bar e começou a despejar uísque. Silenciosamente, começaram a sorver as bebidas. Daniel bebeu a sua muito devagar, observando Bradley.

Bradley segurou o copo na mão, mas não bebeu. Deu com o olhar de Daniel e acenou.

— Vi a equipa das notícias a avançar para o local. Calculo que tenhas sido tu a avisá-los.

Daniel anuiu.

— Detesto parecer calculista, mas por que raio havia uma outra estação de nos bater numa notícia nossa?

— Bem pensado — disse Bradley, aprovador. — Que foi que me disseste na festa? Que o Jarvis te ia fazer director—geral disto?

— Era o que ele estava a pensar... — respondeu Daniel, nervoso.

Bradley assentiu.

— Foi bem pensado. O lugar é teu.

A boca de Daniel não podia ficar mais aberta.

— Mas... eu não percebo... pensei que... Bradley interrompeu-o.

— A cavalo dado não se olha o dente. É óbvio que sabes gerir melhor este negócio do que eu. Acabas de o provar debaixo de fogo. Sabes tirar partido de todas as circunstâncias.

Siddely disse, afogueado:

— Mas agora temos problemas. Sem Jarvis, onde vamos buscar dinheiro para continuar a operar?

— Havemos de nos arranjar — disse Bradley, calmamente. — O principal é não nos deixarmos entrar em pânico. Vamos adiar esta reunião até às cinco da tarde. Tenho a sensação de que vamos ter por aí polícias e jornalistas a vasculhar tudo por um bom par de horas. — Voltou—se para Daniel. — Tu é que és o director—geral, por isso cabe—te tratar disto.

— Vou chamar os rapazes das Relações Públicas para o caso — disse Daniel.

— Muito bem. — Voltou—se para os outros. — Voltamos a encontrar—nos aqui às cinco.

Daniel entrou no gabinete de Bradley, com um ar cansado e tenso.

— A polícia quer falar com todos os directores. Disse—lhes que estávamos todos em estado de choque, e eles disseram que estava bem e que falariam connosco amanhã.

— Muito bem — disse Bradley. O juiz Gitlin olhou para Daniel.

— A polícia tem alguma ideia quanto a quem poderá ter sido?

Daniel abanou a cabeça.

—A única coisa que sabem é que foi um trabalho de profissionais. O assassino também matou dois guardas do portão. Não correu riscos de ser identificado.

— Interrogo—me se o assassino estaria na cabina quando eu entrei... Cheguei apenas cerca de meia hora antes de Jarvis — disse Jed.

— Recebeu instruções para estacionar o carro?

— Sim. Ele colou um autocolante no meu pára—brisas.

— Então quem você viu foi um dos nossos homens. Provavelmente, um dos que foram mortos. Entretanto, a polícia vai verificar o que Jarvis andou a fazer nos últimos dias. Talvez descubram qualquer coisa acerca dele que lhes dê alguma pista acerca disto.

—Esta publicidade não nos vai ajudar nada. Seja antes as nossas acções não se estavam a portar muito bem na Bolsa... Agora é que vão ser elas — disse Bradley.

— Vamos voltar para ao pé dos directores e ver se encontramos alguma maneira de contrabalançar isto. Mr. Stevens, por favor,

espere só uns minutos.

Silenciosamente, voltaram para a sala de reuniões. Os outros directores já lá estavam todos. Rapidamente, Bradley foi para a cabeceira da mesa. Ficou de pé enquanto os outros se sentavam. Em palavras breves, descreveu—lhes o que Daniel lhe dissera acerca das investigações da polícia.

—Estamos todos em estado de choque, meus senhores, por isso penso que esta reunião deve ser breve e sucinta. Temos dois problemas importantes à nossa frente neste momento. O primeiro problema é o dinheiro para nos mantermos a funcionar. Felizmente, consegui arranjar um empréstimo, a curto prazo, de oitenta e cinco milhões de dólares. Acho que isso dá para nos aguentarmos por algum tempo. O segundo problema tem a ver com todos nós. Temos de reunir todos os nossos amigos no mercado à nossa volta. Vou pedir a cada um de vós que dê uma ajuda nesta matéria.

Uma aprovação geral veio dos directores. Bradley disse a Siddely:

—Shermann, temos de saber tão depressa quanto possível quem vai controlar a parte de Jarvis, e que intenções tem acerca disso.

Shermann olhou para ele, e depois para todos os directores.

—Tanto quanto sei, Jarvis comprou a parte dele em seu próprio nome. Não conheço todos os pormenores do testamento dele, mas sei que a mulher será a única herdeira.

—Podes falar com ela e saber o que ela pensa?

—Posso tentar — disse Sherman. — Mas uma coisa eu sei: ela odiava—o. Só permaneceram casados por causa dos problemas financeiros que surgiriam se se divorciassem. Ela vive em Toronto, e eu tenho de lá ir encontrar—me com ela.

—É o suficiente. Obrigado — disse Bradley. — Agora... quanto a outros assuntos importantes... Como todos vocês poderão saber, eu tenho de dedicar cada vez mais tempo à minha companhia petrolífera, e sinto que seria injusto da minha parte para com a Millenium continuar a dirigir o funcionamento diário do estúdio. Assim, peço—lhes que concordem comigo que Daniel Peachtree deve ser promovido à posição de director—geral da companhia e que eu passe a presidente do conselho de administração.

Houve um momento de silêncio enquanto os directores olhavam uns para os outros. Depois, Shermann Siddely falou:

— Só me preocupa o aspecto de relações públicas desta mudança na direcção neste momento em particular. Receio que o público possa sentir que estás a fugir desta situação e das dificuldades que a companhia está a enfrentar.

— Isso é conversa de merda, Shermann — disse Bradley friamente. — Sei que tu e Jarvis já tinham falado com os directores acerca da promoção do Peachtree. A única diferença nesta minha proposta é que eu passo a presidente do conselho de administração em lugar de Jarvis. Daniel fará bem o seu papel, e eu estarei por detrás dele e continuarei a apoiar a companhia em todos os seus problemas financeiros.

Siddely corou.

— Jarvis tinha um plano para refinarciar a companhia. — Pode parecer muito frio da minha parte, Siddely — disse

Bradley —, mas os mortos não fazem planos. — Voltou—se para os outros. — Vou então apresentar uma moção para promover Peachtree a director—geral, e eu próprio a presidente do conselho de administração.

Bastaram alguns minutos para a moção ser apresentada e aprovada. Bradley sorriu.

— Parabéns, Daniel. Agora é que o teu trabalho está mesmo à tua altura. Terás de enviar press—releases acerca desta reorganização e também a dizer o quanto lamentamos o que aconteceu a Jarvis.

Daniel lançou um olhar aos directores.

— Já tenho o pessoal das relações públicas a trabalhar numa declaração para sair amanhã.

— Ainda bem — disse Bradley.

— Mando sair os comunicados sobre as alterações da estrutura no dia seguinte — disse Daniel. Depois, olhou para Bradley. — O fundo de oitenta e cinco milhões é firme?

— Tenho—o no banco, transferimo—lo para a companhia assim que a papelada estiver tratada — confirmou Bradley.

— Isso vai ajudar—me bastante — disse Daniel. — Tenho diversas boas oportunidades para produções em filme e para a TV,

mas o grande problema é que as agências querem ver o nosso dinheiro.

Bradley voltou—se para os directores.

— Sugiro que terminemos esta reunião e deixemos Daniel fazer o seu trabalho. Quanto a nós, acho que vamos dar em doidos com a polícia e os jornalistas. Não teremos hipótese de os evitar. O conselho que vos posso dar é de que se mantenham calmos, digam o que souberem, e depressa a coisa terá passado.

Siddely abanou a cabeça.

— Ainda não consigo acreditar. Não sei quem havia de querer vê-lo morto.

— Eu sei — disse Bradley. — Eu próprio.

7.

— Parabéns, Mr. Peachtree — saudou-o a secretária quando regressou para o seu escritório, vindo directamente da reunião.

— Obrigado, Gladys. Como soube? Gladys riu-se.

— Os tantãs do estúdio são mais rápidos do que julga. — Pegou num maço de papéis que estavam em cima da secretária e levantou-se para ir atrás dele. — Thyme telefonou duas vezes. Disse que era muito importante.

— Eu já lhe telefono — respondeu ele. — Ela começou a afastar-se, mas depois voltou para trás. — Jack Reilly perguntou se queria que decorasse o gabinete de Mr. Jarvis antes de se mudar para lá.

Daniel olhou para ela. «O rei está morto. Bem morto. Viva o rei!»

— Ainda nem pensei nisso, na verdade. Diga-lhe que eu depois lhe digo qualquer coisa.

— Sim, Mr. Peachtree — disse Gladys. — Vou chamar Mr. Shifrin.

Daniel esperou que ela saísse e depois ligou o número de Thyme.

— Thyme?

— Quem fala? — Ela parecia nervosa.

— Daniel — falou em voz baixa. — Quis falar contigo, mas não pude mesmo. Soubeste de Jarvis?

— Não podia deixar de saber. Não falam de outra coisa na TV. Deve ter ficado bonito. Jesus, e pensar que ficou todo lixado só porque eu lhe arranquei um bocadinho da gaita. Que estará ele a pensar agora?

— Porta-te bem, Thyme — disse ele. — Os polícias vão descobrir que estiveste com ele ontem à noite.

— Os chuis já aqui estiveram — respondeu ela. — Foi por isso que te telefonei.

— Que lhes disseste?

— A verdade — disse ela com simplicidade. — Levou-me a casa depois da festa e eu convidei-o para um último copo. Ficou muito agressivo, tentou a cena da garganta — funda e eu mordi — lhe a gaita.

Depois, ele chamou—me uns quantos nomes e foi—se embora danado.

— Disseste isso à polícia? — perguntou ele, incrédulo.

— Aprendi há muito tempo que não se mente à polícia. Se se mente, eles descobrem sempre.

— Disseste—lhes que eu te tinha trazido para a festa no meu avião? — perguntou ele.

— Isso já eles sabiam.

— Que mais te perguntaram?

— Nada de especial — respondeu ela. — Perguntaram—me se eu conhecia alguém que pudesse ter feito aquilo, e eu disse—lhes que não conhecia ninguém, a não ser eu própria. Eles riram—se e foram —se embora.

— Espero que estivesse sóbria quando falaste com eles. Não me parece que eles achessem graça se estivesse pedrada.

— Não sejas parvo, Daniel. São dos homicídios, não são dos narcóticos.

— Vais aparecer nos jornais — disse ele.

— Não há publicidade que seja má. Especialmente se houver um cheirinho a escândalo por detrás...

— És uma boa cabra — disse ele, num tom de admiração. — Não há nada sagrado para ti.

— Tu não és melhor do que eu — disse ela. — Não te ouço chorar.

— Não temos escolha, não é? — respondeu ele. — Temos de jogar com as cartas que nos saem. — Levantou o olhar quando ouviu bater à porta e viu Neal meter a cabeça. — Bom, Thyme, obrigado por teres ligado, e vai dando notícias. Se precisares de alguma coisa...

— Estou bem — disse ela. — Rainbeau acaba de me convidar para passar uma semana com ele em Porto—Rico. Eu e Methanie partimos amanhã de manhã no jacto privado dele.

— Então vão divertir—se bastante — disse ele. — Ouvi dizer que tem lá uma casa fabulosa.

— Não vai ser só divertimento. Estamos a planear fazer um álbum e um vídeo juntos. Ele tem uma série de canções em que vamos trabalhar — disse ela.

— Melhor ainda — disse ele. — Rainbeau assinou com a nossa etiqueta.

Ela riu—se.

— Mas eu não. Terás de negociar com a minha gente.

— Espertinha. — Ele riu—se. — Mas isso não me preocupa. Cá nos arranjaremos.

— Tenho a certeza de que sim — disse ela com simplicidade. — Especialmente depois de tudo o que passámos juntos.

— Cabra — riu—se ele.

— Adeuzinho, querida — disse ele, e desligou. Daniel olhou para Neal.

— Era Thyme — explicou. — Está tudo bem com ela. Não vamos ter problemas. Os chuis já falaram com ela.

— Mas ela não lhes disse que tinhas sido tu a arranjar o encontro deles, não? — Neal continuava ansioso.

— Ela é uma cabra esperta — respondeu Daniel. — Dá para pensar, mas daí a uma chantagenzinha vai uma certa distância.

Neal sorriu.

— Já me sinto melhor. Poderia ter sido muito embaraçoso para nós. — Continuava de pé em frente à secretária. — Parabéns, Daniel. Conseguieste. Não sei se te devo beijar ou apertar—te a mão.

Daniel riu—se.

— Por agora, podes só apertar—me a mão. Nunca se sabe se não vai entrar alguém.

— Esta coisa do poder deu—me uma tesão que não há meio de desaparecer — disse Neal, esfregando as coxas.

Daniel olhou para o alto visível nas calças de Neal. Ficou com a boca seca.

— Tira—o para fora. Quero vê—lo — disse roucamente. Neal abriu rapidamente o fecho das calças e o pénis ergueu—se, teso, à sua frente. Não lhe mexeu. Os olhos encontraram os de Daniel.

— Diz a palavra — murmurou — que eu venho—me já, para cima da tua secretária.

Daniel respirou fundo; ficou com o rosto muito vermelho.

— Mete—o para dentro — disse nervosamente. — Não é altura de fazer loucuras.

— Mas eu amo—te! — disse Neal.

— Espera até chegarmos a casa — disse Daniel. — Agora temos trabalho a fazer.

Rapidamente, Neal arranjou a roupa e voltou a esticar—se na cadeira em frente da secretária de Daniel.

— Tudo bem — sorriu. — Estou pronto.

— O relatório que preparámos para Jarvis acerca das mudanças na companhia ainda está na tipografia?

— Sim.

— Vai buscar a papelada toda e leva tudo para casa. Assegura—te de que trazes os exemplares todos e destrói—os, excepto dois. Qualquer idiota que apanhasse isso podia pôr—nos ao largo.

— Queres dizer que todo aquele trabalho que tivemos vai pelo cano abaixo? — perguntou Neal.

— Não propriamente — disse Daniel. — Limitamo—nos a reescrever tudo para adaptarmos ao ponto de vista de Sheperd, em vez de Jarvis. O programa é tão bom para ele como era para o outro.

— Mas Jarvis tinha dinheiro para o pôr em prática. Como é que sabemos quanto Sheperd ainda tem?

— Acho que ele tem dinheiro que chegue — disse Daniel. — Mas foi demasiado rápido para que eu conseguisse aproximar—me dele durante a reunião.

Neal fitou—o.

— Achas que Sheperd tem alguma coisa a ver com a morte de Jarvis?

— Não me parece — respondeu Daniel. — Tinha a sensação de que Bradley estava pronto para ganhar a Jarvis na reunião. O resto foi uma coincidência. — Levantou—se da secretária. — Agora põe—te a mexer. Tens de chegar à tipografia antes que feche, às oito horas.

Esperou até que Neal tivesse fechado a porta atrás de si; depois pediu à secretária que lhe descobrisse Siddely. Este estava no escritório de Jarvis, e Daniel falou—lhe pelo telefone.

— Shermann — disse —, temos de falar.

— Estava a pensar o mesmo — respondeu Shermann. — Vou dar um pulo aí ao teu gabinete.

O advogado parecia ter—se recomposto do choque da tarde. Estendeu a mão para Daniel.

— Parabéns — disse efusivamente. — Fico contente por Sheperd ter feito a escolha mais acertada.

— Obrigado, Shermann. — Daniel apontou uma cadeira. — Mas ainda temos alguns problemas. O mais importante é que possa haver alguma quebra da companhia de Jarvis ou dos herdeiros.

Shermann abanou a cabeça.

— Já estive a tentar contactar com Mrs. Jarvis, mas está em viagem pela América do Sul e ninguém parece saber ao certo onde ela está.

— Isso não me alivia nada — disse Daniel.

— Mas há outro problema — acrescentou Shermann. — Jarvis tinha duzentos milhões dele próprio, mas não era o suficiente, por isso aceitou um sócio por debaixo da mesa, que lhe avançou mais duzentos milhões para poder negociar com Bradley. Estava ainda à espera de mais quatrocentos milhões para poder comprar a parte de Bradley. Mas não sei onde ele estava a pensar ir buscar esse dinheiro.

— É muito dinheiro. Como poderia ele escondê-lo? — perguntou Daniel.

Shermann olhou para ele.

— Jarvis era um homem muito estranho. Guardava as coisas para ele. Nem eu sei com quem ele estava a negociar para obter esse dinheiro.

— Dinheiro sujo — disse Daniel abertamente.

— Talvez — disse Shermann, levantando as mãos. — Mas não sabemos.

Ficaram sentados em silêncio por um momento; depois, Daniel disse:

— A única coisa que consigo pensar é que temos de ficar alerta.
— Pegou no seu primeiro cigarro em seis meses. Aspirou profundamente o fumo, mas depois engasgou—se e tossiu. Apressou—se a apagar o cigarro. — Merda — disse. Olhou por cima da secretária para Shermann. — Achas que Bradley poderia estar metido nisso?

— Não me parece — disse Sherman. — Bradley estava posto de lado.

— Mas ele parecia muito seguro de si. Mesmo antes da explosão — disse Daniel calmamente. — Mas há duas coisas que eu ainda não percebo. Por que se encontraram o juiz Gitlin e Jed Stevens com ele?

— O juiz Gitlin é o advogado de Bradley em Oklahoma. De Jed Stevens não sei nada.

— Eu sei quem é Jed Stevens. É o director—geral da General Avionics Leasing Corporation — disse Daniel. — Deve estar sentado em cima de, pelo menos, seis biliões de dólares. Aluga aviões comerciais a metade das companhias aéreas de todo o mundo.

— Achas que Bradley o fez entrar na jogada?

— Tudo é possível — disse Daniel. — É apenas mais uma coisa que temos de descobrir.

8.

Bradley deixou—se afundar na enorme cadeira que tinha por detrás da sua secretária e olhou por cima desta para o juiz Gitlin e para Jed, que estavam sentados em cadeiras confortáveis, do outro lado. Pegou no lenço branco que trazia no bolso da lapela e limpou o suor da testa.

— Jesus — disse. — Jesus.

— O juiz Gitlin olhou para ele.

— Estava capaz de tomar mais qualquer coisa.

— Sherry — disse Bradley para o intercomunicador —, o juiz Gitlin deseja uma dose, bem depressa. Para mim, um Glenmorangie com gelo. — Voltou—se para Jed. — E para si?

— Café, preto, com açúcar — respondeu Jed.

Um momento mais tarde, Sherry entrou no gabinete e colocou—lhes as bebidas à frente.

— Cancele todas as chamadas — disse—lhe Bradley quando ela se preparava para sair. A rapariga assentiu e fechou a porta atrás de si.

Bradley ergueu o copo.

— À vossa!

O juiz acenou com a cabeça e emborcou meio copo. Bradley voltou a falar para o intercomunicador.

— Dei—lhe mal o recado, Sherry — disse. — O juiz nunca toma só uma dose. Tem de trazer a garrafa.

Sherry voltou a aparecer quase imediatamente com a garrafa de Canadian Club, colocou—a na secretária em frente do juiz e voltou a sair.

Bradley ficou em silêncio por alguns momentos; depois, disse a Jed:

— Estou baralhado. Você apareceu caído do céu. Quem o meteu neste jogo?

— Estive na sua festa ontem à noite — respondeu Jed.

— Também lá estavam mais quinhentas pessoas. Mas nenhuma dessas apareceu com oitenta e cinco milhões de dólares.

— Isso é outra coisa que me suscita alguma curiosidade — disse o juiz Gitlin. — É que essa era a quantia exacta de que Bradley precisava para se manter na companhia. Como é que você sabia disso?

Jed sorriu.

— Vocês têm amigos. Eu tenho amigos. Os amigos falam.

E eu sou um jogador.

— Mas isto são apostas altas — disse o juiz.

— Só se ganha muito se se aposta muito — disse Jed.

— Que espera receber em troca? — perguntou Bradley.

— Ainda não sei — respondeu Jed. — É disso que temos de falar.

— Mesmo com os oitenta e cinco milhões de dólares na manga, ainda assim teria sido difícil vencer Jarvis. Mas você apareceu com o dinheiro antes de lhe acontecer alguma coisa — disse Bradley. — Ainda não sei porquê. Jed sorriu.

— Talvez eu goste do seu estilo. Você dá festas óptimas. O juiz voltou a encher o copo.

— Você é um jovem — disse. — Onde foi buscar tanto dinheiro?

— Possuo sessenta por cento das acções de uma companhia que fundei: a General Avionics Leasing Corporation, que tem bens no valor de seis biliões de dólares. — Jed olhou para eles.

— Portanto, meus senhores, bem vêem que posso dar—me ao luxo de jogar assim. Agora descontraíam—se, que eu não vos vou exigir nada. Talvez tenhamos sorte e façamos muito dinheiro juntos.

Bradley voltou—se para o juiz.

— Que acha?

— Não tens escolha — disse o velho. — Aliás, ele é parecido contigo. São ambos doidos.

— A aposta de Jarvis nisto ainda me preocupa, agora que os herdeiros ainda têm uma opção de quarenta por cento nas acções da Millenium. Como é que sabemos o que eles vão fazer? — disse Bradley.

O juiz falou com uma voz fria e metálica:

— Foste tu que te meteste nesta alhada. Terás de ser tu a sair dela.

Jed voltou—se para o juiz.

— Bradley há—de sair—se bem disto — disse. — Tenho fé nisso.

— Obrigado — disse Bradley. — Mas teremos de falar depois de termos mais factos nas nossas mãos.

— Falaremos — disse Jed. — Mas, para já, tenho de regressar ao meu escritório.

Jed levantou-se e pousou um molho de cartões de visita em cima da secretária de Bradley.

— Ou você me telefona, ou lhe telefono eu. Havemos de combinar uns encontros mais normais. Advogados, contabilistas, o pessoal todo.

Bradley olhou para ele.

— Mas, entretanto, não quer ficar com um recibo dos oitenta e cinco milhões?

Jed respondeu ao olhar dele.

— Tem dinheiro para cobrir?

— Não — disse Bradley.

— Então que diferença faz? — Jed sorriu. — Mais tarde resolveremos isso. — Apertou-lhe a mão, e depois ao juiz Gitlin. — Meus senhores, até depois. — E saiu do gabinete.

O juiz Gitlin ficou a olhar para a porta fechada. Voltou-se para Bradley.

— É melhor sabermos quem é este rapaz. É demasiado descontraído para o meu gosto. E é difícil confiar num homem que não bebe.

Bradley abanou a cabeça. Chamou Sherry pelo intercomunicador.

— Liga-me para McCanus, do Bank of America. — Fez sinal ao juiz. — Conheceu McCanus na reunião dos directores. Faz parte da direcção desde que eu entrei na Millenium. Ele vai ver quem é este Stevens.

— Quando poderemos ir para casa? — perguntou o juiz. — Não te esqueças de que sou um velho. Preciso de descansar.

Bradley riu-se:

— Então vou dizer a Charlene para cancelar o seu encontro para jantar.

— Encontro para jantar? — exclamou o juiz. — Com quem?

— Com a Sza Sza Gabor — respondeu Bradley. — Ela gosta de homens maduros.

— Não quero obrigar Charlene a mudar os seus planos — disse o juiz muito depressa. — Estou pronto para esse jantar.

Jed virou para o parque de estacionamento do edifício de dez andares, com vidros verdes, do Century Boulevard, em frente à área de fretes aéreos da LAX. Deixou o Chevy Blazer ao porteiro e encaminhou—se para os elevadores. Carregou no botão do sétimo andar, que o poria no seu gabinete.

Kim Latimer, a atraente vice—presidente da Corporate Relations, e Jim Handley, que parecia sempre muito preocupado e era o vice—presidente e tesoureiro da G. A. L. C, estavam sempre à espera à porta do elevador. Era uma loucura, mas nunca conseguia chegar ao seu escritório sem que um ou a outra estivessem à espera à porta do elevador. Tinha a certeza de que pagavam ao porteiro para saber quando ele entrava.

— Tiveste um dia muito ocupado — disse Kim.

— Mais ou menos — disse Jed, encaminhando—se para o seu gabinete.

— Que fizeste com oitenta e cinco milhões? — perguntou Jim. — Isso deixou—nos à míngua para pagar à Boeing.

— É coisa segura — disse Jed. — Paga à Boeing da Conta de Reserva de Alugueres.

Seguiram—no até ao gabinete. Leu as mensagens que tinha na secretária. Abanou a cabeça. O tio Rocco era sempre igual. Nunca deixava mensagens.

Handley olhou para ele.

— Que aconteceu a Jarvis?

— Estourou — respondeu Jed secamente.

— Não teve graça — disse o tesoureiro. — Isso afecta—nos?

— Não me parece — disse Jed. — Estou a lidar com Bradley.

— Em que é que nós entramos nisso? — perguntou Jim. Jed encolheu os ombros.

— Não tenho a certeza. Estou a jogar esta cartada pessoalmente. Pagarei à companhia da minha própria conta amanhã.

— Certo — disse Jim. — Só te quero proteger a ti e a nós.

— Vamos ficar bem — disse Jed. — Obrigado.

Jim saiu do gabinete. Kim estava de pé em frente da secretária.

— Estás bem? — perguntou.

— Estou — respondeu. Escorregou na cadeira. — Isto foi um dia difícil — disse ele. — Estou cansado.

Ela pôs—se atrás dele.

— Deixa—me massajar—te o pescoço e os ombros. Faz—te descontrair.

— Que bom! — disse ele. As mãos dela eram quentes e delicadas. Ele voltou a cabeça. — Parece magia. Ajuda mesmo!

— O teu tio Rocco ligou para mim pela linha privada — disse ela. Ele voltou—se subitamente para ela.

— Por que não me disseste logo? Ela abanou a cabeça.

— Não ia dizer à frente de Jim.

— Que disse ele?

— Disse que telefonaria para tua casa à meia—noite, hora daqui — respondeu ela.

— Que mais disse ele?

— Rico — disse ela. — Não o conseguiram apanhar em Nova Iorque; agora estão a preparar um grande júri para o engavetarem em New Jersey. — Olhou para ele. — Quer que ponhas os teus telefones em segurança. E para vasculhares o teu apartamento, por causa das escutas.

— Fala com John Scanlon, da Segurança, e ele que trate disso.

— Estás metido nalgum sarilho? — perguntou ela, preocupada.

— Eu não — respondeu ele. — Mas estou preocupado por causa do meu tio.—Observou—a enquanto ela falava com a Segurança, depois leu os recados que tinha. Só havia um que era importante. Pegou no outro telefone.

— Quero falar com Rudy Mayer, das Compras — disse a uma das secretárias.

Rudy apareceu na linha.

— Sim, chefe?

— Que nos dá a Aerospaciale com os A 300?

— E o modelo novo deles. Um 200—300. Gigantes. Levam quatrocentos passageiros. Se encomendarmos dez aviões e os colocarmos nas companhias aéreas americanas, eles dão—nos vinte por cento de desconto e um plano de financiamento a vinte anos.

— Deram—te alguma ideia dos preços?
— Não — respondeu Rudy. — Não avançam com números enquanto não disseres que estás interessado.

—Normalmente, as companhias domésticas têm reservas em relação aos aviões estrangeiros. Mas há um mercado para eles. Épocas de férias. Flórida. México. Têm sempre falta de espaço.

— Que quer que lhes diga?

— Diz—lhes que estou interessado. Vou começar a falar com a Eastern, a American, a Western e a Mexicana — disse.

— A Mexicana não é uma linha americana — disse Rudy. — Talvez eles já estejam a vender—lhes directamente.

Jed riu—se.

— Os mexicanos não têm dinheiro. Posso dar garantias à Aerospaciale.

—Certo, chefe—disse Rudy. — Vou—me pôr em campo. Só uma pergunta. Que vai fazer se os da Boeing ficarem lixados por lhes falharmos nos 727—200?

—É tudo uma questão de dinheiro — disse Jed.—O A 300 tem maior capacidade de carga e gasta trinta por cento menos do que o 727. Talvez já seja altura de a Boeing perceber que não tem o único avião do mundo.

Desligou o telefone e olhou para Kim. Ela acenou—lhe com a cabeça.

— Scanlon diz que vai já tratar disso.

—Muito bem. — Sorriu—lhe. —Vem para casa. Vou tomar um duche e vestir—me. Depois, levo—te a jantar fora.

— Negócio fechado — respondeu ela. — Com uma reserva.

— Qual? — perguntou ele.

— Não vou naquela carrinha de carga.

— Está bem, levamos Corniche.

— Óptimo — Kim pegou no telefone.

— Para quem estás a ligar? — perguntou Jed.

— Para o Chasen's — respondeu ela. — A que outro sítio se pode ir de Rolls?

— Por que não vens para a cama? — perguntou Kim. — São quase duas da manhã. É melhor veres se dormes um bocado.

— O tio Rocco disse que telefonava, e há—de telefonar — respondeu Jed.

— No leste são cinco da manhã — disse ela. — Ele já não é uma criança, já deve estar deitado. Telefona—te de manhã.

— Não sabes nada da minha família — disse Jed. — O tio Rocco há—de telefonar. Não é por acaso que é o capo.

— Tudo bem — disse ela. — Talvez tenha surgido um imprevisto qualquer.

O telefone tocou. Jed olhou para o aparelho com surpresa. Não era o telefone privativo. Era o interno do hotel. Lentamente, pegou no auscultador.

— Stevens.

O empregado da portaria falou em tom de desculpa.

— Está aqui um tio seu para falar consigo, Mr. Stevens. Não disse o nome.

— O meu tio não precisa de ter nome. É meu tio e basta. — Jed riu—se. — Está sozinho?

— Não, sir. Tem dois cavalheiros com ele.

— Um dos paquetes que os conduza ao meu bangaló. Pousou o telefone e olhou para Kim.

— O meu tio Rocco vem aí.

— É melhor eu vestir qualquer coisa — disse ela.

— Leva o tempo que quiseres — disse Jed. — Eu ponho—os na sala. O tio não vem sozinho — acrescentou. — Vem com os guarda—costas e um secretário.

— O tio Rocco deve ser um homem dos diabos! — disse ela.

— É antiquado — disse Jed. — O Padrinho nunca sai sem o seu staff.

— Se ele é antiquado, que vai pensar de mim? — disse ela, enfiando as calças.

— Telefonou—te, não telefonou? — interrogou Jed.

— Sim — respondeu ela, enfiando a blusa. — Porque queria falar contigo.

— Não te teria telefonado se não achasse que tu és de confiança. — Jed sorriu. A campainha soou. — Vou abrir — disse.

Atravessou o átrio e abriu a porta. Deu ao pacote uma nota de cinco e convidou o tio a entrar. Olharam—se por um momento, e depois abraçaram—se e beijaram—se na cara. O tio vestia um sobretudo de Inverno de cachemira.

— Bem—vindo à Califórnia, tio Rocco — disse Jed. — Deixe—me tirar—lhe o casaco. Está calor aqui dentro.

O tio concordou.

— Estou a suar — disse, enquanto despia o casaco. Depois fez um gesto para os homens que vinham com ele.

— Lembras—te de Danny e de Samuel?

Jed apertou as mãos dos homens. Nesse momento, Kim entrou na sala.

O tio Rocco sorriu—lhe.

— Tu é que és a Kim, a miúda de Jed! Falei contigo ao telefone por diversas vezes. — Pegou—lhe na mão e beijou—a cortesmente, de maneira antiquada.

Depois voltou—se para Jed.

— É muito bonita — disse. Depois, em siciliano: — Siciliana?

Kim riu—se e respondeu—lhe em italiano.

— Não, desculpe, o meu pai era escocês e a minha mãe irlandesa.

— Não está mal — disse o tio Rocco.

— Deve estar exausto — disse ela. — Posso arranjar—lhe um café e umas sanduíches?

— Só café, preto e forte — respondeu o tio Rocco.

— É para já. — Ela voltou—se e foi para a cozinha.

— Está com muito bom aspecto, tio Rocco — disse Jed.

— Na minha idade, é preciso ter cuidado com a dieta. Menos carne, menos pasta, mais peixe e mais vegetais.

— Vino? — perguntou Jed.

— Talvez mais tarde. Estás surpreendido por me ver aqui?

— Sim — respondeu Jed.

— São negócios de família — disse o tio Rocco. — Não poderíamos falar disto pelo telefone, por isso aluguei um avião.

Jed olhou—o em silêncio.

— Temos algum sítio aqui onde possamos falar? — perguntou o velho.

— Lá dentro. Lá ninguém nos ouve.

Kim deixou duas cafeteiras de café para eles e fechou a porta. Jed encheu duas chávenas e inclinou—se na cadeira.

— Está bem assim? — perguntou.

— Ela faz um bom café — disse o tio Rocco.

Jed concordou com a cabeça.

— Mas o tio não veio aqui para falar de café.

— É verdade — bebeu mais um golo. — O canadiano deu o berro — disse.

— Eu sei — respondeu Jed. — Estava lá.

— Era um homem mau — disse o tio.

— Não era pior que os outros — disse Jed. — Toda a gent se torna gulosa quando se trata de dinheiro.

— Não é só o dinheiro — disse Rocco. — É que ele traiu amigos. E isso vai contra as regras.

— Não percebo — disse Jed.

— Rico — disse o velho. — Foi para Nova Iorque e disse Giuliani onde eu vou buscar o dinheiro que lhe emprestei. Agora Giuliani está a dar a um procurador de New Jersey lenha para preparar um novo processo contra mim. Tentaram apanhar—me em Manhattan, depois em Brooklin, e perderam. Agora vão tentar de novo.

— Não há uma lei qualquer contra isso? — perguntou Jed. Rocco riu—se.

— Não sejas estúpido. Cada caso é diferente. Vão buscar outras acusações. A última que ouvi é que me vão tentar ligar aos sindicatos e à corrupção em Atlantic City.

— Serão capazes de fundamentar alguma coisa?

— Não me parece que possam. Quando me ofereceram os sindicatos de Atlantic City, recusei tudo e dei—os à família Scarfo, de Filadélfia. Eles queriam—nos, portanto dei—lhes tudo. Não estava interessado naquelas merdas mesquinhas de todos os dias. Queria ser como Frank Costello. Um velho estadista.

— Então com que tem de se preocupar?

— Com nada, espero. A única informação segura que tinham era de Jarvis. Mas ele agora já não pode depor perante o Grande Júri. Os mortos não são testemunhas.

Jed fitou o tio, surpreendido.

— Não me diga que foi o tio que o pôs à sombra?! O tio Rocco ficou indignado.

— Julgas que sou parvo? Então é que Giuliani me lixava mesmo.

— Mas ele vai continuar a tentar apanhá-lo — disse Jed.

— Tentar e conseguir são coisas bem diferentes — retorquiu o tio Rocco.

— Não é que não tivesse gostado de lixar aquele filho da puta, mas alguém fez isso antes de mim.

— Preciso de uma bebida — disse Jed, levantando-se. Olhou para o tio. — Quer tomar alguma coisa?

O velho anuiu.

— Tens algum vino rosso?

— Bolla Chianti — respondeu Jed.

— Vintage? — perguntou Rocco.

— Claro. Aprendi alguma coisa consigo.

Jed foi à sala. Os homens do tio Rocco estavam sentados no sofá, com uma cafeteira cheia de café à frente. Jed foi ao quarto.

Kim estava sentada na cama, com um jornal aberto à sua frente. Olhou para ele.

— Estás bem?

— Estou. E tu?

— Estou bem — disse ela. — Um pouco nervosa, mas bem.

— Descansa — disse ele. — O tio Rocco quer um pouco de vino rosso e eu também preciso de uma bebida. Vim só buscá-la.

— Queres ajuda? — perguntou ela.

— Não, eu trato disso.

Atravessou de novo a sala até à cozinha. Abriu uma garrafa de vinho. Depois foi ao bar, que ficava num canto da sala, e pegou numa garrafa de Glenlivet, em copos e gelo. Pôs tudo num tabuleiro e regressou para junto do tio.

Rocco pegou no vinho e examinou o rótulo.

— Oitenta e dois — disse, num tom satisfeito. — Um ano muito bom. Aprendeste realmente alguma coisa.

Jed sorriu e serviu-se do uísque com gelo enquanto o tio se servia do vinho. Ergueu o copo.

— Salute!

— Salute!

Jed sorveu a bebida. Esperou até o tio acabar de beber o vinho e voltou a encher o copo. Os seus olhos deram com os do tio.

— Tem alguma ideia de quem poderá ter sido?

— Tenho uma ideia — disse o velho. — O golpe foi encomendado do Canadá. O homem que deu o golpe foi um canadiano—francês que trabalha dos dois lados da fronteira.

— Deve ser fácil à polícia apanhá—lo, então — disse Jed. O tio Rocco sorriu.

— Nunca chegarão sequer perto dele. É um verdadeiro profissional. A esta hora já deve ir a caminho da Europa ou da América do Sul.

— Parece muito seguro disso.

— É lá que será pago. Em França ou no Peru. — O tio bebeu mais vinho. — Se ele for mesmo esperto, irá para França. Se for para o Peru, tem os dias contados. Fazem—lhe o mesmo que fizeram a Jarvis.

— Sabe mesmo de alguma coisa, não sabe? — perguntou Jed.

O tio deixou cair a cabeça.

— Alma Vargas.

— A rapariga peruana? — perguntou Jed, surpreendido. — Em que é que ela entra nisto?

— Ela casou com Jarvis em França, há três anos. Ele andava a preparar o divórcio. E ela não gostou disso. Jarvis era um homem muito rico. Agora, ela é uma putana muito rica. — O tio Rocco deu uma risadinha. — Não sabes como me foi difícil pô—la fora do país quando regressaste com ela. Queria casar contigo.

— Jesus! — disse Jed. Serviu—se de outro uísque. — Lá vai o seu dinheiro.

— Talvez não. — Rocco sorriu. — Ela ainda gosta de ti.

— Espere aí — disse Jed. — Ela não lhe vai devolver o dinheiro.

— Isso sei eu — disse o tio Rocco. — Tudo o que quero é que arranjes maneira de ela pôr os bens de Jarvis a apoiar Sheperd.

— Ela sabe que o tio deu o dinheiro a Jarvis?

— Foi ela que me apresentou Jarvis. Achei que ele tinha um grande plano. — Fitou o copo de vinho. — Talvez eu não tenha sido muito esperto, mas Jarvis também não foi. A mais esperta foi aquela putana peruana.

— Passarinha peruana... — Jed riu—se.

— Não percebo — disse o tio. Jed olhou para o velho.

— Um dia, há muitos anos, ela pôs—se toda nua no convés do barco no Amazonas e falou—me das passarinhas peruanas.

Eram as melhores do mundo, disse ela. Mas não me disse que também eram as mais espertas.

— Que achas? — perguntou o tio Rocco. — Falas com ela? — Claro que falo—replicou Jed. — Mas não temos de fazer

nada. O dinheiro já está na companhia e não há maneira de ela o retirar. Acredite—me, tio Rocco, disto percebo eu. Quando eu acabar, Sheperd e eu controlaremos tudo, e ela só terá uma influência minoritária.

O velho olhou para Jed.

— A sério?

— É o meu ramo de negócios — respondeu Jed.

O tio Rocco ficou sentado em silêncio por um momento, e depois suspirou.

— Estou a ficar velho — disse. — Há dez anos, nunca teria entrado numa escandaleira destas. Seria demasiado legal para mim.

— Legal ou ilegal... depende de onde eles colocam as fronteiras. São a mesma coisa.

— Não — disse o velho. — Estou demasiado velho. Perdi os meus atributos.

— É o mesmo homem de sempre, tio Rocco — disse Jed meigamente. — O jogo é que mudou um pouco.

O tio Rocco abanou a cabeça lentamente.

— Quero que regresSES à família.

— Nunca abandonei a família, tio Rocco — disse Jed. — Que quer que eu faça?

— Estou a ficar velho — respondeu Rocco. — Quero que me ajudes.

Jed agarrou as mãos do velho. Estavam a tremer.

— Diga—me o que quer, tio Rocco.
— Põe—me fora da arena — disse o velho. — Quero morrer na cama.

O ÚLTIMO HOMEM DE HONRA

Os reбуçados. O Steel Pier. As casas de leilões que enchiam todas as lojas da rua com antiguidades a fingir. As cadeiras com rodas puxadas para a frente e para trás por negros sorridentes que também faziam de guias turísticos por setenta cêntimos por hora. A areia branca coberta de famílias em piquenique.

Os vendedores ambulantes, na maior parte miúdos que vendiam maçãs caramelizadas, tortas Esquimó e gelados. Essa é a Atlantic City de que eu me lembro de quando tinha oito anos e passei duas semanas em casa da tia Rosa, na casa que ela alugara no extremo da avenida.

Não tinha nada a ver com os hotéis e casinos monstruosos que agora via quando olhava lá para baixo, do último andar do tio Rocco, e que transformavam um milhão de luzes numa pequena Las Vegas. Afastei—me das janelas e regresssei à grande secretária de mogno do tio Rocco. Num canto da secretária estava um tabuleiro de doces com reбуçados.

— Não sabia que gostava disto.

— Por que não? O presidente tem um frasco deles na secretária. Ri—me.

— Certo. Mas lembro—me de que quando fiquei em casa da tia Rosa ela não me deixava comê—los. Dizia que me fariam buracos nos dentes.

— Todas as mulheres tinham ideias esquisitas nesse tempo. Apanhaste alguns buracos nos dentes?

— Tive uns quantos quando era miúdo — disse eu. — Mas não sei se foi por causa dos reбуçados. Não comi assim tantos.

— Estou sempre a comê—los e não tenho buracos nenhuns.

A única coisa que acontece é que se colam à minha placa e depois tenho de tirá—la e limpá—la.

— Não sabia que o tio usava placa.

— Há muito tempo que uso — respondeu ele. — Quando era miúdo, um sacana qualquer bateu—me na cara com um bastão de basebol.

— Que fez o tio? — perguntei.

— Nada — replicou ele. — Ia dar cabo dele, mas o teu avô; impediu—me. O outro era genovês, e isso poderia ter dado início a uma guerra. Teria sido uma tragédia porque eles ter—nos—iam limpo. Nessa altura, os genoveses eram a maior família de Nova Iorque. Por isso, o meu pai mandou—me ao melhor dentista de Manhattan e eu fiquei com uns dentes que faziam inveja a toda a gente.

Ri—me.

— Ainda estão muito bons. Ele abanou a cabeça.

— Já é a quinta dentadura que tenho. Olhei para ele.

— Temos de falar de uma coisa.

— É verdade — disse ele. O telefone tocou nesse momento, e ele atendeu. Escutou por um momento e depois respondeu:

— Manda—o entrar — olhou para mim. — Tenho de falar com um tipo. Não demorará muito.

— Eu espero — respondi eu. — Quer que saia?

— Não — respondeu ele. — Podes ficar ao pé da janela. — Abriu uma gaveta e tirou uma Luger, que me deu. — Sei que sabes trabalhar com uma coisa destas.

Fitei—o.

— Está à espera de sarilhos?

— Não propriamente — disse ele. — Mas no meu ramo de negócios... — Encolheu os ombros.

Fui até à janela enquanto enfiava a pistola no bolso do casaco. Pelo canto do olho, vi entrar o homem — um homem anafado que vestia um fato bastante justo e trazia uma cara de zangado, de tez escura.

O meu tio levantou—se da secretária e estendeu a mão.

— Nico — disse. — Que prazer em ver—te. O homem ignorou a mão do meu tio.

— Deste—me cabo de trezentas das grandes — disse o homem bruscamente.

O meu tio ficou impassível.

— És uma besta — disse ele. — Se te quisesse tramar, tramava—te por três milhões.

Nico pareceu ficar ainda mais zangado.

— Não é uma questão de dinheiro — disse. — É uma questão de princípios.

— Que sabes tu de princípios, palerma? — A voz do tio Rocco tornou—se mais fria. — Lixaste o teu próprio pai antes de ele estar frio no leito de morte. Que aconteceu ao dinheiro que o teu pai queria dividir entre ti e o teu tio?

— O meu tio desapareceu — disse Nico. — Nunca o conseguimos encontrar.

— Asseguraste—te de que ninguém o procuraria — disse o tio Rocco, com a mesma voz fria. — Especialmente na quinta dos porcos que tinhas em Secaucus.

— Isso são tudo tretas — disse Nico irritado. — Isso não tem nada a ver com isto. Continua a dever—me trezentas das grandes.

O tio Rocco levantou—se por detrás da secretária.

—Sou um homem de honra—disse calmamente. — Fiz um pacto com o teu pai quando vim para cá. Ele ficou com os sindicatos e dava—me cinco mil por mês para as despesas. Depois de o teu pai morrer, nunca exigi esse pagamento. Era—me enviado por um correio, todos os meses, da mesma maneira que mo enviava.

Nico olhou para o tio Rocco.

— Ninguém estava autorizado a fazer isso.

—Isso é problema teu—disse o meu tio, secamente. — Talvez ninguém goste de ti na tua organização.

— Vou—me ver livre desse filho da puta — disse Nico.

— Continua a ser problema teu — respondeu o tio Rocco. — Limita—te a assegurar que os cinco mil vêm cá ter todos os meses, como acontecia no tempo do teu pai.

— E se eu não fizer isso?

O tio Rocco sorriu e voltou a sentar—se.

— Como já disse, sou um homem de honra. Cumpro a minha palavra e acredito que honrarás a palavra do teu pai. — Fez uma pausa, e depois sorriu mansamente. — Ou és capaz de dar contigo ao lado do teu pai, na quinta dos porcos.

Nico ficou a olhar para ele.

— És doido, velho. Posso matar—te já aqui.

Comecei a tirar a Luger do bolso, mas o tio Rocco, que estava a observar—me pelo canto do olho, abanou a cabeça. Deixei a arma no bolso.

— Então és mais parvo do que eu pensava — disse o tio Rocco descontraidamente. — Nunca sairas daqui vivo. — Riu—se. — Eu tenho setenta e dois, tu tens quarenta e sete. Estás a jogar contra as probabilidades. As companhias de seguros dão—me quatro anos; a ti dão—te vinte e sete.

Nico ficou em silêncio por um momento. Por fim, deixou cair a cabeça.

— Dom Rocco — disse Nico numa voz respeitosa. — desculpa, estava fora de mim.

— Não foi nada, meu filho — disse o meu tio calmamente.

— Mas pensa antes de agires. Verás que a vida se torna mais fácil.

— Sim, Dom Rocco — disse Nico, levantando—se da cadeira.

— Peço—lhe, mais uma vez, que me desculpe.

— Adeus, meu filho — disse o tio Rocco. Viu Nico sair da sala e depois voltou—se para mim. — Agora vêes do que eu quero que me tires. Estou farto de lidar com estes doidos.

— Acha que ele teria mesmo tentado alguma coisa? — perguntei.

— Quem sabe? — perguntou o tio Rocco. — Mas não terá outra oportunidade. Já tenho o primeiro lugar—tenente dele a falar para os federais. Vão apanhá—lo.

— O tio faz acordos com o FBI?

— Não — respondeu ele.

— Mas tem esse tipo a falar com os federais.

— Esse homem veio pedir—me conselhos. Sabia que eu era um homem de honra, com muita experiência — disse ele, calmamente.

— Só lhe disse que os do FBI não o matariam, mas que Nico sim. O

que ele decidiu depois disso foi escolha dele — estendeu— me a mão — Dá cá a arma.

Coloquei a Luger na secretária, à frente dele. Voltou a metê—la na gaveta, mas primeiro limpou— a com um pano suave.

— Não quero as tuas impressões digitais aqui.

— Obrigado — disse eu. — Mas por que a deixou descarregada? Podia ter sido morto.

O tio Rocco sorriu.

— De maneira nenhuma. Tenho uma caçadeira de canos serrados montada na secretária e apontada à cadeira em que ele estava sentado. Se ele tentasse alguma coisa, havia de ficar todo espalhado pelo Atlântico.

Fitei—o.

— O tio Rocco mente bastante. Sobre que mais me mentiu? Ele abanou a cabeça, tristemente.

— És da família. Eu sou um homem de honra. O que quer que te diga é para tua protecção.

— De que protecção preciso eu? — perguntei. — Tenho uma vida limpa. A General Avionics é uma companhia respeitada. Tudo o que fazemos é comprar aviões e alugá—los às companhias de aviação. É tudo legítimo.

O meu tio olhou com tristeza.

— Um Di Stefano é um Di Stefano, mesmo que o seu nome legal seja Stevens. Talvez o mundo em que vives não saiba disso, mas o mundo em que nasceste sabe quem tu és. Até mesmo na Sicília eles sabem. Foi por isso que o teu pai caiu da montanha em Trapani. Os velhos mundos não morrem, têm os seus ódios e vendettas, que se mantêm vivos.

Olhei para ele.

— Não se reformou, pois não? Ele não respondeu.

— O meu pai disse—me isso — disse eu com amargura. — Que não confiasse no meu mundo.

O tio Rocco olhou—me nos olhos.

— Tens de acreditar em mim. Nunca traí a minha família.

— Um homem de honra — disse eu sarcasticamente. — Nunca tinha ouvido essa. Onde foi buscar essa ideia?

A voz dele soou fria.

— As cinco maiores famílias são de Nova Iorque. Respeitam—me. A comissão siciliana, composta pelas famílias mais importantes, incluindo os Corleones e os Borghettos, honram—me como único americano que é seu igual. Nunca traí o respeito e confiança deles.

— Se isso é verdade — perguntei eu — , por que está preocupado que alguém o mate?

— Os mais velhos já se foram. Os mais novos estão a tomar o poder, e são todos muito gananciosos. Não são capazes de esperar.

— Que querem eles de si? — perguntei. — Disse—me que estava fora de circulação.

O tio Rocco abanou a cabeça. Bateu na têmpora com o dedo indicador.

— É isto que eles querem. Eu sou o único que resta e que pode comunicar entre o velho mundo e o novo. Sabem que basta uma palavra minha para ficarem desligados do velho mundo.

— E por que há—de isso preocupá—los?

— Por causa de dez a quinze biliões por ano — disse ele.

— Os sicilianos têm assim tanto poder?

— Têm um exército mundial. Fizeram acordos com as tríades chinesas e com os cartéis colombianos. Isso dá—lhes milhares de soldados — respirou fundo. — Mas aqui, na América, as coisas já não são o que eram. Dantes, éramos reis; agora, rastejamos por causa de migalhas. Os americanos estão a ficar mais fracos, todas as famílias estão a ficar cada vez mais pequenas, sobretudo com o governo a apanhá—las por todos os lados com a Lei Rico.

Fiquei em silêncio por um momento.

— Ainda não sei o que quer que eu faça. Fitou—me.

— Quanto pensas que vale o teu negócio?

— Talvez dois ou três biliões — disse eu.

— Quanto tiras disso?

— Mais de um milhão por ano. Ele riu—se.

— Caca de galinha.

Eu fiquei só a olhar para ele.

— E se eu te pusesse dentro de uma companhia de investimento legítimo com mais de vinte biliões em dinheiro e bens, sobre os quais

ganharias quarenta por cento, dando—te mais de cinco milhões por ano?

A voz dele escorria mel.

— E quem possuiria os outros sessenta por cento? — perguntei eu.

Ele encolheu os ombros.

— Outros homens de honra? Abanei a cabeça.

— Tio Rocco, tio Rocco — disse eu, rindo — , isso é demasiado forte para o meu sangue. Estou feliz na minha loja.

— Estás cada vez mais parecido com o teu pai — resmungou o tio Rocco. — Podia ter feito dele um multimilionário. Mas ele seguiu o seu caminho.

— E fez bem — disse eu. — Tinha um bom negócio e uma boa vida. Que mais pode um homem querer?

O tio Rocco encolheu os ombros.

— Talvez tenhas razão.

— Pelo menos, ele não precisou de autorização de ninguém para se reformar. — Olhei para o meu tio por um momento, depois disse: — Agora, como é que posso ajudá—lo?

— Primeiro, aceitas a minha oferta para liderar a companhia de investimentos. Depois, começamos a comprar companhias com potencial lucrativo. A tua companhia, a Millenium Films, depois as companhias petrolíferas de Sheperd, depois as holdings canadianas de Jarvis. Fora da tua própria companhia, estão todos com falta de dinheiro líquido e estão com o rabo a arder, mas podem ser comprados. Há uma lista de outras companhias que poderão ser compradas. Competirá a ti juntá—las todas. Pode ser qualquer coisa como a RJR ou a Nabisco, mas com liquidez, e não a viver de dinheiro emprestado. — Observou—me atentamente, como se quisesse adivinhar a minha decisão antes de eu a dizer.

— Que acha que fará o governo quando descobrir que todos os seus «homens de honra» estão em negócios destes? — perguntei.

— Não estarão na companhia. A companhia não tem se não homens de negócios; japoneses, europeus, árabes... Os Bancos são todos grandes: o Citicorp, o Morgan Stanley, o Chase. Os corretores:

Merryl Linch, Hutton, Goldman Sachs. Tudo gente certinha e de colarinho lavado.

— E que ganha o tio com isso? — perguntei.

— Saio disto — respondeu ele. — Retiro—me completamente limpo.

Respirei fundo.

— Sabe que gosto de si, tio Rocco?

— Sei — disse ele calmamente.

— Mas não vai resultar. É um sonho.

— São todos homens de honra. Fizemos um acordo. Temos todo o dinheiro de que precisamos. Vinte bilhões limpos. O governo não tem por onde lhes pegar. Todos os impostos foram pagos.

Teremos um negócio legítimo. Para nós, a Mafia acabou—se.

— Para si e para os velhos, pode ter acabado, mas a Mafia não acaba. É como a Torre de Pisa: todos os anos se inclina mais um pouco, mas nunca cai.

O tio Rocco fitou—me.

— Que estás a tentar dizer—me?

— Não tem escolha, tio Rocco — respondi. — Tem de ficar aqui. Sabe de mais. Tem coisas a mais dentro da sua cabeça para poder deixá—los assim. — Os meus olhos encontraram os dele. — Quanto tempo acha que isto poderia durar?

— O teu pai perguntou—me a mesma coisa há cinquenta anos — disse o tio Rocco.

— E já nessa altura tinha razão — disse eu. — E o conselho dele era tão bom então como é agora. O tio Rocco suspirou.

— Então que hei—de fazer?

— Parece ter tudo controlado aqui — disse eu. — Faça apenas o que sempre fez. Foda—os todos.

— Mas continuo a querer recuperar a parte de Jarvis. É uma soma considerável e tenho alguns sócios que querem reaver as suas partes.

— Já lhe disse que o ajudo nisso — disse eu.

— Muito bem. — De repente, sorriu. — Vamos descer para a sala de jantar. Tenho uma surpresa para ti.

O tio Rocco adorava surpresas. Esta era das grandes. Ali estava Alma Vargas com a sua filha de 11 anos, Angela — o nome que recebera do pai.

LIVRO III

JÁ NÃO HÁ PADRINHOS

1.

Kim estava zangada.

— És um idiota — disse ela. — Que raio te interessa a ti que o teu tio perca duzentos ou quatrocentos milhões? Tem tanto dinheiro que nem dará pela falta.

— Pediu—me que o ajudasse — disse eu. — Afinal, é da família.

— Isso é a conversa dele — disse ela. — Está—se nas tintas para o que te aconteça. A única coisa que ele quer é enredar—te nas teias dele. Podes tomar conta do seu negócio, mas ele não se rala com o que possa acontecer com o negócio que construístes durante anos. E tens dinheiro que te chegue, não precisas do dinheiro dele.

— Acalma—te e vem para a cama, Kim — disse eu. — Vai ficar tudo bem.

— Claro — disse ela, sarcasticamente. — Ou acabas preso ou enterrado como os outros.

— Vou ficar no meu próprio negócio — disse eu. — A única coisa que vou fazer é pôr as coisas em ordem. Depois saio disto.

— Entretanto, já ficaste sem oitenta e cinco milhões — disse ela, azeda. — Não estou a ver quando é que ele te vai devolver o dinheiro.

— Ele devolve—o — disse eu, teimosamente. — É uma questão de honra.

— Mas seja, assinaste o acordo com Bradley... Garantiste—lhe mais quatrocentos milhões, e o velho advogado dele, que é esperto, arranjou a coisa de tal maneira que não tens direito a nenhuma participação na companhia enquanto não entregares o dinheiro todo. — Fitou — me. — Onde foi parar a tua cabeça? Não trabalhas assim na General Avionics. Asseguras—te de que todos os tês estão traçados e de que todos os is têm pontos.

— Por que estás tão danada? — atirei—lhe eu. — O problema é meu, não é teu.

Ela afastou — se da cama.

— E por que andas a falar com o senador Beaufort para arranjar cidadania americana para aquela cabra? — perguntou com a voz

esganiçada.

— Jarvis ia obter a cidadania antes de ser morto. Agora, tem de ser ela a obtê-la ou a FCC não lhe permite que compre nem uma acção da companhia, porque só americanos é que podem possuir companhias de televisão e rádio. Ao meu tio, nunca lhe permitiriam fazê-lo, por causa do currículo dele. Rupert Murdoch fez a coisa desta maneira e safou-se, e o negócio dele era ainda maior que este — respondi eu.

— E se não resultar? — perguntou ela, sem olhar para mim.

— Nesse caso, é o tio Rocco que fica com o pauzinho mais pequeno — disse eu.

Ela virou-se para mim.

— Não fica, não.

— Que queres dizer? — interroguei.

— Ele é muito esperto. Já te agarrou a ti — disse ela. — Por quase quinhentos milhões de dólares. Vais ter de vender a General Avionics para poderes pagar.

— Ele há-de avançar com o dinheiro — disse eu. Os olhos dela deram com os meus.

— Da mesma maneira que apareceu com a miúda de Angelo. Uma criança de olhos verdes e cabelo cor de areia. Angelo era assim?

Fiquei calado. Angelo tinha cabelo escuro e olhos castanhos.

— O teu tio pagou-lhe para ela sair do país quando quis casar contigo. Foste tu que mo disseste — disse ela.

Abanei a cabeça.

— Tenho uma boca grande de mais — disse.

— Andavam os dois a foder com ela.

— Não ao mesmo tempo — disse eu.

— Quase... — disse ela. — A miúda pode ser tua filha.

— Que loucura! — disse eu. Depois vi as lágrimas nos olhos dela.

— Os homens são tão estúpidos!

Peguei-lhe na mão. — Não sou assim tão estúpido — disse-lhe.

— Tenho-te a ti...

Ela escondeu o rosto no meu peito.

— Tenho medo — murmurou. — Medo de que estejas a perder tudo aquilo por que sempre lutaste.

— De maneira nenhuma — disse eu. Puxei—lhe a cara para a minha e dei — lhe um beijo.

— Ela é uma cabra — disse Kim. — Foi feita e refeita com cirurgias plásticas. Olhos, cara, mamas, gorduras do rabo, lipossucção...

Fiquei surpreso.

— Como sabes disso?

— Foste tu que me disseste — disse ela. — Disseste—me que ela tinha o mesmo aspecto de há doze anos. As coisas não são assim. Com mulher nenhuma. Especialmente depois de ter um filho.

Comecei a rir.

— Será que também lhe consertaram a ratinha?

— É possível — respondeu ela, séria. — Queres investigar isso também?

— Eu não — apressei—me a responder. — Não estou interessado em viagens no tempo.

Kim abraçou — me.

— Estás de pau feito — disse. — Ela está—te a excitar.

— Cabra! — Beijei — a e puxei—a para cima de mim. — E achas que as tuas mãos a passearem por mim não me excitam?

— És tão mau... — disse ela.

— Estás zangada — disse eu. — Senta—te em cima da minha cara. Chupo—te a raiva toda para fora.

Foi há coisa de três meses que vi o tio Rocco em Atlantic City e jantámos com Alma e a filha. A sala de jantar ficava no piso de baixo do apartamento duplex do tio Rocco. Alma já lá estava, sentada no pequeno bar que ficava ao canto, a olhar lá para fora, para o oceano. Voltou—se para nós e levantou—se quando entrámos.

Sorriu e estendeu as mãos para mim.

— Jed! — disse, calorosamente.

Agarrei—lhe as mãos e beijei—lhe as faces.

— Alma! — disse eu. — É uma verdadeira surpresa.

— Não é bem — disse ela. — Sempre soube que nos havíamos de voltar a ver.

— Nem posso acreditar — disse eu. — Estás com o mesmo aspecto óptimo que tinhas há doze anos. Na verdade, até melhor.

Ela riu—se.

— É a maquilhagem francesa. Faz maravilhas.

— Faz mais do que isso — disse eu. — Eu engordei e envelheci, mas tu pareces ter descoberto a fonte da juventude eterna.

— Não sejas tolo — riu — se ela. — Eras um rapazinho, nessa altura. Agora estás um homem. Estás com óptimo aspecto.

— Obrigado — disse eu. — O tio Rocco disse—me que tens uma filha.

Uma leve sombra perpassou—lhe pelo rosto.

— Sim — respondeu. — Nunca percebi que estava grávida de um filho de Angelo.

Os meus olhos deram com os dela.

— A vida é estranha.

— É verdade — respondeu ela. — Como nos havíamos de encontrar... E tudo porque o meu marido morreu.

Continuei a olhá—la nos olhos.

— Não sei se te dê os parabéns ou os pêsames. Ela não desviou o olhar.

— Talvez um pouco de ambas as coisas.

Um criado de farda branca saiu de detrás do bar. Voltou a servi—la e olhou para mim.

— Scotch com gelo — disse.

O homem colocou a bebida no bar, à minha frente, e saiu da sala. Ergui o copo à frente dela.

— Saúde! — disse.

— Salúd. — Sorvemos as nossas bebidas. — O meu marido era um merdas — disse ela.

Fiquei calado por um momento.

— Mas casaste com ele. Porquê?

— Havia três razões. Primeira, era rico. Segunda, tinha a gaita mais tesa que eu já vi; e terceira, pediu—me — riu—se. — Era maluco pela minha ratinha peruana.

Costumava dizer que o meu clitóris era quase tão grande e teso como a gaita dele.

— Parece muito romântico — disse eu.

— Para ele, era — disse ela. — Mas ele era doido. Na verdade, odiava as mulheres. Queria destruir—me. Quando descobriu que não seria capaz, decidiu divorciar—se.

Fiquei calado.

— Assinei uma convenção antenupcial. Um milhão por cada ano que estivéssemos casados; mas no fim até isso ele me quis tirar.

— Agora já não faz diferença — disse eu. — És a viúva dele, vais ficar com tudo.

— Não vai ser assim tão fácil — disse ela. — Ele tem dois filhos de outro casamento. Um tem trinta e dois e o outro tem trinta. São ambos funcionários da companhia dele e são os únicos herdeiros dos bens.

— Como soubeste isso? — perguntei. — Shermann Siddely disse —me que eras a única herdeira.

— Pois bem, Siddely estava enganado. Quem me disse foram os advogados canadianos de Jarvis. Ele fez o testamento há sete anos. Se eu cooperasse, disseram—me eles, fariam que eu visse alguma coisa da herança.

— E vais cooperar com eles?

— Vou—lhes dar cabo dos rabos — disse ela, irritada. — Vou receber a minha parte — respirou fundo. — Talvez tivesse sido melhor se ele não tivesse sido morto.

— Não faz sentido — disse eu. — Pensei que tivesses sido levada por ele.

Um ar de genuína surpresa passou—lhe pelo rosto.

— Por que havia eu de fazer tal coisa? Eu sabia que os filhos dele iam ficar com tudo. Ter—me—ia sido mais fácil lutar com ele do que com a herança que deixou.

— Então, quem o matou? — perguntei.

— Não sabes? — perguntou ela. Abanei a cabeça.

— O teu tio — disse ela calmamente. — Quando percebeu que Jarvis ia entalá—lo, ficou doido. — Calou—se por um momento. — Os padrinhos não perdoam.

2.

O tio Rocco jantava sempre às sete horas. Nessa noite, a mesa estava posta para quatro pessoas. Estava uma maravilha. Nunca pensei que o velho se preocupasse com tais coisas. Velas. Copos de pé alto. Pratos de um serviço inglês Coalport; as pratas eram belíssimas, francesas.

Ele acenou assim que entrou na sala e olhou para Alma . — Onde está a miúda?

— Vem já — respondeu ela.

— Arranjei uma guloseima especial para ela — disse ele. Hamburguers da McDonalds — voltou—se para mim. — Já viste a miúda?

Alma riu—se.

— Já não é nenhuma miúda. Tem onze anos.

— Continua a ser uma miúda — disse ele. E voltou—se para a porta quando a criança entrou. — Angela! — Inclinou—se para a beijar.

— Avô... — riu—se a miúda. — As suas patilhas fazem—me cócegas.

— São para te comer melhor, minha querida.

— O avô não é o lobo mau — disse ela. Depois olhou para mim. — És o meu tio? — perguntou.

Tinha olhos verdes e cabelo castanho—alourado, como o da minha mãe. Era alta para a idade que tinha, e eu estava curioso quanto ao sotaque dela. Falava como uma inglesa.

— Não me parece — disse. — Talvez teu primo.

— O avô não é teu pai?

— Não — respondi. — É meu tio. O teu pai é que era filho dele.

Ela voltou—se para a mãe.

— Disseste que ele era meu tio — disse, acusadora.

— De certa forma, é o que ele é — explicou Alma. — O teu pai e ele eram como dois irmãos.

A miúda pensou por um momento e depois olhou para mim.

— Posso tratar—te por tio?

— Claro — disse eu.

— Tens um nome engraçado — disse ela. — Jed. Nenhum dos rapazes lá da escola tem esse nome. É mesmo o teu nome verdadeiro?

— Jed é uma abreviatura — disse eu. O nome completo é, realmente, Jedediah.

— Isso parece um nome da Bíblia — disse ela. — O padre da catequese falava—nos sempre de nomes desses quando fazia leituras do Antigo Testamento.

Alma interrompeu a conversa.

— Angela está numa escola em Inglaterra — disse. — Há muitas coisas nos americanos que a deixam confundida.

Mas a rapariga era teimosa.

— Eu vi retratos do meu papá. Tinha cabelos escuros como os teus — disse ela, olhando para a mãe. — O tio Jed é mais parecido comigo que vocês. — Ficou calada por um momento e depois voltou —se para mim. — Alguma vez foste para a cama com a mamã?

Nenhum de nós conseguiu encontrar resposta. A voz dela era doce e inocente. Voltou a olhar para mim.

— Já houve vezes em que ela foi para a cama até com o avô.

Lancei um olhar para o tio Rocco. Estava muito corado. Eu ri—me e peguei na mão da miúda.

— Vamos esquecer essas tolices e vamos jantar.

O jantar foi perfeito. A miúda comeu hamburguers McDonalds e nós comemos spaghetini alpomodoro al dente e bifes mal passados com pimenta verde e cebolas.

3.

O tio Rocco olhou para mim enigmaticamente enquanto subia a escada depois de jantar, em direcção à sala de estar. Alma tinha ido deitar a miúda.

— Que achas da criança? — perguntou, desajeitadamente.

— É bonita — disse eu. — E esperta.

— É uma Di Stefano — disse ele.

— Disso tenho a certeza — respondi.

— Dei—lhe um fundo de um milhão de dólares — disse o tio Rocco.

Sorri—lhe.

— É justo. No fim de contas, é sua neta.

— Talvez — respondeu ele. — Mas isso não importa. É uma Di Stefano. E sei que Angelo teria gostado disso.

Observou—me de novo enquanto chegávamos ao andar de cima. O meu olhar deu com o dele.

— Tio Rocco — disse eu — , fez o que estava certo. Angelo merecia isso.

— Não fiquei com nada dele — disse pesadamente. Segurei—lhe na mão, delicadamente.

— Agora já tem alguma coisa — disse eu, baixinho. Segui—o até à sala e sentámo—nos a uma mesa de jogo

quadrada com tampo de vidro. Ao lado da cadeira dele havia uma arca de madeira com três gavetas pintadas à mão. Tirou uma chave do bolso e abriu a gaveta de cima. Cuidadosamente, tirou uma caixa envernizada, preta. Colocou—a em cima da mesa e abriu—a.

— Que é isso? — perguntei.

— Só um momento — disse ele. Rapidamente, tirou uma série de sacos de plástico. Espalhou—os à minha frente. — Este é o maior negócio dos Estados Unidos. Muito maior que a GM e o American Express juntos.

Mais de três bilhões de dólares a retalho.

Observei—o em silêncio.

Bateu levemente em cada um dos sacos e um pouco de pó saiu deles. Apontou para o primeiro pó. Era castanho—claro.

— Isto é heroína do sudoeste asiático. O seguinte era branco—puro.

— Este é heroína afegã—paquistanesa.

Depois, uma substância cristalina azul—esbranquiçada:

— Cocaína sul—americana.

O saco seguinte tinha uma pequena quantidade de marijuana.

— Isto vem da Colômbia e do México.

O último saco que abriu continha pílulas de várias cores e tabletes que espalhou por cima da mesa.

— Isto é novo — disse ele. — Chamamos—lhes drogas especiais.

— Certo — disse eu. — E que tem isso a ver comigo?

— Tudo isto é processado na Sicília. As famílias costumavam controlar as ruas, mas agora estão perturbadas porque há muitos pequenos dealers que trazem o seu próprio produto e o vendem nas ruas por muito menos do que as famílias.

— Como aconteceu isso? — perguntei eu.

— Os homens tornaram—se gananciosos. O acordo entre as famílias dissipou—se e veio uma guerra. Muitos morreram e o governo tirou partido da situação e avançou. Agora, a vida é muito diferente para as famílias.

— Está reformado, tio Rocco — disse eu. — Não tem nada a ver com isso.

Ele olhou para mim.

— Pensei isso. Mas agora eles têm outras ideias. Olhei—o sem dizer palavra.

— Há muitos anos — disse ele — , depois da guerra, Luciano arranjou as coisas de forma a que houvesse uma comissão. Não se podia fazer nada sem a concordância da comissão. Não se podiam invadir territórios, não se podiam tomar negócios, e, acima de tudo, não se podiam matar capos ou chefes das famílias a não ser que a comissão concordasse com isso. — Respirou fundo. — Durante anos, tudo andou calmo, todos prosperámos e estivemos bem. E de repente tudo caiu.

— Porquê? — perguntei.

— Luciano morreu. Costello tornou-se o juiz, mas ele não era Lucky; era bom, mas não conseguiu agarrar as pontas. Jogo, sindicatos, câmbio de rua, serviços de protecção de pequenos negócios... com isso podia ele. Mas depois havia as drogas. Isso era um negócio novo. Mais dinheiro do que alguma vez alguém pudera imaginar. E todos se tornaram gananciosos e atiraram-se uns aos outros como animais.

Calou-se.

— Que querem eles de si, tio Rocco? — perguntei. O meu tio ficou calado.

— A comissão siciliana sabe que eu sou um homem de honra. E os americanos também. Concordaram todos que eu devo ser o director da comissão. Dizem que eu seria o capo di tutti capi, e que o que quer que eu dissesse seria lei.

— Jesus! — disse eu. — Que dinheiro ganharia com isso?

— Mais milhões do que alguma vez poderás imaginar — respondeu ele. — Mas isso não importa. Não o quero. Já te disse que quero morrer na minha cama. Se aceitar isto, estarei morto daqui a um ano. Na rua. Como Castellano, Bonanno, Galante.

— Que posso eu fazer para o ajudar, tio? — perguntei.

— Fala tu com eles — disse ele, calmamente. — Diz-lhes que sou um velho. Que tenho problemas na cabeça. Que me esqueço das coisas. Que não sou capaz de lidar com complicações dessa responsabilidade. Diz-lhes que estou pronto é para ir para um lar de terceira idade.

— E eles vão acreditar em mim? — perguntei, incrédulo.

— Talvez — disse ele, encolhendo os ombros.

— Mas eles nem sequer me conhecem — disse eu.

— Eles sabem — disse ele, confiante. — Conheceram o teu pai. Sabem que era honesto e honrado. E sabem que és filho do teu pai.

— Oh, meu Deus — disse eu. — E quando é que devo fazer isso?

— Hás-de arranjar tempo — disse ele, cheio de facilidade. — Assim que arranjares as coisas na companhia filmográfica.

— Não sei quando acabarei de pôr as coisas em ordem. Os filhos de Jarvis nem sequer aceitam a minha oferta pela parte deles.

O tio Rocco sorriu.

— Havemos de conseguir as acções deles — disse, confiante. — Foi o meu dinheiro que eles usaram para as comprar. O dinheiro veio do meu banco canadiano. O banco pediu—lhes que devolvessem o dinheiro. São quatrocentos milhões, mais os juros, e a Jarvis Corporation não os tem. Concordaram entregar as acções ao banco em troca do cancelamento do empréstimo, sem penalizações.

A voz de Alma veio de detrás de nós. Eu não a ouvira entrar na sala.

— Também desisti do meu processo contra o património de Jarvis. Eles insistiram nisso. O tio Rocco olhou para ela.

— Ainda há—de receber três milhões do património dele. E, se tudo isto resultar, recibes uma boa comissão.

— Quero cinco milhões de dólares — disse ela. Ele riu—se.

— Não passas de uma putana peruana. Ela riu—se com ele.

— E também sou a mãe da tua neta. Voltei—me para o meu tio.

— Vocês estão a divertir—se os dois — disse. — Mas eu sou o único que sai lixado deste negócio, até agora. Entrei com oitenta e cinco milhões em dinheiro limpo e comprometi — me com mais quatrocentos milhões; até agora, ainda não vi um tostão de volta.

O tio Rocco fitou—me nos olhos.

— Se estás preocupado, dou—te o dinheiro amanhã logo de manhã.

— Tio Rocco — disse eu, abanando a cabeça — , sabe muito bem que não estarei aqui amanhã de manhã. Tenho de sair às cinco da manhã para estar de volta às oito horas, para as reuniões.

— Então mando—te o dinheiro quando regressares a Los Angeles — disse ele.

— Claro — disse eu. Sabia muito bem que ele não me mandaria o dinheiro no dia seguinte. Não era o estilo dele.

— Sou um homem de honra — disse ele. Quando quiseste dinheiro para começares o teu negócio, eu dei—to. Este também o há—de receber.

— Que se lixe! — disse eu. — Estou—me cagando para receber o dinheiro ou não. Afinal de contas, é uma questão de família.

Ele fez que sim com a cabeça.

— Família. Só isso é que interessa — olhou para o relógio. — São dez horas — disse. — Podemos ver as notícias na estação de Filadélfia.

Voltou—se na cadeira e carregou num botão do controlo remoto. A enorme televisão acendeu—se. A voz do locutor não conseguia disfarçar o seu entusiasmo.

— Menos de vinte minutos antes de entrarmos no ar, esta noite, soubemos que um dos senhores dos gangues de Filadélfia foi morto ao sair da sua limusina, quando ia jantar ao seu restaurante favorito.

A imagem passou do rosto do locutor para o do morto. O locutor continuou a falar em off, mas o tio Rocco já não estava interessado. Desligou o aparelho.

Olhei para ele. Ele sabia que eu reconhecera o homem. Estivera no escritório do tio umas horas antes, nesse dia.

— Que aconteceu? — perguntei. O meu tio encolheu os ombros.

— Eu disse — te que ele era um monte de merda. Ningué gostava dele. Mais tarde ou mais cedo, alguém havia de lhe limpar o sebo.

Fiquei calado por um momento.

— E este é que é o mundo que eles querem que o tio controle?

— Eu disse — te que não consigo dar conta do recado — disse ele. — Por isso é que quero sair.

Levantei—me da minha cadeira.

— É melhor ir—me deitar — disse eu. — Tenho de acordar cedo amanhã.

Alma sorriu para mim.

— Pensei que íamos ter tempo para conversar um pouco.

— E teremos — disse eu. — Mas amanhã tenho de me encontrar com o senador Beaufort para falar do pedido de cidadania.

Inclinei—me e beijei o tio Rocco no rosto. Os dedos dele passaram—me ao de leve pela cara.

— Dorme bem — disse ele. — Gosto muito de ti.

— Também gosto muito de si — disse—lhe eu. E sei que ele acreditou.

Beijei o rosto de Alma, também.

— Boa noite, querida — disse. — E a tua filha é muito bonita.

— Obrigada — disse ela.

E deixei—os na sala, dirigindo—me ao andar de baixo, onde ficavam os quartos de hóspedes.

Havia quatro quartos de hóspedes, e o meu era o último ao fundo do corredor. De certa forma, era o melhor de todos: era grande e ficava a um canto. Tinha janelas de um dos lados que davam para um longo terraço que se estendia ao longo de todo o edifício, passando por todos os outros quartos. Estendi—me na cama, sem mais nada a não ser as cuecas, e desliguei a luz. Praguejei em silêncio. Apesar das cortinas, continuava a entrar luz. Havia demasiada luz, era tudo demasiado ao estilo de Las Vegas, lá fora, na longa avenida. Virei—me de lado, para a parede, e voltei as costas às janelas. Pouco depois, adormeci.

Não sei há quanto tempo estava já a dormir, mas de repente senti uma corrente de ar frio e percebi que vinha luz das cortinas. Virei — me subitamente para as janelas. As cortinas já se tinham fechado de novo.

Chegou—me a voz de Alma.

— Estás acordado?

— Agora estou — disse eu.

— Deixa—me entrar para debaixo dos cobertores — disse ela. — Estou gelada.

— Estúpida — disse eu. — Por que não vieste pela porta?

— Um dos guardas do teu tio está sentado no hall — disse ela. — Anda lá, deixa—me entrar, estou a morrer de frio.

Cheguei—me para o lado, ela entrou na cama e puxou os cobertores para cima. Pegou—me na mão.

— Vê só. Estou mesmo gelada.

Guiou—me a mão por cima do peito. Estava realmente gelada. Depois pôs—me a mão em cima do estômago, e depois no púbis.

— Mas a minha ratinha está quente. Está sempre a ferver.

— Fixe — disse eu. — E que mais há de novo?

— Estás com tesão? — perguntou ela.

— Não — disse eu.

— Posso tratar disso — insistiu ela.

— Espera aí — disse eu. — Para que vieste aqui?

— Queria que soubesses... — disse ela. — A Ângela é nossa filha, não do teu primo.

— Grande coisa — disse eu. — Tenho a certeza de que o tio Rocco já percebeu isso.

— Estou—me nas tintas para o que o teu tio Rocco pense — disse ela, em voz baixa, mas irritada. — Não sentes nada pela tua própria filha?

Eu olhei para ela.

— Não é minha filha — disse eu secamente. — Fizeste um bom negócio com o tio Rocco. Queres agora estragar tudo?

A mão dela acertou—me em cheio na cara.

— Meu grande filho da puta! — atirou—me.

Abanei a cabeça, depois acendi a luz da mesa—de—cabeceira e sorri—lhe.

— Estou desapontado. Pensei que só tinhas vindo aqui para eu te dar uma daquelas boas velhas fodas...

— Fode — te tu sozinho! — respondeu ela, irada; e começou a bater—me de novo.

Mas desta vez agarrei—lhe o braço a tempo. Tentou bater—me com a outra mão. Começava a exagerar. Eu também tinha o meu feitio. Dei—lhe uma cotovelada no queixo. Ela caiu para fora da cama, de cara no chão, com as pernas e as nádegas nuas fora do robe.

Fiquei de pé, enquanto ela olhava para mim.

— Estás com tesão — disse, afogueada.

— Tenho de ir mijar — disse eu.

Um leve sorriso começou a aflorar—lhe os lábios.

— Mija em cima de mim — disse ela.

— És doida — respondi. — Volta para o teu quarto.

Ela virou—se de repente. Puxando—me as cuecas para baixo, apalpou—me os testículos.

— Tens os tomates cheinhos de sumo.

— Põe—te a andar — disse eu, irritado — , ou vou—te ao cu. Ela encostou—se a uma cadeira e pôs—se de joelhos, de rabo no ar, na posição de uma cadela. Rapidamente, molhou os dedos na vagina e humedeceu o anus.

— Faz isso — disse. — Adoro que me façam isso. Hesitei por um momento. E então ela agarrou-me na verga e empurrou-a para dentro dela. Agarrei-a pelas nádegas para a puxar para mim.

De repente, ouviu-se um ruído e a porta do quarto abriu-se. Angela estava à porta, do outro lado do quarto.

— A minha mãe está aí? — perguntou, numa voz suave.

4.

Alma rolou rapidamente da cadeira para o chão, e quando se pôs de pé o robe tapou—a completamente. Eu continuava com meia tesão, e por isso voltei as costas à miúda e procurei as calças. Alma falou irritadamente para a filha: — Eu disse—te para nunca me seguires!

— Não te segui, mamã — disse Angela calmamente. — Só te queria dizer que o guarda que está no corredor está morto.

— Andaste outra vez a ver televisão! — retorquiu Alma. A rapariga continuou calma. Abriu a porta devagar.

— Olha — disse.

E tinha razão. Não era televisão. O guarda continuava sentado na sua cadeira, com um ar de surpresa estampado no rosto e um evidente buraco de bala na testa, a arma caída no chão, abaixo da mão que lhe caía ao longo do corpo.

— E que mais viste? — sussurrei eu para Angela, atravessando rapidamente o quarto e puxando—a para dentro.

— Espreitei da minha porta. Havia dois homens. Correram lá para cima, para o quarto do avô — respondeu ela.

— Leva—a para a minha casa de banho e tranca a porta — disse eu a Alma.

— Que vais fazer? — perguntou ela.

— Primeiro, vou apanhar a arma do guarda. Depois penso em qualquer coisa. Vocês vão para a casa de banho. Já!

Vi—as irem para a casa de banho e ouvi o fecho a correr. Depois fui até à porta do meu quarto e espreitei para o corredor. Ninguém, a não ser o guarda morto. Fiquei em silêncio, à escuta de qualquer ruído. Não ouvi nada. Rapidamente, corri até ao guarda morto, apanhei a arma dele, regressei ao meu quarto e fechei a porta atrás de mim.

Verifiquei a arma. Era uma Beretta 380 automática com um carregador de onze munições. O carregador estava cheio — nem uma munição chegara a ser usada. Introduzi o carregador e pus a arma em posição de fogo. Depois olhei para o telefone ao lado da

cama. Havia seis botões de intercomunicação. Um dizia «Quarto de Mr. Di Stefano». Levantei o auscultador e carreguei no botão.

Houve três toques lentos, e quando o meu coração começava a bater mais depressa, a voz do tio Rocco respondeu:

— Que raio queres tu? — perguntou bruscamente.

— Está bem? — perguntei.

— Estou óptimo — respondeu irritado. — Mas que raio queres tu?

— Quero que saiba que o guarda daqui de baixo foi morto — disse eu. — E dois pistoleiros subiram as escadas.

— Não ouvi nada — disse ele. — Decerto teria ouvido tiros dos meus guardas aqui de cima.

— Talvez os tenham limpo também — disse eu. — Eu não ouvi nada no corredor quando mataram o guarda. Devem ter usado silenciadores.

— Merda — disse o tio Rocco. — Já ninguém faz jogo limpo.

— Hã—de estar a aparecer no seu quarto, atrás de si. — Não têm hipótese — disse ele. — Não conseguem entrar.

O meu quarto está vedado. Porta chapeada a aço, painéis de aço também nas paredes. E todas as janelas têm vidro antibala, do que o presidente usa.

— E se eles tiverem explosivos para rebentar com a porta? — perguntei eu.

— Isso já seria embaraçoso — disse o tio Rocco calmamente. — Mas para eles, não para mim. Assim que entrassem a porta, tenho duas Uzis e uma caçadeira de canos serrados apontadas directamente para lá.

— No Vietname, costumavam atirar gás antes de entrar... não se consegue ver nada nem apontar quando se está no meio do fumo e a sufocar.

— Onde está aputana e a minha neta? — perguntou ele. — Estão a salvo — respondi eu. — Fecharam—se na minha casa de banho.

— Isso não servirá de nada se esses merdas forem atrás de ti — disse ele. — Põe—as na escada de incêndio e manda—as para o piso de baixo. Os homens da segurança tomarão conta delas.

— Então e o tio? — perguntei.

— Põe— as na escada; depois, se queres armar— te em herói, vem ter comigo.

— Não esteja com sarcasmos. Prometi ajudá—lo a morrer na cama, e não com balas. Como vou ter consigo?

— Há uma escada exterior entre o terraço do teu andar e o meu. Vai dar às janelas do meu gabinete.. Tens uma arma?

— Apanhei a do guarda — respondi.

— Então é uma Beretta Special — disse ele. — Sabes usá—la?

— Claro — respondi.

— Certo — respondeu ele, calmamente. — Então sobe e trata da saúde aos filhos da mãe pelas costas. Não dês nenhum aviso, ou eles abafam—te.

— Percebi — disse eu.

— Agora veste uma camisola e põe—te no terraço, está um frio de gelo lá fora e não quero que apanhes uma constipação.

— Tenho uma camisola vestida — disse eu.

— Óptimo — respondeu ele. — Agora vê as horas. Entra no meu terraço daqui a exactamente sete minutos e começa a disparar. Nesse mesmo momento, eu sairei da minha porta com a caçadeira. Se não fores tu a apanhá—los, serei eu.

— Quero que fique aí no seu quarto — disse eu.

— Não sejas parvo. Isto é uma questão de família.

O telefone desligou—se. Bati na porta da casa de banho.

— Saíam — disse.

Alma abriu a porta. Estava a agarrar a miúda junto de si.

— Que se passa?

— Rocco disse para vos pôr a andar daqui. — Vesti a minha camisola. — Venham!

Levei dois minutos a encontrar a escada. Abri a porta.

— Desçam para o andar de baixo. Rocco disse que os homens da segurança lá de baixo tomarão conta de vocês.

— E tu? — perguntou Alma.

— Eu e o tio Rocco temos um plano. Põe — te a mexer. Angela olhou para mim.

— Tio Jed — disse ela. — És um verdadeiro herói. Ri—me.

— Põe—te a mexer, querida.

Tinham passado dois minutos e meio quando cheguei às portas do terraço.

Abri— as, e o vento gélido do oceano quase me cortou a respiração. O meu peito doía— me quando corri pelos degraus cobertos de gelo. As mãos pareciam gelar ao tocar no corrimão metálico. Não sei como lá cheguei, mas o meu relógio marcava seis minutos e meio quando me acocorei junto às portas do terraço superior.

«Raios», praguejei para mim mesmo. O tio Rocco disse sete minutos. Tinha trinta segundos para esperar. Trinta segundos de frio gelado. A Beretta tornou— se gelo puro na minha mão. Rezei a Deus para que fosse capaz de mexer os dedos e disparar aquela maldita coisa. Quinze segundos mais tarde, ergui— me. Como o tio Rocco predissera, consegui ver os dois homens lá dentro. Encostei— me devagar à porta do terraço e rodei o puxador, mas este estava gelado e não abria. Tentei empurrar a porta. Continuou a não se mexer..

Nessa altura, os dois filhos da mãe já tinham as armas apontadas para mim. Não sabia que preces me serviriam melhor: as da minha mãe, a Adonái, ou as do meu pai, a Maria, mãe de Deus. Vi os clarões azulados das armas, mas não ouvi qualquer som. Talvez já estivesse morto. Mas depois ouvi o ténue pingue das balas a bater no vidro da porta. Não me tocaram.

Então, por detrás deles, vi o tio Rocco sair da porta do seu quarto, de caçadeira apontada. O som dos dois disparos foi audível até através das portas. O tio Rocco apanhou os dois homens pelas costas quando se viraram para disparar contra mim através da porta. Nunca chegaram a saber o que os atingiu. Caíram de borco, e o tio Rocco passou cuidadosamente por cima deles. Trazia uma chave enorme na mão e então abriu a porta do terraço.

— Entra — disse. — Está um frio dos diabos aí fora.

— Sacana! — disse— lhe eu, com os dentes a bater. — Podia ter— me matado.

— Impossível — disse ele. — Eu disse— te que era vidro à prova de balas.

— E uma pneumonia? — perguntei, ainda a tremer de frio.

— Espera aí — respondeu. — Tenho aqui a melhor grappa italiana. Um golo disto e ficas como novo.

Foi até ao bar e serviu—me uma dose, e depois tirou uma para ele próprio.

— Salute! — disse.

— Salute! — respondi. A aguardente queimou—me a garganta. Voltei—me e olhei para os dois homens caídos no chão; depois, olhei para o quarto.

— Onde estão os seus guarda—costas? — perguntei. — Não os vejo em lado nenhum.

O tio Rocco apontou para os dois homens mortos.

— Ali estão eles.

— Não percebo — disse eu.

— Foram apanhados — disse ele. — O dinheiro é a fonte de todos os males e eles foram apanhados e destruídos.

Olhei para ele.

— E quem lhes pagou? Ele encolheu os ombros.

— Provavelmente, Nico. Mas suponho que ainda não soubessem que Nico já tinha batido as botas. Se soubessem, não teriam tentado, porque não teriam onde ir buscar o dinheiro.

— Foi o tio que mandou matar Nico? — perguntei.

— Não — respondeu ele. — Estou por cima dessas coisas.

— Os guarda—costas — disse eu. — Não faz sentido...

— Fez sentido — continuou ele. — Não precisavam de fazer isto esta noite. Poderiam matar—me de manhã, quando eu fosse tomar o pequeno—almoço. Sabiam que ninguém me poderia matar no meu quarto.

— Para que precisa de mim, afinal, tio Rocco? — perguntei. — Parece — me que se aguenta muito bem sozinho.

— Não concordo com isso. Se se continua neste ramo, mais tarde ou mais cedo é — se apanhado. Eu já não tenho estofos para esta excitação. Estou demasiado velho — Olhou—me. — És da família. Olha para o chão. Isto é vida que se tenha? Tens de me tirar disto.

Olhei—o.

— Vou tomar mais um copo disto...

Bebemos mais uma dose cada um. Finalmente, senti—me de novo quente.

— Como é que limpamos este cenário?

— Tenho ligações lá em baixo. Não haverá barulho. — Olhou para os dois homens mortos. — Só há uma coisa que me faz sentir mal. Aquele tapete oriental que está debaixo deles custou cento e cinquenta mil dólares. Era um de dois únicos em todo o mundo. E estes dois filhos da mãe deram cabo dele.

Uma coisa é certa quanto a grappa: Pode queimar as entranhas, mas também limpa as teias de aranha do cérebro. A mim, transformou—me a cabeça num computador com 640 K. Sentei—me no banco do bar e observei o tio Rocco a falar ao telefone. À nossa volta andavam homens a limpar a sala, a arrumar tudo, a pôr as coisas de novo como estavam.

O tio Rocco estava a falar italiano. Eu não falava italiano lá muito bem, mas o meu computador mental permitia—me saber exactamente o que ele estava a dizer. Dizia a quem quer que estivesse do outro lado da linha que eram uns idiotas, e que nenhum deles sabia cumprir as regras. E se não sabiam cumprir as regras acabariam todos na merda. Depois sorriu e disse ciao; desligou o telefone.

— Alma e a miúda vêm aí — disse—me.

— Óptimo. Tenho de dormir um bocado. Tenho de apanhar um transbordo para Nova Iorque para apanhar lá o avião para Los Angeles.

— Não vais — disse ele firmemente. — Temos uma reunião mais importante amanhã.

— Combinei estar amanhã no escritório para firmar um contrato com a Aerospatiale — disse eu. — Tenho um depósito de meio bilião na mão deles e, se não assinar o contrato, posso dar cabo de tudo.

— Não dás cabo de coisa nenhuma — disse ele, confiante. — Mas se não fores a esta reunião amanhã é que dás mesmo cabo de tudo.

O computador deu um clique.

— Tio Rocco — disse eu — , pensei que me queria aqui para um assunto de família, mas não era bem isso, pois não? Silenciosamente, ele deitou mais grappa nos copos.

— Bebe — disse.

— É o meu tio — disse eu irritado. — Vim aqui acima esta noite disposto a morrer por si, se fosse preciso. Mas o tio não está a ser honesto comigo. Está a brincar aos padrinhos.

— Já não há padrinhos — disse ele calmamente. — Somos todos apenas homens de negócios.

— Qual é o negócio, então? — perguntei, sarcasticamente. — A morte?

— Não fui eu que a procurei — respondeu ele. — Estes homens eram crianças a brincar com o fogo. Viam muitos filmes.

Fitei—o por um momento.

— Não percebo. Que tem a sua reunião de amanhã a ver com o meu acordo com a Aerospatale?

— A reunião é com europeus — disse ele. — Têm mais influência na Aerospatale do que tu, que és americano. E o teu maior competidor é uma companhia holandesa que está a querer o mesmo negócio.

— Isso sei eu — respondi secamente. — Diga—me lá qualquer coisa que eu não saiba.

— A companhia holandesa compra a tua por três bilhões — respondeu ele. — Em dinheiro.

— Daqui a dois anos, o meu negócio valerá cinco bilhões.

— A palavra mágica desregulamentação fez duplicar o número de companhias aéreas de há três anos. Safaste — te bem porque elas precisavam de ti. Mas agora os preços do combustível, da mão—de—obra e da manutenção estão a começar a disparar — disse o tio Rocco, muito sério. — Setenta por cento das companhias aéreas estão subfinanciadas e crivadas de dívidas com juros altíssimos. As companhias andam todas a dar descontos nas passagens, como loucas, só para tentarem manter a cabeça fora de água. Bastará uma pequena recessão para que acabes com mais aviões devolvidos do que podes enfiar pelo cu acima.

— Isso não vai acontecer — disse eu. — O mercado continua a crescer e todas as previsões de negócios apontam uma subida.

— Já cá ando há muito tempo — disse ele em voz baixa. — E uma coisa pelo menos aprendi. A vida é uma montanha russa. Tudo o que

sobe, tem de descer.

— Mas mais tarde ou mais cedo tem de voltar a subir. A história ensinou—me isso.

— Certo — concordou ele. — Mas tem de se ter cuidado para não se ficar sem os tomates quando se vai em queda. — Bebeu mais um golo de grappa. — Se te derem três biliões pela companhia, com quanto ficas, limpos?

Percorri os números mentalmente.

— Entre seiscentos e seiscentos e cinquenta milhões, deduzindo os impostos.

Um ar de maior respeito apareceu—lhe no rosto.

— Então és rico.

— Não entro na sua classe, tio Rocco.

— Mas safaste—te melhor — disse ele, pesadamente. — Nunca tiveste de chafurdar na merda desde os quinze anos, nunca tiveste de passar maus bocados durante onze anos, nem de matar para ganhar respeito da sociedade ou para salvares a tua própria vida. E nunca tiveste os rostos dos mortos impressos nas pálpebras quando vais para a cama.

Pus—lhe uma mão no braço.

— Isso foi tudo há muitos anos, tio Rocco. Outros tempos, outro mundo.

— Mas continuo vivo — disse ele baixinho. — E para mim continua a ser o mesmo mundo. É por isso que quero sair dele.

Era a minha vez de encher os copos.

— Salute! — disse eu.

Bebemos as nossas bebidas. A porta abriu—se e quatro homens de fato—de—macaco trouxeram um novo tapete e colocaram—no no sítio do outro.

Olhei para o tapete e depois para o tio Rocco.

— Pensei que me tinha dito que só havia dois tapetes destes no mundo.

Ele sorriu e meneou a cabeça.

— É verdade. Mas eu não ia correr o risco de ficar sem nada no caso de acontecer alguma coisa ao meu tapete. Por isso comprei os dois.

— Que vai fazer com o outro?

— Vou mandá—lo para o Paquistão. Foi feito há mais de duzentos anos, mas os paquistaneses são os únicos que ainda são capazes de os limpar e reparar.

Desci do banco. Sentia as pernas um pouco fracas.

— Vou—me deitar — disse.

Alma apareceu de novo, agora completamente vestida.

5.

— Está bem? — perguntou. Ele fez que sim com a cabeça.

— Está tudo bem.

Ela virou—se para mim.

— Angela já está a dormir.

— Ainda bem — respondi.

— Adora—te — disse ela. — Acha que és um herói. Ri — me.

— É uma criança. Quando crescer achará que sou estúpido. Foi a vez de o tio Rocco interromper.

— És um herói, de facto. Vieste salvar — me a vida.

— Fui estúpido, isso sim. Não precisava da minha ajuda. — Começava a doer—me a cabeça. — É melhor ir—me deitar, estou a ficar tonto.

— Eu ajudo—te a descer — disse Alma prontamente.

— Não, obrigado. Cá me arranjo. Ela virou—se para o tio Rocco.

— Disse—lhe que eu ia a Los Angeles? Olhei para o tio Rocco.

— Não me disse nada. Ele estendeu as mãos.

— Esqueci—me.

— Ora, merda! — disse eu. Depois saí da sala e quase caí pelas escadas abaixo. Os três seguranças que estavam no corredor ajudaram—me a ir para a cama. O tecto pareceu andar à roda e adormeci. Grappa. Nem queria acreditar. Só acordei ao meio—dia do dia seguinte.

O tio Rocco estava sentado na borda da minha cama quando abri os olhos.

— Como te sentes? — perguntou.

A luz magoava—me os olhos. A cabeça parecia que podia explodir a qualquer momento. Sentia a boca como se estivesse cheia de algodão.

— Horrivelmente — respondi.

Ele esticou—se para a mesa—de—cabeceira e pegou num copo vazio e num jarro cheio de uma mistura encarniçada e de cubos de gelo. Encheu o copo e deu—mo.

— Bebe. Depois sentes—te melhor.

Levei o copo à boca. Um cheiro horrível chegou—me às narinas.

— Que diabo é isto? — perguntei.

— Bloody Mary e Fernet Branca — disse ele. — Engole. Bebi a mistura rapidamente. Comecei a sentir náuseas.

— Sabe a merda — disse. Rapidamente, ele voltou a encher—me o copo.

— Bebe — ordenou—me.

Automaticamente, fiz o que ele me dizia. De repente, pude voltar a respirar, a visão tornou—se límpida e a dor de cabeça desapareceu.

— Jesus! — disse eu. — Quem lhe deu esta fórmula?

Ele riu—se.

— Era o medicamento anti—grappa da minha mãe.

— Resulta... Vou tomar um duche e vestir—me. A que horas disse que tínhamos a tal reunião?

— Já fui à reunião. Não te consegui acordar — disse ele.

— Então, que raio aconteceu?

— Está tudo bem — sorriu. — Disse—lhes que tu tratarias de tudo.

— Trataria de quê?

— De lhes entregar a companhia — respondeu ele.

Pensei por um momento.

— E que acontece se eu decidir agarrar—me à companhia?

— Isso era o que Jarvis queria fazer — respondeu ele.

— Então não tenho escolha — disse eu.

— Nem eu — disse o tio Rocco. — Sou o patrone. Seremos ambos mortos.

6.

Entrei com o Blazer na garagem do meu escritório e parei em frente ao cubículo do guarda. Ele saiu e sorriu — me.

— Bom dia, Mr. Stevens.

— Bom dia, John — repliquei. Ele olhou para mim.

— Miss Latimer está à sua espera no átrio, junto ao elevador.

— Obrigado, John — disse eu, e atravessei o corredor do elevador.

Abri a porta. Ela estava sozinha na pequena sala. Enterrou o cigarro na caixa de areia que tinha ao lado.

— Que se passa? — perguntei. Nunca a vira fumar durante o dia.

— Não me disseste que aquela puta vinha à reunião — disse ela irritada.

— Disse—te que viria toda a gente. Ela é uma das principais — disse eu. — Não podia deixá—la de fora.

— Não confio nela.

— Tens ciúmes — respondi. — Esquece isso. São apenas negócios. Amanhã já não a vês.

— Talvez não. E tu?

— Não sejas tonta. Eu também não a verei.

— Estou mesmo com ciúmes — admitiu ela. — Ela é realmente especial.

— É um estilo já muito gasto — disse eu, a rir. Ela olhou para mim.

— Estás a falar a sério?

— Tu és de um estilo completamente actual — disse eu, beijando — a. — És a minha miúda.

— Desculpa. Fiquei irritada. Dirigi—me para o elevador.

— Está toda a gente lá em cima?

— Estão lá todos — disse ela. — E chegaram cedo. Sheperd e o advogado, Gitlin; McManus, do Bank of America; Peachtree e o assistente, Schifrin; a putéfia e o banqueiro canadiano dela; a equipa da D. B. & L.; Siddely; o advogado que representa a Millenium; e

depois Jim Handley, da nossa casa, com o contabilista, Dave Blitz. Achei que devia inscrever—me como secretária.

Sorri—lhe enquanto o elevador subia.

— Cabra — disse. — Já devia saber que havias de arranjar uma maneira de estares na reunião.

— Não sou doida. Não te ia deixar sozinho naquela sala com aquela tipa.

Pude ver a curiosidade estampada nas caras de todos quando entrei para a reunião. Fiquei à cabeceira da mesa, com Kim sentada ao meu lado, com o gravador e a máquina de estenografar à sua frente.

— Bom dia, Mrs. Jarvis, meus senhores. Primeiro, quero agradecer—lhes por terem vindo a esta reunião convocada tão em cima da hora. Como sabem, nos últimos meses tenho andado a estudar os problemas e os métodos da Millenium Films Corp. e acho que chegou finalmente o momento de encararmos a verdade. A companhia está atascada até ao pescoço e o rendimento não chega para suportar as despesas de funcionamento por duas semanas sequer. Dadas as circunstâncias, nem sequer o Capítulo Onze nos pode ajudar. Não temos inventário, nem bens, de que possamos viver até pormos as coisas em ordem. Tudo o que podemos encarar é uma protecção sob um plano de reorganização ou um leilão público; nenhuma dessas hipóteses nos servirá de muito. Perderemos tudo, de qualquer das maneiras.

Ficaram todos calados por um momento. Depois o juiz Gitlin falou calmamente. Foi direito ao cerne da questão.

— Se a companhia der o berro — disse ele — , só haverá dois verdadeiros perdedores: Mr. Sheperd e Mr. Jarvis. Cada um deles tem lá quatrocentos milhões de dólares enterrados.

— É verdade — disse eu. — Mas Sheperd deve—me oitenta e cinco milhões. Não vejo como ele me possa pagar, portanto também fico a perder.

— Você disse — lhe que o apoiaria — respondeu o juiz calmamente. — Você sabia que estaria na calha para os outros quatrocentos milhões.

— Isso não ficou escrito — disse eu. — E vocês nunca me disseram até que ponto a companhia estava na merda.

— Vamos processá-lo — disse o velho.

— Eu tenho uma promissória de oitenta e cinco milhões de dólares assinada por Sheperd. Tenho melhores argumentos para um processo do que vocês.

— Você é um reles vigarista — disse o juiz, prazenteiro.

— C'est la vie — respondi. — A vida anda sempre para a frente.

Mr. Kinnard, o banqueiro canadiano de Alma, olhou para mim.

— Em que é que nós entramos nisto? — perguntou.

— Não sei — disse eu. — Este empréstimo foi feito ao falecido Mr. Jarvis. Soube que as acções dele foram dadas à companhia como colaterais.

— Mas se você me diz que a companhia não vale nada...

— A única coisa que lhe posso dar é a minha solidariedade — disse eu.

— Jed, és um bom filho da puta! — atirou-me Alma. — Pensei que podia confiar em ti — começou a soluçar.

— Pessoalmente, podes — disse eu. — Mas aqui estamos a tratar de negócios, não é nada de pessoal, Alma.

Não pude deixar de a admirar. Estava a fazer um dos maiores papéis da sua vida. Uma mulher desprezada; e não uma conspiradora desde o início. Interroguei-me se ela não teria usado algumas dessas artimanhas na luta pela herança de Jarvis.

— Espere aí — disse Sheperd, olhando-me atentamente.

— Você não nos convocou para esta reunião só para nos dizer que a companhia está falida. Todos nós sabemos isso. Tem mais alguma coisa na ideia.

Sorri-lhe.

— E tem razão, Brad.

— Quer controlar a companhia — disse ele.

— Não, Brad — respondi. — Quero comprá-la.

— É mais doido do que eu fui.

— Talvez eu tenha sorte — disse eu. — Dou-lhe cinquenta por cento por cada dólar de juros.

— Não resultará — disse Brad. — O meu acordo com Jarvis era pagar cem por cento.

— Jarvis está morto. Talvez Mrs. Jarvis esteja de acordo. Alma olhou para mim, e depois para o banqueiro canadiano, Mr. Kinnard.

— Que acha?

— Cinquenta por cento é melhor que nada — disse Mr. Kinnard. Alma acenou—me com a cabeça.

— Negócio fechado.

— Ouviu o que ela disse... — disse eu para Bradley.

Ele perguntou ao juiz Gitlin o que achava. O juiz sorriu amargamente.

— Há algo de estranho neste negócio, mas parece—me que caímos num tanque de piranhas. Pega no dinheiro e foge.

Levantei—me da mesa.

— Obrigado, meus senhores. Vou então pedir aos advogados que façam os contratos tão depressa quanto possível. Já tenho o dinheiro numa conta separada, à vossa ordem.

Bradley olhou para mim, com a cara muito vermelha e muito irritado.

— Você fodeu—nos, não foi? Eu não disse nada.

— Pensei que tivesse vindo para nos ajudar — disse ele.

— E era para ser assim — disse eu. — Mas não sabia que você já estava a boiar em merda. Jarvis já lhe tinha enfiado um arpão bem grande. Se não fosse eu, você ficaria absolutamente sem nada. Agora pode regressar e pôr a sua própria casa em ordem.

Em silêncio, Bradley saiu da sala com o juiz Gitlin. Voltei para a mesa.

— Alma, tu e Mr. Kinnard comecem a tratar dos papéis. Alma anuiu.

— Vamos tratar disso.

— Obrigado — disse eu, enquanto eles saíam da sala. Peachtree e o assistente dele estavam a olhar para mim.

— Daniel — disse eu — , continuas a ser o presidente da companhia. Tenho fé nos teus conhecimentos e na tua habilidade, embora sejas um filho da puta. Vou transferir cem milhões de dólares para a conta corrente da companhia, e espero que mantendas

a produção em andamento de cruzeiro. Também nomeei Jim Handley como vice-presidente executivo e director financeiro da companhia. Peço a ambos que revistem a companhia toda e a limpem. Espero que vocês dois andem sempre a vigiar-se.

Peachtree olhou para mim.

— Obrigado, Jed. Mas, como sabes, eu ainda não tenho um contrato.

— Está bem, terás um contrato amanhã de manhã — disse-lhe eu. — Quanto queres?

Daniel encolheu os ombros.

— Ainda não pensei nisso.

— Então pensa — disse eu. — E depois discutiremos o assunto.

— Preciso de dez milhões de dólares para amanhã — disse ele. — Tenho uma oportunidade de distribuir o Star Island. Todos os estúdios andam a ver se o apanham, mas o produtor é um velho amante meu. Sabe que lhe daremos uma boa participação.

— Isso é o teu trabalho. Trata de o fazer.

— E quanto a Jim Handley? — perguntou ele.

— Jim encarregar-se-à das finanças; trabalharão juntos. — É razoável — disse ele, levantando-se da cadeira. — Tenho trabalho para fazer. Vou regressar ao estúdio.

Apertámos as mãos.

— Vai pela sombra — disse-lhe eu. Ele riu-se.

— Tu também — disse. E saiu da sala com o namorado. Recostei-me na cadeira e acendi um cigarro.

— Jesus! — disse. Sentia-me como se tivesse passado por um vulcão. Ainda estava à espera do dinheiro do tio Rocco.

Jim Handley inclinou-se para mim.

— Que fazemos agora?

— Pedimos emprestado — disse eu. Voltei-me para Ron Schraft, que liderava os três homens da D. B. & L.

— Podemos pôr no mercado um bilião de dólares de acções? Ron era jovem, mas era esperto, e estava muito próximo de quem mexia os cordelinhos.

— Nem pensar — respondeu. — Mike diz que esses números não resultam.

— Temos os bens — disse eu. — O imobiliário vale pelo menos quatro milhões e rende um milhão por ano. Basta um filme de sucesso e estaremos a nadar em dinheiro.

— A Millenium perdeu quase duzentos milhões de dólares nos últimos dois anos — disse Ron. — Não houve nenhum filme de sucesso. Aliás, Mike não tem fé nenhuma no negócio dos filmes.

— Acho que se engana — disse eu.

— Mas Mike gosta de ti e quer fazer negócio contigo. Se fundires a Millenium com a General Avionics, ele acha que poderás vender cinco biliões de acções a bom preço.

Fitei—o.

— Isso é conversa fiada. A General Avionics não precisa de dinheiro, não vou pô-la de corda ao pescoço pela companhia filmográfica.

Ron ficou calmo.

— Era só uma ideia — disse. — Mike só queria ajudar.

Levantei—me e estendi—lhe a mão.

— Agradece—lhe por mim — disse eu. — Não é dessa ajuda que precisamos.

Apertámos as mãos cortesmente e eles saíram da sala de reuniões.

— Filhos da puta — disse Jim Handley.

— Isto não quer dizer nada — disse eu. — Para Mike, é apenas um negócio.

Shermann Siddely virou—se para mim.

— Estive a falar com McManus e concordámos que o Bank of America não vai ajudar.

Ri—me.

— Onde é que já se viu um Banco que empresta dinheiro quando é preciso? McManus disse:

— Tens razão. Mas o Bank of America já desperdiçou quarenta milhões de dólares em filmes que não vingaram.

— Anda lá, Mac — disse eu. — O Bank of America está farto de desperdiçar milhões de dólares na indústria filmográfica. Quarenta milhões são uma gota no oceano. Aliás, a única razão por que vocês fizeram empréstimos à Millenium foi terem pensado que Sheperd transferiria as contas da companhia petrolífera para o vosso banco.

McManus sorriu.

— Espertinho!

— Por que não és bom rapaz e divides comigo o negócio do Star Island? Cinco milhões não é assim tanto.

— E que me dás em troca?

— Novos negócios com a General Avionics — respondi.

— Falas a sério?

— Mantenho sempre a minha palavra — disse eu. — E, além disso, garanto que te devolvo o dinheiro com os primeiros lucros do filme, se for bem sucedido.

McManus virou—se para Siddely.

— Que achas? Siddely anuiu.

— Peachtree sabe o que está a fazer. Jogo o meu dinheiro nele. Se Sheperd alguma vez tivesse tido homens tão bons na produção como aquele maricas não teria caído no buraco em que caiu.

— Vou falar com o meu escritório. Acho que temos negócio — disse McManus.

— Obrigado — respondi. — Todos os bocadinhos ajudam. Siddely virou—se para mim.

— Jarvis sabia o que estava a fazer. Já tinha topado Peachtree.

— É pena que não tenha sido esperto para sair do carro a tempo.

— Jarvis andava atrás da rapariga errada — disse Siddely.

— A tipa tinha um namorado de Las Vegas que era mafioso.

— Olhou para mim. — Não sabia que tinhas conhecido Mrs. Jarvis.

— Ela casou com um primo meu há muito tempo.

— Tentei entrar em contacto com ela — disse Siddely. — Mas ela nunca se dignou a falar comigo.

— Não sei de nada disso — disse eu. — Não sabia nada dela até ela me contactar por causa deste negócio.

— Isso foi um golpe de sorte — disse Siddely.

— Não foi mau — respondi. Siddely fitou—me.

— Jarvis tinha—me oferecido o lugar de vice—presidente e conselheiro—geral da Millenium.

Olhei—o nos olhos.

— Se continuas interessado, o lugar é teu. Ele hesitou, depois estendeu—me a mão.

— Vamos dar—nos bem. Eu sorri.

— Claro que vamos.

Finalmente, a reunião estava acabada e eu regressei ao meu gabinete. Fui ao pequeno bar do canto da sala e servi—me de um uísque com gelo.

Kim observou—me.

— Como te sentes?

— Cansado — respondi, emborcando meio copo de uma só vez.

— Liga—me para o tio Rocco.

— Para que queres falar com ele? — perguntou. Olhei para ela..

— Prometeu que me dava quinhentos milhões de dólares e ainda não vi um tostão.

7.

Estava sentado no meu gabinete quando regresssei do almoço. Levantou—se da cadeira e sorriu—me.

— Mr. Stevens!

Estendeu—me um cartão de visita. Li—o rapidamente. Era um cartão de tipo europeu, muito maior que um cartão americano.

LEONARDO DA VINCI

Director de Transacções Financeiras

Super—Sattel EuroSky Broadcast Corporation

canale 21 llechtenstein.

Fiquei baralhado.

— As minhas desculpas, Mr. Stevens — disse o homem. — Não quero ser intrometido, mas Mr. Di Stefano assegurou a sua secretária de que estaria tudo bem.

Silenciosamente, fui até à minha secretária e liguei para o tio Rocco.

— Parabéns — disse — me ele. — Soube que concluíste o negócio.

— Como é? Tem espões no meu gabinete? — atirei—lhe. Primeiro, já sabe do negócio no momento em que regresso do almoço, depois envia—me um emissário sem avisar. Pensei que tínhamos concordado que eu teria alguma privacidade na minha maneira de gerir o estúdio.

— É tudo família — disse ele. — Não há nada que se pareça com privacidade quando se está em família. Aliás, isto não tem nada a ver com privacidades. Leonardo só está aí para equilibrar as nossas finanças.

— Muito bem — disse eu. — Como?

— Descansa — disse o tio Rocco. — Deixa tudo com Leonardo.

O telefone foi desligado. Da Vinci era um homem alto, com cerca de um metro e oitenta, de ombros largos como um atleta, olhos

azuis, cabelo preto e uma barba bem aparada. Vestia um fato de seda preto, de corte italiano, com uma camisa branca e uma gravata preta. Estendeu a mão.

— Caso esteja intrigado — disse — , não tenho qualquer talento para as artes.

Ri—me também.

— Então porquê este nome?

— Parece—me que seria um nome bem mais interessante que Leonardo Davidson — respondeu. — Há qualquer coisa no nome Da Vinci que impressiona sempre as pessoas.

— A mim, impressionou—me — disse eu.

Ele tirou um sobrescrito do bolso de dentro do casaco e deu—mo. Abri—o e dei uma rápida vista de olhos pelas contas listadas no papel. Estavam lá os avanços que eu fizera a Sheperd e todos os novos compromissos que tinha assumido com a Millenium. O total chegava aos quinhentos e noventa e cinco milhões. Ele olhou para mim.

— Acha que os números estão certos?

Anuí.

— Sim. Mas não compreendo como os descobriu tão depressa. — Faz parte do nosso negócio — disse ele. — Agora, uma vez que concorda com as quantias, podemos acertar as contas.

— Óptimo — disse eu. — Então vou pedir a Jim Handley, o meu director financeiro, que venha ter connosco. Ele poderá ajudar—nos a canalizar o dinheiro para as contas certas.

— Excelente — disse ele.

— Já agora — perguntei — , os cheques que nos passar serão de bancos americanos ou estrangeiros?

— Os cheques já passaram de moda — disse ele. — Transferiremos o dinheiro directamente para as vossas contas.

Handley chegou ao meu gabinete no momento em que Da Vinci abria a sua volumosa pasta e a colocava na minha secretária. Rapidamente, abriu um computador portátil e ligou—o a uma antena parabólica de quinze centímetros, ambos alimentados por pilhas. Ligou a corrente e a luz espalhou—se pelo ecrã.

O ecrã manteve — se branco até que ele rodou a parabólica, e então apareceram as letras, em azul, que diziam: eurosly canall 21. Virou—se para mim.

— Estamos prontos para trabalhar.

Apresentei os dois homens. Handley estava cheio de curiosidade quanto ao que se estava a passar, mas era suficientemente esperto para não fazer perguntas. Rapidamente, disse — lhe o que se estava a passar. Handley virou—se para Da Vinci: — Isto não é ilegal?

Da Vinci abanou a cabeça.

— Não, se se notificar o banco com antecedência de que se vão fazer alguns depósitos por este processo. No fim de contas, os bancos fazem transferências e depósitos por este meio todos os dias.

— Que ligações tem Mr. Di Stefano com a Eurosly? E por que quer a Eurosly a Millenium? — perguntei.

— Tanto quanto eu sei — respondeu Da Vinci — , Mr. Di Stefano é um dos investidores da EuroSky. E a EuroSky é uma companhia nova, criada para o novo mercado da televisão internacional na Europa. Já colocou quatro satélites sobre a Europa ocidental e oriental, e compete directamente com as companhias inglesas de Rupert Murdoch e da Thames no mercado continental europeu. E a Millenium é uma das últimas companhias que têm mais de quinhentos filmes de relevo e muitos outros para distribuição imediata.

— É dinheiro limpo? — perguntou Handley.

— Sim — disse Da Vinci. — O dinheiro vem do Lloyd's de Londres e do Crédit Suisse de Genebra. — Fez uma pausa. — Para poder transferir o dinheiro para as vossas contas, agradecia que me dessem os números de conta de cada um dos Bancos para onde o querem transferido.

Olhei para Jim.

— Okay. Dá — lhe os números. Jim continuava desconfiado.

— Se lhe dermos os números de contas, não será possível vocês fazerem levantamentos sem nosso conhecimento?

Da Vinci sorriu.

— Não, se informarem os Bancos de que este método só deve ser usado para depósitos nas vossas contas.

— Certo — disse eu. — Vamos a isso.

Toda a transacção levou apenas cerca de quinze minutos. Depois, Da Vinci disse.

— Pronto, têm aí o vosso dinheiro. Jim olhou para ele.

— Como sabemos isso? Não temos nada que o confirme. Da Vinci riu—se.

— Telefone para os Bancos. Eles dir—lhe—ão.

— Muito bem — disse Jim.

Veio até à minha secretária e pegou no telefone. Foram precisos mais vinte minutos para ele verificar todos os depósitos. Pareceu impressionado quando todos os bancos confirmaram que o dinheiro já estava nas contas. Voltou—se para mim.

— Os primeiros oitenta e cinco milhões que avançaste a Sheperd é dinheiro teu, e autorizei que fossem depositados na conta de reserva.

— Muito bem — disse eu. Jim prosseguiu.

— Pagaremos então as quantias que acordámos na reunião. Listei os pagamentos a Jim.

— Os pagamentos a Mrs. Jarvis e a Mr. Sheperd serão feitos assim que tiverem os papéis em dia. Como foi combinado com Peachtree, um milhão de dólares será depositado na conta da produção e uma soma separada será depositada para a aquisição dos direitos de distribuição do Star Island.

— Okay — disse Jim. — Percebi. Vou voltar para o meu gabinete e pôr tudo em ordem.

Jim saiu e eu fiquei a ver Da Vinci a guardar de novo o computador e o equipamento na pasta. Pousou—a no chão e perguntou:

— Planeia ficar com o estúdio?

— Não creio — disse eu. — Não sei nada do negócio de entretenimento. É outro mundo.

Da Vinci comentou:

— Já não é um negócio de entretenimento. Agora são comunicações. Está a começar um outro mundo.

Olhei para ele.

— A General Avionics é um mundo suficientemente grande para mim. Não sou ganancioso. Da Vinci encolheu os ombros.

— Isso é consigo. — Olhou para o relógio. — É tarde, são quase cinco horas. Se não tem planos para esta noite, porque não vem jantar comigo?

— Não tenho planos.

— Ótimo. E se nos encontrássemos no Palms, no Santa Monica Boulevard, às oito?

— Combinado. Levo uma rapariga. Da Vinci sorriu.

— Eu também.

Esperiei que ele saísse do meu gabinete e voltei a ligar para o tio Rocco.

— Está tudo acabado. E agora, que fazemos?

— Continuo a querer que penses na minha proposta anterior. Temos uma companhia de investimentos muito boa, e poderias sair — te muito bem com ela.

— Essa companhia também investiu na EuroSky? — perguntei.

— Claro — respondeu o tio Rocco. — Somos donos dela. Temos algumas das pessoas mais importantes dos filmes e das notícias a trabalhar para nós na Europa, para fazer funcionar a EuroSky.

— Quanto lhe custou isso?

— Não muito — disse ele. — Uns onze biliões de dólares, mas receberemos mais de cinquenta por cento dessa quantia de volta nos primeiros cinco anos, porque estamos a arrendar espaço nos nossos satélites às companhias de telecomunicações e de telefones. Devem dar — nos cerca de um bilião de dólares de lucro por ano.

Ri — me.

— Não sei mesmo para que precisa de mim. Safa — se muito bem sozinho.

Havia gente até à porta no bar do Palms, às oito horas. Fiquei satisfeito por ter pedido a Kim para ligar e reservar uma mesa. Encontrámos Da Vinci no bar, a tomar uma bebida, com uma expressão preocupada no rosto.

— Falou com Mr. Di Stefano há menos de uma hora? — perguntou.

— Não — disse eu. — Falei com ele antes, logo após termos estado juntos no meu gabinete. Mas não voltei a falar com ele.

— Estou um bocado preocupado; tentei falar com ele por várias vezes, mas ninguém responde do apartamento dele — disse Da Vinci.

— Isso é estranho — disse eu. — Está lá sempre alguém.

— Ninguém atendeu — disse ele calmamente.

— Deixe — me tentar apanhá-lo — sugeri.

Nesse momento, o meu telebipe soou. Olhei para o pequeno mostrador e vi um número que não me era familiar. Voltei — me para Kim.

— Toma uma bebida com Mr. Da Vinci, que eu vou responder a esta chamada e tentar apanhar o tio Rocco. Só demoro um minuto. Vou usar o telefone do carro.

Tive sorte. Uma das coisas boas de se usar um Corniche é que o porteiro o estaciona sempre à porta do restaurante. Meti-lhe uma nota de cinco na mão enquanto ele me abria a porta. Meti-me no carro e peguei no telefone. Primeiro, liguei o número do tio Rocco. O telefone tocou seis vezes, mas não houve resposta. Depois, marquei o outro número. Para minha surpresa, foi o tio Rocco que atendeu.

— Por que levaste tanto tempo? — perguntou imediatamente.

— Que se passa? Onde está?

— Estou na sala de espera da Air France do JFK.

— Que raio está a fazer aí? — perguntei.

— Fui informado de um contrato para me matarem — disse ele.

— Sabe quem o fez? — perguntei.

— Tenho uma ideia. Mas terei de ver isso na Europa. Por agora, terei de me manter na clandestinidade. Vou alugar um iate no sul de França. Ficarei nesse barco até ter esclarecido tudo.

— Como contacto consigo?

— Dir-te-ei depois onde estou e combinaremos depois maneira de ires ter comigo assim que eu te chamar.

— Pensei que me tinha dito que estava fora deste negócio...

— E estou — disse o tio Rocco. — O problema é que há uns quantos idiotas que não estão de acordo. É por isso que quero que ponhas as coisas em ordem.

Resmunguei para o telefone.

— Está muito bem, tio Rocco. Telefone—me. Entretanto, cuide de si.

— Terei cuidado — disse ele.

O telefone calou—se e voltei a pô—lo no suporte. Depois, regressei ao restaurante. Da Vinci olhou para mim.

— Tentou contactar com Mr. Di Stefano?

— Também não obtive resposta. — Encolhi os ombros. — Vamos mas é jantar. Provavelmente não saberemos nada dele antes de amanhã.

— Onde acha que ele está?

Comecei a ouvir sininhos a bater na minha cabeça.

— Mr. Di Stefano adora ópera. Deve ter ido a Manhattan, ao Metropolitan. Deve ter dado folga ao pessoal dele durante um par de horas.

Gigi, o gerente do Palms, conduziu—nos a uma mesa. Sentámo—nos e mandámos vir bebidas. — Pensei que você ia trazer companhia.

— Tinha convidado Mrs. Jarvis, mas fiquei apeado — respondeu Da Vinci. — E também não consegui apanhá—la pelo telefone.

8.

O melhor que o Palms tem é que se pode realmente comer quando se vai com fome. O criado barrigudo chegou com as nossas bebidas e anunciou:

— Hoje temos uma especialidade. Monstros de Loch Ness. Lagostas de três quilos!

Kim abanou a cabeça, sorrindo.

— Nunca conseguiríamos dar cabo de um bicho desses! — Então e se dividíssemos uma de um quilo e depois comêssemos a meias um bife mal passado, com montes de cebola frita e batatas?

Kim atalhou rapidamente:

— Vamos começar por uma das saladas de Gigi. Voltei—me para Da Vinci.

— Que vai querer?

— Um bom bife bem passado — respondeu ele. — Com espinafres e uma batata assada.

— E que tal uma garrafa de Chianti? — disse o criado.

— Está bem — disse eu.

O criado foi—se embora e nós atirámo—nos às bebidas.

— Como conheceu Mrs. Jarvis? — perguntei a Da Vinci.

— Fui gerente da conta dela no Banco de Paris — respondeu.

— Já era casada com Jarvis nessa altura?

— Não. Na altura em que ela se casou, eu fui trabalhar para a EuroSky e perdi o contacto com ela.

— Como é que foi parar à EuroSky? Ele riu—se.

— Eles precisavam de um banqueiro que percebesse de computadores. Nessa altura, não havia muitos de nós, na Europa, que percebessem de computadores.

— A EuroSky não avançou dinheiro a Jarvis para a Millenium Films? — perguntei eu.

Ele olhou para mim com uma expressão completamente aberta.

— Se o fizeram, não sei de nada, porque só fui metido neste projecto há duas ou três semanas.

O criado acabara de trazer as nossas saladas quando um pequeno grupo de pessoas passou por nós, a caminho da sua mesa. Reconheci Thyme, a cantora negra exótica que vira na festa de Bradley. Um dos homens do grupo parou junto à nossa mesa e falou com Da Vinci.

— Não esperava ver—te nesta cidade tão depressa.

— Tive uns negócios a tratar — disse Da Vinci. — Mas estava a planear entrar em contacto contigo logo de manhã.

O homem, que ia bem vestido, tinha bom ar e era de meia—idade, anuiu.

— Podes contactar—me no hotel amanhã de manhã; regresso a Las Vegas amanhã à tarde.

Da Vinci respondeu:

— Darei notícias. E o grupo seguiu para a sua mesa. Achei que era curioso que Da Vinci não nos tivesse apresentado ao seu amigo. Kim disse: — Aquela rapariga negra é Thyme. Está em número um nas tabelas neste momento. E ouvi dizer que o namorado dela é um grande mafioso de Las Vegas.

Da Vinci sorriu e continuou a comer a salada. O serviço do Palms era eficiente. As nossas entradas chegaram rapidamente. Às nove e meia tínhamos acabado. Quando o criado trouxe a conta, Da Vinci estendeu a mão para lhe pegar. Ergui a mão.

— Nem pense — disse eu. — Estamos na minha cidade, quem paga sou eu.

Sáímos. Da Vinci pediu ao porteiro para lhe chamar um táxi.

— Não se preocupe — disse eu. — Dou—lhe boleia. Para onde vai?

— Estou no Beverley Rodeo — respondeu ele.

— Entre — disse eu, enquanto o porteiro abria a porta a Kim.

Deixei Da Vinci no Beverley Rodeo. O casaco dele abriu—se quando saiu do carro.

— Falamos amanhã — disse ele.

— Certo — respondi, e fiquei a vê—lo dirigir — se à portaria do hotel.

Depois arranquei. Olhei para Kim.

— Ele usa uma arma na sovaqueira.

— Como é que sabes? — perguntou ela.

— Vi—a quando ele saiu do carro. Não faz sentido. Para que precisa um homem dos bancos e dos computadores de uma arma?
— Sacudi a cabeça.

— Nada faz sentido.

— Estás cansado — disse Kim. — Vamos voltar para o bangaló, para te descontraíres, talvez estejas a precisar de um banho de jacuzzi. Foi um dia duro.

Anui. Ainda não lhe tinha dito que o tio Rocco ia sair do país.

— Primeiro, tenho de falar com Alma — disse eu. — Telefona para o hotel dela e diz—lhe que vou lá falar com ela.

Kim pegou no telemóvel e marcou o número do hotel de Alma. Perguntou por Mrs. Jarvis. O porteiro respondeu—lhe que Mrs Jarvis já saíra do hotel.

— Muito bem — disse eu. — Então não há nada a fazer. Vamos para casa.

Eram cerca das onze e meia e Kim e eu estávamos sentados na banheira jacuzzi. Deitei—me para trás, contra o borbulhar da água. Kim olhou para mim.

— Cheguei a uma conclusão, Jed. Vou—me demitir.

— Por que raio?! — perguntei. — Tens um emprego ótimo.

— Não preciso de um emprego — disse ela, irritada. — Preciso de uma relação. Pensei que era o que tínhamos, mas não passa de dar uma de vez em quando.

— Tenho muitos problemas — respondi.

— Tinhas muito mais problemas quando começaste este negócio. Mas ainda tinhas tempo para nós.

— E havemos de o ter — disse eu. — Só preciso de mais algum tempo para resolver isto tudo.

— Não sei — disse ela. — Mais um ano e terei trinta, e a minha mãe diz—me sempre que quem não casa até aos trinta fica sempre solteirona.

— Ora, Jesus! — disse eu. — Ainda és uma miúda.

— Também já não és assim tão novo — disse ela. — Acho que é melhor decidirmos o que queremos para o nosso futuro.

— Eu sei muito bem o que vai ser o nosso futuro — disse eu irritado. — Vamos casar como toda a gente faz.

— Falas a sério?

— Claro que falo. Mas não me pressiones. Ela saiu da banheira.

— Onde vais? — perguntei.

— Vou reparar a passarinha — disse ela. — Quero—me sentir outra vez como uma rapariguinha. Saí da banheira e vesti o meu robe.

— Anda para a cama. Vamos praticar um pouco. Ela olhou para mim.

— Não queres que rape os pêlos?

— Não me fazem diferença — respondi.

— Então é melhor fazeres a barba, para não me arranhares o clitóris.

— Os tomates! — disse eu. — Vamos para a cama.

O telefone tocou. Ela atendeu, escutou, e depois voltou—se para mim, com um ar de tristeza no rosto.

— Está uma limusina em frente do hotel — disse ela. — A tua sobrinha Angela está à espera para subir.

Kim vestiu—se e eu também. A campainha tocou e eu abri. Angela estava à porta, e um pacote estava atrás dela com uma mala.

— Tio Jed — disse a miúda, com voz meiga.

— Sim, querida?

— A minha mãe disse—me para ficar consigo por uns dias. — Olhou—me apreensiva. — Não há problema?

Era óbvio que não sabia se seria bem—vinda. — Entra, querida — disse eu, pegando—lhe na mão. — Onde está a tua mãe?

— Teve de fazer uma viagem de negócios.

— Para onde? — perguntei. Angela olhou para mim.

— Acho que foi para França. — Olhou para Kim. — É a tua mulher? Sorri—lhe.

— É a minha noiva — respondi. — Vamos casar daqui a pouco tempo.

Angela era muito esperta.

— É uma senhora muito bonita — disse. Apresentei—as. Kim sorriu para Angela.

— Já jantaste? — perguntou.

— Não comi grande coisa — respondeu Angela.

— Então anda daí, vamos comer qualquer coisa — disse Kim. E foram as duas para a cozinha.

Telefonei a Peachtree enquanto Kim mostrava a Angela o quarto de hóspedes. Era quase meia-noite, e pedi desculpa por estar a telefonar tão tarde.

— Preciso de uma informação — disse eu. — Lembro-me de que levaste Thyme à festa de Bradley.

— É verdade — disse Peachtree.

— Também ouvi dizer, já não sei onde, que o namorado dela era um mafioso de Las Vegas.

— É verdade — respondeu Daniel de novo —, se bem que não tenha a certeza de que namorado seja a palavra correcta, é mais uma espécie de protector. Chama-se Jimmy Pellegi e foi representante de Sam Giancannas em Las Vegas.

— Ainda tem alguma coisa a ver com casinos? — perguntei.

— Não me parece — disse Daniel —, porque a Comissão do Jogo pôs toda a Mafia fora das operações de jogo.

— Então que achas que ele faz em Las Vegas?

— O que ouvi dizer foi que ele está nas drogas e na prostituição. É um duro — acrescentou Daniel. — Chamam-lhe Jimmy Blue Eyes porque tem os olhos azuis, cor de gelo.

— Que tem ele a ver com Thyme? — perguntei. Daniel riu-se.

— Ele seguiu as passadas de Giancanna. No fim de contas, Giancanna teve uma cantora debaixo da asa durante muito tempo.

— Sabes alguma coisa de um homem chamado Da Vinci?

— O artista? — Daniel riu-se.

— Não — disse eu. — É um bancário europeu, e sei que ele conhece Jimmy Pelleggi.

— Disso não sei nada — respondeu Daniel. Agradei-lhe e desliguei o telefone. Pela primeira vez, sentia-me frustrado por não conseguir entrar em contacto com o tio Rocco.

Havia qualquer coisa estranha a preparar-se no ar. Agora, sabia que Jimmy Blue Eyes estava metido no negócio da droga. E sabia que Da Vinci estava em contacto com ambos. Passava-se qualquer coisa, mas eu não tinha as respostas. Kim entrou na sala.

— Angela já está na cama.

— Ainda bem — disse eu. — Acho que devemos fazer a mesma coisa. Foi um dia muito comprido.

Kim olhou para mim.

— Por que achas que Alma foi para França com tanta pressa?

— Não sei — respondi. — Mas tenho a sensação de que tem alguma coisa a ver com o tio Rocco. Ele também partiu para França esta noite. É capaz de estar metido num grande problema.

9.

Kim e eu estávamos a tomar café e torradas, ao pequeno—almoço. Kim disse:

— Temos de deixar alguém a tomar conta de Angela enquanto vamos trabalhar. Não podemos deixá—la aqui sozinha.

— Não tinha pensado nisso. Sabes de alguém que possa fazer isso?

— A minha irmã tem três miúdos. Há—de saber de alguém que possa ajudar.

— Fala com ela — disse eu. — Precisamos de alguém já. O telefone tocou. Kim atendeu.

— É Da Vinci. Passou—me o telefone.

— Bom dia — disse eu.

— Bom dia — respondeu ele.

— Soube alguma coisa de Alma?

— Nada — respondi.

— Pois eu sim — disse ele. — Ouvi dizer que ela deixou a filha aí consigo.

— Foi uma surpresa para mim — disse eu. — A miúda apareceu aqui quando voltámos do jantar.

— Ela disse—lhe alguma coisa sobre o sítio para onde a mãe terá ido?

— Não, disse apenas que a mãe lhe disse para ficar aqui comigo durante uns dias — respondi.

Da Vinci estava irritado.

— Tenho duas malas de Alma que lhe devia entregar. Agora, não sei que fazer com elas.

— E que têm essas malas dentro?

— Não sei, são dela. Nunca me disse o que lá estava — hesitou por um momento. — Acha que as posso deixar aí consigo, para você lhas dar quando ela regressar?

— Claro — respondi. — Afinal, também terei de lhe devolver a filha.

— Então deixo— as aí no seu hotel — disse Da Vinci. — Tenho de regressar ao Liechtenstein ainda hoje.

— Certo.

Desliguei o telefone e disse para Kim:

— Da Vinci tem duas malas de Alma. Disse—lhe que as podia deixar aqui.

Ela pegou no telefone, ligou para a irmã e falou com ela durante alguns minutos.

— A minha irmã conhece uma rapariga que pode tomar conta de Angela. Vai mandá—la aqui.

— Graças a Deus — respondi. Angela entrou na sala.

— Bom dia — disse.

— Dormiste bem? — perguntei—lhe. Angela anuiu.

— Muito bem. Kim perguntou:

— Que queres tomar?

— Petitpain du chocolat e café. Kim riu—se.

— Primeiro, não temos petitpain du chocolat, segundo, és muito novinha para beber café.

Angela empertigou—se.

— A minha mãe deixa—me sempre beber café.

— Olha — disse — lhe Kim — , estamos na América. Na América, as crianças bebem leite, não bebem café. Não posso arranjar petitpain du chocolat, mas posso—te arranjar donuts de chocolate. Mas acho que devias comer qualquer coisa mais substancial — disse Kim, parecendo muito maternal. — Que tal uns ovos com presunto, ou panquecas com salsichas.

— Panquecas com salsichas parece—me muito bom — disse Angela, muito contente. — Mas se não beber uma chávena de café, não serei capaz de estar acordada todo o dia.

Kim riu—se.

— Está bem, mas então café muito fraco.

— Está bem — respondeu Angela. — Então pode ser café au lait.

— Pronto, assim está bem — disse Kim, chamando o serviço de quartos.

Angela olhou para mim.

— Que vais fazer hoje? — perguntou.

— Pedi a uma pessoa para vir tomar conta de ti. Eu e Kim temos de ir trabalhar — respondi.

— Vocês são iguaizinhos à minha mãe.

Jim Handley estava à minha espera quando entrei no escritório.

— Recebi notícias da Aerospatiale — disse — me ele.

— Que notícias? — perguntei. Ele não parecia nada contente.

— Não me soa nada bem. Os holandeses ofereceram — lhes mais.

— É uma loucura. A Aerospatiale deu — nos o acordo — disse eu.

— Que queres que te diga? Foi só isto que me disseram. — Acho que a única coisa que podemos fazer é mandar — lhes o pagamento — disse eu, depois de ponderar a situação por um momento.

Handley olhou para mim.

— Nem sequer ainda falaste com as companhias aéreas. Como podes saber com quanto podes contar? Vinte por cento a menos em tantos aviões vai custar — nos, no mínimo, um quarto de bilião de dólares — disse ele. — E nem sequer temos esse dinheiro.

— Estamos lixados — disse eu. — Alguém sabe da nossa liquidez. Foi por isso que os holandeses fizeram a oferta.

— Que vamos fazer? — perguntou Handley.

— Vamos lixar a companhia holandesa — disse eu. — Vamos comprá-la.

— Mas querem comprar — te a ti!

— Eles querem comprar — nos, nós queremos comprá — los a eles — disse eu. — Eles oferecem três biliões de dólares por nós. Nós vamos oferecer cinco biliões por eles.

— E onde vais buscar o dinheiro? — perguntou Handley. Não lhe disse que o tio Rocco queria que eu dirigisse uma

companhia tremenda, provavelmente uma das maiores companhias de investimentos de todo o mundo. E, se eu fizesse o que o tio Rocco queria, teria o dinheiro. Em vez disso, disse — lhe que se a coisa não resultasse poderíamos sempre recorrer a uma fusão, ou poderíamos pôr Milken a vender títulos e a arranjar dinheiro.

— E que vais fazer com a Millenium Films? — perguntou ele. — A EuroSky já te avançou quinhentos e noventa e cinco milhões. Como é que vamos sacar dinheiro daí? — perguntou.

Recostei — me na minha cadeira.

— Avançaram—me esse dinheiro todo, mas a companhia continua a ser minha.

— Então, como é que vamos pagar esse avanço? Sorri.

— Há anos que vejo Kerkorian a vender a MGM e a UA vezes sem conta. E, no fim disso tudo, acaba sempre por ficar outra vez com o controlo da companhia. O que ele vende são partes.

— E então? — perguntou Handley.

— É muito simples. Vendo—lhes os direitos de distribuição no estrangeiro da filmoteca. São mil e quinhentos filmes de sucesso, mais outros menores — disse eu.

Handley olhou para mim.

— Pensei que não querias ficar no negócio dos filmes.

— Não interessa — disse eu. — Não falámos do facto de o imobiliário e propriedades poderem ser vendidos por quatrocentos milhões? Já não é mau.

Um olhar de respeito divertido passou pelo rosto de Jim.

— Jed — disse ele —, estás a ficar um bom filho da mãe!

Kim entrou no meu gabinete uma hora e meia mais tarde.

— A minha irmã já mandou a rapariga. E combinei que ela a levasse à Disneyland.

— Ótimo — disse eu.

Depois de elas terem saído, quando eu me preparava para sair também, apareceu Da Vinci, que deixou duas malas metálicas muito grandes para darmos a Alma quando ela regressasse.

— Muito bem — disse eu. — E ele não disse mais nada?

— Só disse que ia apanhar o avião da tarde para a Europa.

— Bem — disse eu —, acho que por aí não há mais nada a fazer.

O telefone tocou e a minha secretária falou pelo intercomunicador.

— Está um tal Mr. Pelleggi ao telefone. Peguei no telefone.

— Sim?

— Não chegámos a ser apresentados ontem à noite, mas eu vi—o com Da Vinci, e gostaria de saber se tem o número dele.

— Lamento — respondi. — Tanto quanto sei, já vai a caminho da Europa.

— Gaita! — disse Pelleggi. — Tem alguma informação acerca de Mrs. Jarvis? — perguntou ele.

— Não — respondi eu. Pelleggi hesitou por um momento.

— Sou amigo do seu tio. Conhecemo—nos há muitos anos. — Fico muito contente — disse eu. — Porque eu gosto muito do meu tio Rocco.

— Também sou um dos investidores numa companhia de Mr. Di Stefano.

— Ah, sim? — respondi.

— É muito importante que entre em contacto com o seu tio — disse Pelleggi.

— Tanto quanto sei, ele continua em Atlantic City — respondi. — Não obtive resposta de casa dele.

— Estou certo de que aparecerá daqui a pouco tempo — disse eu.

— Se tiver notícias dele, pedir—lhe—ei que entre em contacto consigo.

— Agradeço—lhe — disse Pelleggi, e voltou a hesitar. — Já agora, sabia que o marido de Alma, Mr. Reed Jarvis, atacou a minha namorada na noite da festa de Bradley Sheperd?

— Não sei nada disso — disse eu. O que era verdade.

— Então o filho da mãe tem sorte por ter sido morto antes de eu lhe poder chegar. Não lhe teria facilitado tanto as coisas — disse ele.

— Bem — disse eu — , está tudo bem quando acaba bem. Agora, tudo o que temos de fazer é manter os nossos narizes fora da merda.

Houve um momento de silêncio, depois ele riu—se.

— Pode tratar—me por Jimmy Blue Eyes. Gosto de si. É muito parecido com o seu tio. — E desligou.

10.

Era tarde quando saí do escritório. Kim saíra mais cedo, porque queria ver como estava Angela e assegurar—se de que estava tudo bem.

Quando cheguei ao parque de estacionamento, estava vazio. Todos os homens do parque tinham já saído. Meti—me no Blazer e saí. Virei para Century Boulevard. Uma voz soou por detrás de mim, vinda do banco de trás.

— Senhor Stevens... — Era um homem com um forte sotaque espanhol —, há quanto tempo não nos víamos.

Olhei pelo espelho retrovisor.

— Há muito tempo, mesmo — disse.

A última vez que vira aquele homem fora no Peru:

— Capitão Gonzales. O homem sorriu.

— Lembra—se do meu nome... Mas já não sou capitão. Agora sou general.

— Parabéns — disse eu. — Por que não subiu ao meu escritório?

— Não queria que ninguém soubesse que estava aqui consigo — respondeu.

— Em que posso ajudá—lo? — perguntei.

— A Senorita Vargas telefonou—me ontem e pediu—me para entrar em contacto consigo, porque há grande sarilho. Encostei ao passeio e voltei—me para o enfrentar.

— General Gonzales, po que não passa para o banco da frente? É mais fácil falarmos assim.

O general Gonzales não mudara muito. Continuava magro como antes. Tinha alguns cabelos brancos, mas o bigodinho muito estreito continuava preto. Voltei a entrar no trânsito.

— Alma disse que tipo de sarilho era?

— Não pôde entrar em pormenores. Mas sei que é alguma coisa que tem a ver com la cocaína.

— Pensei que ela se tinha deixado desse negócio. No fim de contas, casou com um homem muito rico, e agora tem muito dinheiro.

— Isso é verdade — disse Gonzales. — Mas está a sofrer grandes pressões da Mafia. Querem que ela lhes abra os contactos dela na América do Sul.

— Jesus! — disse eu. — Nada muda. Gonzales anuiu.

— Ela disse-me que entraria em contacto consigo, e então veremos o que é preciso fazer.

Olhei para ele.

— Sabe quem é o meu tio, Mr. Di Stefano? — perguntei.

— Sei, mas nunca nos encontramos.

— Acho que ela e o meu tio estão na Europa a tentar resolver estes problemas.

Ele olhou pela janela.

— Informa-me assim que souber de alguma coisa?

— Claro — respondi. — Onde quer que o deixe?

— Ainda não estou em hotel nenhum — respondeu. — Acabei de chegar.

— Então, venha jantar comigo, que depois arranjam um sítio para ficar.

Ele anuiu e disse:

— Gracias, Señor.

Virei para norte, em direcção a Sunset Boulevard, e depois para leste, para Bel Air. Gonzales voltou a falar.

— Tem guarda-costas a segui-lo?

— Não — disse eu.

— Vêm dois homens num Ford preto atrás de nós desde que saiu da garagem.

Olhei pelo espelho. Não via nada. Gonzales abriu o casaco e puxou de uma automática.

— Só para o caso de ser preciso — disse, calmamente.

— Gostava de saber que raio se está a passar — disse eu, enquanto entrava no recinto do hotel, em direcção ao meu bangaló.

Sáímos do carro, mas continuei a não ver ninguém. Entrámos. Angela viu-me assim que entrei, e depois viu Gonzales. Sorriu e falou em espanhol.

— Buenas noches, tio!

Ele inclinou-se para a beijar.

— Angela — disse ele — , estás a ficar uma mulherzinha. Ela virou — se para mim.

— Gostava de comer um Big Mac ao jantar.

Nesse momento, Kim entrou na sala, vinda do quarto.

— A babysitter diz que ela andou todo o dia a comer hamburguers e batatas fritas — disse Kim.

— Quero lá saber! — respondi. — Se ela quer um Big Mac, que coma um Big Mac. Os miúdos têm direito a ser miúdos.

Apresentei Kim ao general, mas disse—lhe que ele estava de visita, vindo do Peru, a meu convite.

— Acho que devíamos jantar em casa — disse eu. — Acho que teremos notícias de Alma ou do meu tio esta noite.

— Mas eu continuo a querer um Big Mac — disse Angela.

— Está bem. Kim, pede à rapariga que leve Angela à rua e compre um Big Mac para cada uma. — Depois, virei—me para Gonzales: — Janta connosco e eu depois ligo para a portaria, para lhe arranjamem um quarto.

Pedimos o jantar ao serviço de quartos, e, enquanto estávamos sentados no bar a tomar uma bebida, Jimmy Blue Eyes telefonou—me.

— Já teve notícias do seu tio? — perguntou.

— Ainda nada.

— Pus dois guarda—costas atrás de si — disse Jimmy. — Espero que não se importe.

— Você preocupou—me um pouco — respondi. — Percebi que havia duas pessoas a seguir—me quando saí do escritório.

— São homens meus — disse ele. — Dei—lhes ordens para estarem por perto, para o caso de haver problemas.

— Por que havia eu de ter problemas? — perguntei.

— Da Vinci vai lixá—lo — disse ele.

— E como é que ele me vai lixar? Não passa de um reles mensageiro.

— É mais do que isso — disse ele. — É um assassino contratado.

— E de quem anda ele atrás? A mim, não me incomodou.

— Anda atrás do seu tio — disse Jimmy. — Calculo que terá

sido por isso que regressou à Europa. Palpita—me que o seu tio foi à Sicília falar com a comissão. — Jimmy calou—se por um momento. Depois, voltou a falar: — Da Vinci deixou—lhe aí alguma coisa? — perguntou.

— Sim — respondi. — Deixou duas malas que disse serem de Alma.

— Muito bem — disse Jimmy Blue Eyes. — Fique quieto, que eu vou já para aí.

Estávamos a meio do jantar quando o porteiro ligou a dizer que estava um homem na portaria para falar comigo, um Mr. Pelleggi.

— Mande—o vir aqui — disse eu.

Quando abri a porta, Jimmy Blue Eyes olhou para Gonzales.

— Quem é este? — perguntou.

— É um amigo peruano de Alma — respondi. Olhou para mim.

— É de confiança?

— Está do nosso lado — respondi.

— Ótimo — disse ele. Abriu a porta e disse aos dois guarda—costas para entrarem. Depois virou—se de novo para mim. — Onde estão as malas que Da Vinci cá deixou?

Olhei para Kim.

— Onde estão as malas?

— No armário do quarto de hóspedes — respondeu ela. Abri a porta e tirei as duas malas de alumínio. Jimmy fez sinal a um dos seus homens.

— Abre—as — disse.

O homem puxou de uma enorme navalha. Colocou o lado rombo da lâmina contra o fecho da mala e bateu—lhe. O fecho abriu—se. Levantou a tampa. Olhámos todos lá para dentro. Estava cheia de sacos de pó branco. Jimmy disse a um dos homens para lhe passarem um dos sacos. Pôs um dedo dentro do pó e levou—o à boca.

— É heroína — disse. Kim voltou—se para mim.

— Que andas tu a fazer? Ainda vais acabar na cadeia.

— Calma, isto não é negócio meu — disse eu. — E agora, que fazemos? — perguntei a Jimmy.

— Isto fazia parte do negócio. Da Vinci trazia heroína da Sicília em troca da cocaína da Colômbia — respondeu—me ele.

— E que tem isto a ver com o tio Rocco? — perguntei.

— O seu tio tem estado fora deste negócio desde há muito tempo. E há umas quantas pessoas que o querem de volta.

Disse aos homens para voltarem a fechar as malas.

— Quanta heroína pensa que estará aí? — perguntei.

— Penso que cada mala terá uns quarenta quilos — respondeu.

— Quanto vale isso?

— Uns sete milhões. Na rua, depois de cortada, talvez uns cento e cinquenta milhões.

— E agora que lhe vai acontecer? Jimmy sorriu.

— Eu trato dela — disse. — Posso usar o seu telefone?

— Sirva—se — respondi.

Jimmy marcou os números. Segundos depois estava a falar com alguém em italiano. Falou tão depressa que não consegui seguir a conversa. Quando desligou, virou—se para mim.

— Da Vinci já está na Sicília — disse. — Acho muito importante que assim que tenha notícias do seu tio o avise disso.

Fez então sinal aos dois homens para que levassem as malas. Estendeu—me a mão.

— Vá dando notícias, vou deixar os meus homens aqui, para o caso de precisar de ajuda — explicou. — Nunca se sabe o que aqueles cabeças de melão farão — abanou a cabeça. — Agora que o julgamento da Pizza connection acabou, há um grupo enorme de novos águias a querer entrar, e penso que andam atrás dos mais velhos. A única maneira de os controlar é por meio dos senhores sicilianos.

Observei—os a afastarem—se do bar. Depois, sentei—me no bar e olhei para o general Gonzales.

— Que lhe parece?

O general peruano falou calmamente.

— São todos uns bandidos — disse.

11.

Eram onze horas. Tínhamos acabado de jantar e estávamos a tomar o café. Angela regressara e fora para a cama. O general olhou — me do outro lado da mesa e disse: — Tem uma arma?

— Não — respondi. — Não precisamos disso aqui.

— Acho que agora precisa — disse ele. Meteu a mão dentro do casaco e passou — me uma pequena automática de 9 mm. — Fique com esta, só por cautela.

— Acha que vamos ter problemas?

— Tenho a sensação de que nem tudo está bem — respondeu.

— Que quer dizer? Olhou — me.

— Jimmy Blue Eyes não pareceu surpreendido por a heroína estar aqui na sua casa — disse ele. — Não demorou muito a levar as duas malas com ele. Quanto é que ele disse que valia a heroína? Sete milhões de dólares?

— Sim — respondi eu.

O peruano abanou a cabeça.

— Não é mau, para uma só noite de trabalho.

— Que quer dizer? — perguntei.

— Ele disse que ia ser uma troca de cocaína por heroína. Mas não disse de onde deveria vir a cocaína. Tenho a sensação de que ainda vamos ter notícias do mafioso esta noite.

— Disse que me deixava dois homens como guarda—costas — disse eu.

Gonzales sorriu curiosamente.

— Não sei se serão guarda—costas ou carrascos. Jimmy Blue Eyes está a brincar com sete milhões de dólares. No lugar dele, não deixaria testemunhas.

Pensei por um momento.

— É capaz de ter razão.

O telefone começou a tocar. Kim atendeu.

— É a tua tia Rosa.

— A tia Rosa? — perguntei. — Há muito tempo que não falo com ela. — Fui ao telefone. — Tia Rosa, como está?

— Estou bem — respondeu ela.

— Está acordada tão tarde?

— Acabei de me lembrar — disse ela — de que o teu pai costumava mandar flores para a missa de aniversário dos teus avós, em Palermo. Acho que seria boa ideia mandares flores também, este ano.

Pensei por um momento. Era a primeira vez que ouvia tal coisa. Sabia que a tia Rosa me estava a querer dizer qualquer coisa.

— Acho boa ideia — disse. — E quando acha que devo mandá-las?

— A missa será em Palermo, daqui a três dias — disse a tia Rosa. — Temos um primo que é florista no Grande Hotel de Villa Igiea. Ele saberá para onde mandá-las.

— Muito bem, vou já tratar disso. A voz da tia Rosa era muito séria.

— Não te esqueças. É muito importante.

— Não se preocupe, tia Rosa. Tratarei disso — respondi. — Sempre foste um bom rapaz. Bem sei que farás tudo bem.

Boa noite!

Voltei-me para Kim e para Gonzales.

— Agora já sabemos onde encontrar o tio Rocco. Gonzales fitou-me.

— Acho que seria boa ideia ficar aqui convosco. No fim de contas, sou um profissional, e saberei como lidar com qualquer problema.

— A única coisa que lhe posso oferecer é o sofá, porque Angela está no quarto de hóspedes.

— Não há problema — respondeu.

— Onde vais encontrar-te com o tio Rocco? — perguntou Kim.

— Em Palermo, daqui a três dias. Faremos planos para a viagem amanhã de manhã. Agora, vamos para a cama.

Às três da manhã, o telefone voltou a tocar. Atendi. Desta vez, era Alma.

— Angela está aí contigo? — perguntou.

— Sim — disse eu.

— Está bem?

— Sim — respondi. — Onde estás?
— Estou em Paris — disse ela. — O general Gonzales já aí chegou?

— Está agora aqui — disse eu.

— Ótimo — disse ela. — Deixa—me falar com ele. Fui à sala. O general estava sentado no sofá, acordado.

— Alma está ao telefone — disse—lhe.

Ele pegou no telefone. Escutei por um momento, e percebi que não estavam a falar espanhol. Devia ser um calão qualquer peruano.

Por fim, ele disse—lhe:

— Está bem, estarei lá também. — E desligou.

— Que lhe disse ela? — perguntei.

— Alugou um iate no Cap D'Antibes, e ela e o seu tio embarcarão nele para Palermo. O seu tio acha que é a maneira mais segura de viajarem.

— Disse alguma coisa quanto a encontrarmo—nos lá?

— Sim — respondeu ele. — Ela confirmou a mensagem da sua tia Rosa.

— Ainda bem — disse eu. — Vou tratar do avião para amanhã.

Ele olhou—me.

— Que pensa fazer quanto aos guardas que estão lá fora?

— Lixá—los — disse eu. — Se eles não nos incomodarem, nós não os incomodamos.

Regressei ao quarto. Kim estava sentada na cama.

— Que se passa? — perguntou. Sorri—lhe.

— Vamos fazer uma lua—de—mel. Na Europa.

Chegámos a Palermo no dia anterior àquele em que devíamos encontrar—nos com o tio Rocco. O hotel era confortável, e Kim e eu tínhamos um quarto agradável. Gonzales estava no quarto em frente do nosso.

Às sete horas, descemos para tomar uma bebida.

— Parece uma cidade sossegada — disse eu. O general anuiu.

— Faz—me lembrar certas cidadezinhas do Peru. Parecem muito sossegadas, mas há sempre problemas debaixo da superfície.

O criado aproximou — se da nossa mesa. Kim queria Astio Spumante. O general e eu pedimos uísque.

Antes, tínhamos almoçado num restaurante próximo do hotel. Tínhamos decidido jantar no hotel mais tarde. O menu foi completamente italiano. Pasta, pasta, pasta.

Estávamos sentados em silêncio quando ouvi uma voz por detrás de mim.

— Mr. Stevens?

Voltei—me. Era Jimmy Blue Eyes com os dois guarda—costas.

— Importa—se de que tome uma bebida consigo?

— À vontade.

Ele puxou uma cadeira.

— Não esperava vê—lo aqui — disse Jimmy.

— Nem eu esperava vê—lo aqui — respondi.

— Veio ter com o seu tio?

— Não recebi nenhuma mensagem dele, estou apenas a viajar. E vim à missa de aniversário dos meus avós — disse eu. — E que o traz aqui?

— Negócios — respondeu.

Não lhe perguntei que negócios eram. Jimmy Blue Eyes sorriu.

— Conheço muito bem esta terra. Por que não vêm jantar comigo esta noite?

— Se não lhe causa transtorno...

— De maneira nenhuma — disse ele. — Será um prazer. Fitei—o.

— Já agora, no outro dia disse—me que Da Vinci já estava em Itália — disse eu. — Pensa que andará por aí?

Jimmy encolheu os ombros.

— Não sei. Mas tudo é possível. Acho que devemos manter os olhos bem abertos. Venho buscá—los aqui às oito e meia.

— Combinado — respondi.

Jimmy levantou—se da cadeira e saiu, com os homens atrás. Olhei para Gonzales e para Kim.

— Que acham?

Gonzales não pareceu muito feliz.

— Acho que estamos metidos num sarilho. Não sabemos quem está do nosso lado.

Jimmy veio buscar—nos num Mercedes 600. Levámos cerca de vinte minutos a chegar ao restaurante, que ficava nos arredores. Era numa casa que antes fora uma mansão privada. Ficámos no terraço, com vista para o mar.

Depois de estarmos sentados há apenas alguns minutos, os criados trouxeram pratos de antipasti. Jimmy Blue Eyes mandou vir duas garrafas de vinho tinto. Abri uma embalagem de gressinos e comecei a rir.

— Por que se está a rir? — perguntou Jimmy.

Dei—lhe o papel da embalagem. No rótulo dizia «Made in Brooklin, New York». Jimmy riu — se.

— O mundo é pequeno — disse ele. — Diga—me, que lhe parece que o seu tio estará a planear?

— Tanto quanto eu sei — disse eu — , o tio Rocco quer retirar—se e ficar fora de tudo.

Jimmy abanou a cabeça.

— Nunca lhe permitirão que faça isso completamente. Sabe de mais.

— É um homem velho — disse eu. — Acho que podiam deixá—lo gozar os seus últimos dias em paz.

Jimmy não respondeu. Disse para Kim:

— A comida aqui é muito boa. Têm uma vitela esplêndida, e peixe fresco muito bom. Tudo o que quiser, verá que é muito bom.

— Gosto bastante de peixe — respondeu Kim.

Olhei à minha volta, para o restaurante. Havia cerca de doze mesas no terraço, mas éramos os únicos clientes.

— Não parecem ter muita clientela — disse eu.

— Estamos na Sicília, ninguém come antes da meia—noite — disse Jimmy. — Somos americanos, viemos muito cedo.

O criado deu—nos os menus.

— Acho que vou comer vitela — disse eu. — Com fettucini.

— E eu vou querer peixe — disse Kim.

— E eu também — disse Gonzales. Jimmy olhou para o criado.

— Para mim, mexilhões.

Odeio mexilhões. Para mim, só olhar para eles dá—me náuseas. De súbito, o sol desapareceu e ficou escuro. Os criados começaram a

colocar velas em todas as mesas.

Estávamos no prato principal e Jimmy Blue Eyes parecia bem—disposto.

— Você não compreende como a Sicília é importante — disse — me ele. — Somos um país pobre. E um povo pobre. Mas de alguma forma conseguimos arranjar maneira de ganhar importância. Não se esqueça de que, se não fôssemos nós, Las Vegas não existiria. E passei a minha vida a manter as coisas lá em ordem.

— Mas já não têm os casinos — disse eu. Ele riu—se.

— Não precisamos deles. Há muitos outros negócios que nos dão muito mais dinheiro.

Fitei—o.

— E não teme que alguém lhes possa tirar esse negócio? — Já houve quem tentasse — disse ele. — Mas ninguém foi capaz.

Olhou para a porta.

— Que diabo se passa? — disse, olhando para os guarda—costas.

Gonzales e eu voltámo—nos para seguir o olhar dele. Dois homens dirigiam—se ao terraço, vindo do restaurante. Os guardas de Jimmy Blue Eyes pareceram amedrontados e desapareceram rapidamente. Jimmy deitou a mão ao casaco, ao mesmo tempo que eu empurrava Kim da cadeira abaixo e me atirava para cima dela, para a proteger. Não vi se Jimmy Blue Eyes teve tempo de sacar da arma. Mas uma Uzi pareceu estar a desenhar uma tatuagem no corpo dele. Os dois homens viraram—se para nós. Mas era aqui que Gonzales era realmente um profissional. Tinha duas Colt 45, uma em cada mão. Estoirou a cabeça a cada um dos dois homens.

— Jesus! — disse eu.

Gonzales disse, com ar displicente:

— Eram uns cretinos. Se iam disparar, deviam ter atingido toda a gente ao mesmo tempo.

Levantei—me, e ajudámos Kim a pôr—se de pé. Estava pálida e com ar de agoniada.

— Não olhes para eles — disse eu.

— Vamos cavar antes que apareça a polícia — disse Gonzales.

Olhei para Jimmy Blue Eyes. Estava caído de cara para baixo, com o sangue a ensopar o casaco, a escorrer pelos buracos das balas,

que o tinham atravessado de um lado ao outro.

Gonzales e eu amparámos Kim e começámos a sair. Olhei para os dois homens mortos. Um deles era Da Vinci.

«Este não vai brincar mais com os computadores», pensei. Por acaso, estava até com uma expressão bastante estúpida no rosto.

O pessoal do restaurante não disse uma palavra quando passámos pela porta da frente. Procurei os guarda-costas. Não os vi em parte nenhuma. O Mercedes ainda lá estava, com as chaves na ignição.

— Vamos — disse eu. — Havemos de dar com o caminho de regresso ao hotel.

Gonzales olhou para mim.

— Não sei de quem eles vinham atrás; se de Jimmy Blue Eyes, se de si.

12.

O tio Rocco só apareceu no hotel às sete horas da tarde do dia seguinte. Nessa altura, eu já estava a preparar—me para sair da Sicília. Palermo não parecia ser propriamente a cidade mais amigável do mundo.

O tio Rocco veio ter ao nosso quarto.

— Como foi a vossa viagem? — perguntou.

— A viagem foi óptima, mas não percebi que íamos cair no meio de uma guerra.

— Lamento — disse ele. — Já soube do que se passou.

— Como soube? — perguntei.

— A comissão — disse ele. — Sabes que Da Vinci andava tanto atrás de ti como de Jimmy?

— E por que raio andava ele atrás de mim? O tio Rocco abanou a cabeça.

— Acharam que era uma maneira de me atingirem a mim. Mas já não importa. Já tenho tudo resolvido. Tive a reunião com a comissão siciliana, os principais das mais importantes famílias de Nova Iorque.

— Que quer isso dizer? — perguntei. Olhou para mim.

— Estou fora de tudo. Agora, tudo o que é preciso é que tomes conta da Inter—World Investments.

— E quando vamos encontrar—nos com eles para fazer isso?

— Quando estivermos em Nova Iorque — disse ele. — O escritório é no centro financeiro.

— Então, para que raio viemos à Sicília? Para me darem um tiro?

— Não — respondeu o tio Rocco. — Temos de ir a um jantar amanhã, em tua honra. A comissão quer investigar—te.

— E que acontece se não gostarem de mim? — perguntei. — Vão—me matar?

— Não sejas tolo! — disse—me o tio Rocco. — Vai ser uma excelente noite.

Olhei—o nos olhos.

— Sentir — me—ei melhor se me der uma metralhadora. Ele riu — se.

— Não precisarás dela. Temos toda a protecção de que precisamos.

Kim disse então:

— Tenho de arranjar um vestido. Não sabia que teríamos de ir a um jantar importante. — Olhou para o tio Rocco. — E Alma, vai de vestido de noite?

— Claro — respondeu ele.

— Onde posso eu arranjar um vestido? — perguntou ela. — Não te preocupes. Todas as lojas estão abertas até às dez horas. E só jantamos à meia—noite.

— Gostaria de ver a Senorita Vargas — disse o general Gonzales.

O tio Rocco fez que sim com a cabeça.

— Não há problema. Pode vir comigo quando eu sair e regressar ao barco. Ela está lá.

O general anuiu. O tio Rocco olhou para mim.

— É melhor ires também às compras. Vais precisar de um smoking. É uma reunião muito formal.

— Quantas pessoas lá estarão? — perguntei.

— Vinte e quatro, vinte e cinco. Estão com muita curiosidade em conhecer—te. Muitos conheceram o teu pai quando éramos novos.

— Onde será o jantar? — perguntei.

— Aqui, neste hotel. Reservei uma sala de festas. — Olhou para mim. — Não pareces muito contente.

— Ainda não estou muito seguro quanto a tudo isto — disse eu.

— Não estejas nervoso — disse ele. — Lembra—te apenas de que tu e eu somos família.

O general Gonzales seguiu o tio Rocco quando este saiu. Olhei para Kim.

— Chama a criada. Ela saberá provavelmente quais são as melhores lojas a que poderás ir.

Kim e eu começámos a rir enquanto nos vestíamos para o jantar. Tivéramos de alugar as nossas roupas numa loja de alugueres para casamentos. Embora o meu smoking fosse Giorgio Armani, era de

um estilo já com três anos de idade. Kim tinha um vestido comprido muito siciliano.

— Acho que podemos ir ao registo e casar, com estas roupas... — disse ela.

— Tudo é possível — disse eu. — Há muito tempo que não via um smoking destes. Que se lixe! Na Sicília, sê siciliano.

Olhei para o relógio.

— Jesus, estamos adiantados. Ainda temos uma hora para passar antes do jantar. Vamos tomar uma bebida.

Bateram à porta. Abri. Era o tio Rocco. Estava com um aspecto óptimo. E por que não havia de estar? Ele, pelo menos, trouxera o seu próprio smoking.

— Onde estão Alma e Gonzales? — perguntei.

— Não vêm ao jantar — respondeu ele.

— Pareceu-me que tinha dito que Alma vinha — disse Kim. — Mudei de ideias — disse o tio Rocco. — Na Sicília, as mulheres não são convidadas para jantares de negócios.

— Então, por que razão eu vou? — perguntou Kim.

— Primeiro, porque és americana. Depois, porque eu lhes disse que eras a noiva de Jed e porque falas italiano, o que é útil para Jed.

— Muito bem — disse eu. — Vamos tomar uma bebida.

— Curta — disse o tio Rocco. — Porque temos de estar na sala antes de chegarem os convidados. — Virou-se para Kim. — Esse vestido é muito bonito.

Ela sorriu.

— Sinto-me uma noiva siciliana. Ele riu-se.

— Ora, que diabo, ninguém perceberá.

Faltava um quarto para a meia-noite e estávamos na sala privada. Exactamente à meia-noite, os convidados começaram a chegar.

Respeitosamente, o tio Rocco apresentou-me a todos os que iam chegando. Quatro deles eram muito velhos e vinham de cadeira de rodas, todos eles empurrados por um homem mais novo.

O tio Rocco sentou-se à cabeceira da mesa em U.

Eu estava sentado à esquerda dele, e Kim estava ao meu lado. À direita do tio Rocco estava um dos homens mais velhos, dos das

cadeiras de rodas.

Fora apresentado a todos, mas havia um problema. Quando falavam comigo no dialecto siciliano, eu quase não apanhava uma palavra. Rocco tentava traduzir para mim, mas era difícil, porque tinha de falar também com os outros convidados. Kim também tentou ajudar, mas o italiano dela era muito melhor que o siciliano. Quando os convidados se aperceberam do nosso problema, mudaram para o italiano, delicadamente, para que nós pudéssemos entendê—los.

O homem mais velho falou—me do meu pai, do quanto o tinham respeitado por ele ter sido um dos poucos que tinham feito o seu próprio caminho. Também disse que estavam felizes por eu ter seguido o caminho dele.

Kim sussurrou—me:

— O que estes homens dizem acerca do teu pai é realmente muito bonito.

— Sim — respondi eu. — Mas não te esqueças de que quase todos eles são, provavelmente, assassinos.

Às duas da manhã, o jantar acabou e fizemos brindes uns aos outros. O tio Rocco fez um discurso. Não apanhei bem tudo o que ele disse, mas fiquei com a ideia de que lhes estava a agradecer a todos por o deixarem retirar—se com honra.

O homem da cadeira de rodas que estava à direita dele disse algumas palavras e entregou ao tio Rocco uma caixa de jóias forrada a veludo.

O tio Rocco abriu a caixa. Tirou de lá um belo Patek Phillipe cravejado a diamantes. Beijou o velho em ambas as faces e depois voltou — se para os outros convidados. Era — me difícil acreditar, mas vi lágrimas a rolarem—lhe pela cara quando lhes agradeceu. Todos aplaudiram, e depois começaram a levantar—se para sair. Um jovem muito bem parecido veio até perto da mesa e parou em frente do tio Rocco. Ele sorriu e estendeu a mão. O homem disse qualquer coisa numa voz agressiva, tirou uma arma de debaixo do casaco e disparou para o tio Rocco.

Automaticamente, sem pensar, saltei por cima da mesa e atirei—me ao homem, deitando—o ao chão. No mesmo momento, dois

outros puseram—se ao meu lado, seguraram o outro e tiraram—lhe a arma.

Levantei—me e fui direito ao tio Rocco. Estava encostado a Kim, muito pálido.

— Chamem um médico — disse.

Os dois homens que me tinham ajudado levantaram o outro. O velho da cadeira de rodas que estivera sentado ao lado do tio Rocco estava a dizer — lhes qualquer coisa numa voz forte. Depois, pegou numa arma que trazia debaixo do seu próprio casaco e deu um tiro na cabeça do homem.

Abri o casaco do tio Rocco.

— Queria morrer em paz, e não com uma bala — disse ele. Olhei—o e sorri.

— Não vai morrer por causa deste ferimento. Só foi ferido no ombro.

O velho da cadeira de rodas virou—se para mim e, desta vez, para minha surpresa, falou num inglês correctíssimo.

— Peço desculpa — disse o velho. — São homens como este que nos desonram a todos.

Estávamos no quarto do hotel e o tio Rocco resmungava enquanto o médico lhe extraía a bala do ombro. Depois, tapou rapidamente a ferida, colocou—lhe um lenço à volta do pescoço e pôs—lhe cuidadosamente o braço dentro do laço. Falou com o tio Rocco em italiano.

— Que disse ele? Não percebi bem tudo o que disse — perguntei a Kim.

— Disse — lhe para não mover o braço, e que as ligaduras têm de ser mudadas todos os dias — respondeu ela.

— Não é mau.

O médico pegou numa agulha hipodérmica e encharcou o tio Rocco em penicilina. Voltou a falar—lhe em italiano. Mais uma vez, Kim traduziu.

— Diz que é o suficiente, por agora, e que deve tomar duas aspirinas de quatro em quatro horas, para as dores.

O médico ergueu—se e voltou a guardar os instrumentos na maleta. Disse qualquer coisa a Kim. Ela fez que sim com a cabeça.

— Diz que regressa de manhã para o ver.
— Pergunta—lhe quanto lhe devo.
O médico sorriu e respondeu calmamente em inglês.
— Mil dólares. Olhei para Kim.
— Isto é que é um médico caro — disse eu. O médico virou—se para mim.
— Não dei parte disto à polícia, e só isso já vale alguma coisa.
Abri o casaco do tio Rocco e tirei—lhe a carteira. Rapidamente, contei dez notas de cem dólares e dei—as ao médico.
— Obrigado — disse—lhe.
— Não tem de quê — respondeu. E saiu do quarto. O tio Rocco olhou para mim.
— Não precisavas de lhe ter dado tanto. Ele teria aceitado metade disso. Na Sicília regateia—se sempre.
— Por que havia eu de regatear? — perguntei. — O dinheiro era seu.
— Merda... — disse o tio Rocco. Puxei uma cadeira para perto da cama.
— Agora, por que não me disse o que se ia passar aqui esta noite? Sempre que estou consigo, alguém tenta matá—lo. O problema é que me podem matar a mim também.
— São uns idiotas — disse o tio Rocco.
— Não me interessa quem ou o que são — disse eu. — Quero que me diga o que vamos fazer acerca disto. O tio Rocco abanou a cabeça.
— Não vais fazer coisa nenhuma. Os homens de honra tratarão deles.
— Como pode ter a certeza? — perguntei. — Até podem ser eles a andar atrás de si.
— Não sejas estúpido — respondeu ele. — Agora estamos todos num negócio legítimo.
— Quer ficar aqui no hotel esta noite? Acho que estará mais confortável aqui do que no barco.
— É uma boa ideia — respondeu. — Aliás, já é muito tarde, e acho que todos precisamos de dormir. Amanhã falamos com Alma e

Gonzales. Depois de o médico me ter tratado de novo da ferida, como—nos a caminho de casa — voltou a fitar—me.

Terás de parar em Nova Iorque, para ir à Inter—World Investments. Têm dois andares de escritórios na Eighty Broad. Podes começar a conhecer os teus executivos.

13.

O médico chegou às dez horas, para mudar as ligaduras ao tio Rocco. Viu—lhe a temperatura e pareceu ficar satisfeito: não tinha febre.

Deu—lhe outra injeção de penicilina e voltou a pôr—lhe o braço cuidadosamente no lenço.

— Está muito bom — disse ele para o tio Rocco. — A única coisa que tem de fazer é mudar as ligaduras diariamente, dar ao seu ombro um descanso por algum tempo, e ficará como novo.

O tio Rocco agradeceu—lhe e levou—o até à porta. Depois de o médico sair, voltou para trás e sentou—se à mesa, onde estávamos a tomar o café.

— Já soubeste alguma coisa de Alma? — perguntou.

— Não.

— É estranho. Estou surpreendido por ela não ter telefonado nem aparecido à minha procura. Vou ligar para o barco.

— Tem o número? — perguntei.

Ele fez que sim com a cabeça. Pegou num pedaço de papel que tirou do bolso e deu o número à telefonista. Esperou alguns momentos, enquanto ouvia o telefone tocar. Olhou—me com uma expressão preocupada.

— Ninguém atende. Deviam atender.

— Talvez venha para cá com Gonzales — disse eu.

— Acho melhor irmos ao barco — respondeu ele.

— Muito bem — disse eu. E chamei o porteiro, para nos arranjar um carro. Daí a quinze minutos, estávamos no cais em que o barco estivera atracado. O *Empress of Beaulieu* era um iate de quarenta metros, construído pelo *Chantier d'Esterel*, de Cannes.

Sáímos do carro e olhámos para o barco. Não vimos ninguém. O tio Rocco puxou de uma arma, em silêncio.

— Vamos a bordo — disse ele. Depois, virou—se para Kim.

— É melhor ficares no carro.

— Porquê? Acha que vai haver algum problema?

— Não sei — respondeu ele. — Mas não vou correr riscos.

— Olhou para mim. — Tens alguma arma?

Tinha a 9 mm que Gonzales me dera. Segui—o pela escada do portaló. Entrámos a bordo e fomos até ao salão, e depois à ponte.

O tio Rocco levantou a arma à minha frente e depois apontou. Estava um marinheiro caído no chão, debaixo do leme.

O tio Rocco voltou—se e conduziu—me por uma escada em espiral que levava às cabinas. Quando chegámos ao corredor, olhei para baixo. O general Gonzales estava caído no chão, com dois buracos de bala na cabeça. Rapidamente, o tio Rocco abriu a primeira porta. Alma estava estendida na cama, com a garganta aberta; havia sangue ensopado nos lençóis. Senti náuseas.

O tio Rocco empurrou—me para o corredor e pela escada acima. Olhei para ele.

— Porquê isto?

Ele abanou a cabeça, tristemente.

— É o negócio das drogas. Eu disse—lhe que não tentasse brincar com isto. Ela queria sair, mas estava a tentar um último golpe.

Senti—me agoniado.

— Que fazemos agora?

Sáímos do barco e ficámos em silêncio até chegarmos perto do carro. Peguei na mão de Kim e arrancámos para o hotel. Kim olhou para mim.

— Que aconteceu?

— Estão mortos — sussurrei.

Um olhar horrorizado passou—lhe pelo rosto. Começou a chorar.

— Meu Deus! Que vai ser daquela criança?

Isto foi há quatro anos. Passámos várias semanas em Nova Iorque, enquanto eu conhecia os executivos da Inter World Investments. Depois, voltámos para a Califórnia.

Um mês depois disso, Kim e eu casámo—nos em Las Vegas.

E eu perdi trinta e dois mil dólares ao bacará. Um mês depois de termos casado, adoptámos Angela, e dois anos depois tivemos um filho nosso. Um rapaz. Dei—lhe o nome de John, igual ao do meu pai.

Entretanto, o tio Rocco deixou Atlantic City e mudou—se para Nova Iorque. Alugou—me a casa. Parecia gostar da vida que levava. Mas eu tinha a sensação de que sentia saudades da acção.

Trabalhei todo o tempo, e em poucos anos a Inter World chegou quase ao topo das Maiores 500 da Fortune e tornou—se tão conhecida como a IBM.

Era muito tarde quando, uma noite, a tia Rosa me telefonou. Chorava.

— Rocco está na cama, a morrer, e quer ver—te antes de partir.

Estava em Nova Iorque na manhã seguinte. A tia Rosa estava sentada à porta do quarto, a chorar. As duas filhas estavam ao lado dela. Dentro do quarto, um padre muito jovem estava a rezar. Já dera a extrema unção ao tio Rocco.

O meu tio respirava com dificuldade. Estava uma enfermeira sentada numa cadeira, ao lado da cama. Tinha—o ligado a um monitor cardíaco. Estava a ser — lhe dado oxigénio. Tinha o rosto muito branco e parecia estar a sofrer muito. Toquei—lhe na mão cuidadosamente, para não deslocar a agulha do soro.

Ele virou — se lentamente e olhou para mim. Passado um momento, falou.

— Estou mesmo fodido — disse. Tentei animá—lo.

— Já vi pessoas em pior estado.

— Sei que sim — disse ele. — Mas já estavam mortas.

— Tio Rocco, de que se queixa? Disse que queria morrer na cama. Pois bem, aqui está.

— És um bom filho da mãe... Depois de tudo o que fiz por ti. Fiz a tua vida. És um dos homens mais ricos do mundo.

— Isso não é verdade. Só devo mais dinheiro do que qualquer outra pessoa.

Ele riu—se.

— És bem siciliano. O teu sangue pode ser meio judeu, mas no coração és um siciliano puro — disse ele, devagar. — És da família. És o filho que eu perdi.

— Nunca eu poderia substituir Angelo. Mas obrigado por dizer isso.

— Mas houve tempos — continuou ele — em que te odiei mesmo.

— Porque?

— Sei — disse ele — que mataste Angelo.

— Acabei—lhe com o sofrimento — disse eu —, porque gostava dele e porque ele me disse que devia ajudá—lo, porque éramos família.

O tio Rocco ficou calado por um momento.

— Eu sei disso — disse finalmente. — Alma disse—mo, há muitos anos. Disse—me que tentaste salvá—lo de todas as maneiras possíveis, mas não pudeste.

Moveu a outra mão.

— Tenho um anel nesta mão. Tira—mo. Lentamente, tirei—lho. Era um anel antiquado, de ouro, com um enorme diamante quadrado.

— Põe—o — disse ele. — Quero que fiques com ele. Ia deixá—lo a Angelo. Mas para mim, és Angelo.

Silenciosamente, enfiei o anel no dedo. Sentia—o muito pesado.

— Os médicos disseram—me que não terei de esperar muito — disse ele.

— Os médicos não sabem tudo — respondi. Ele sorriu—me.

— Estou—me nas tintas — disse. — Não quero esperar. Apertou a minha mão e fechou os olhos. Depois, os olhos abriram—se—lhe... e estava morto.

Era o dia a seguir ao funeral do tio Rocco, e eu estava sentado à mesa da sala de jantar dele, com um monte de papéis espalhados à minha frente.

Tinha recebido o último cheque do «secretário—geral». Estava a tratar de o transferir para a fundação do tio Rocco.

A criada entrou.

— Estão aqui uns amigos de Mr. Di Stefano para falar conSigo — disse a rapariga.

— Diz—lhes que entrem — respondi.

Entraram três velhos. Lembrava—me de os ter visto no funeral, mas não falara com eles nessa altura.

Agora falavam—me do tio Rocco, que conheciam desde muito novos. Também tinham conhecido o meu pai. Disseram que estavam tristes porque agora já não restavam muitos homens de honra.

— Mas Rocco — disse — me um deles — era um homem extraordinário. Nunca traiu a sociedade. Era realmente um homem de honra.

Agradei—lhes por terem vindo. Levantaram—se para sair, e um deles reparou no anel que o tio Rocco me dera.

— Conheço esse anel — disse o velho. — Era o anel do seu tio, e foi o anel do pai dele, do seu avô. Era um símbolo do verdadeiro Dom.

Antes que eu pudesse retirar a mão, o homem baixou—se e beijou o anel. Um momento depois, os outros dois fizeram o mesmo. Olharam para mim, e tinham lágrimas nos olhos.

— Que Deus esteja consigo, Dom Jed — disseram—me. E saíram.

Fiquei sentado por alguns momentos e olhei para os papéis. As lágrimas começaram a rolar—me pela cara.

Sabia que era um homem vulgar. E que era americano, e não siciliano.

Mas para aqueles três velhos, eu era o Padrinho...

FIM